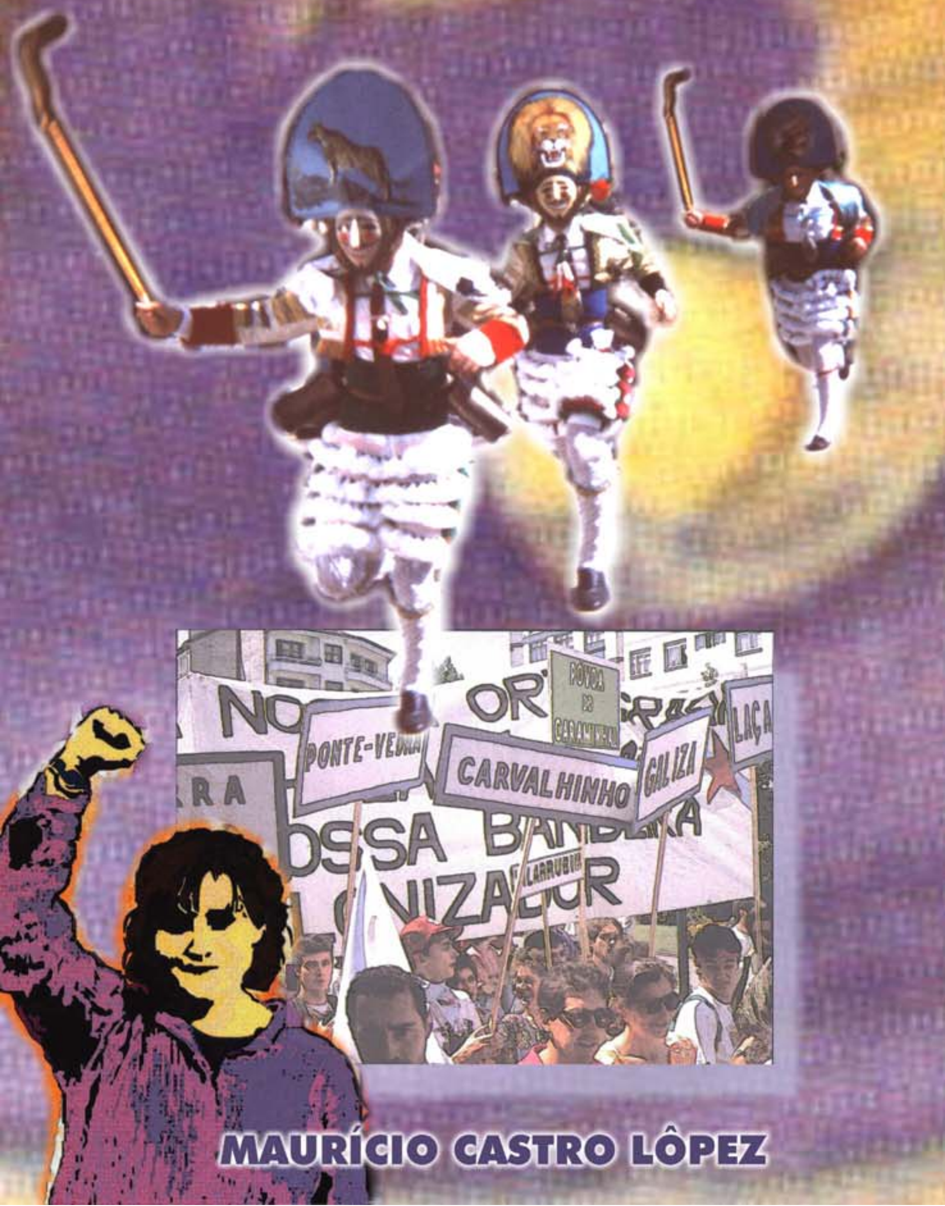
MANUAL DE INICIAÇOM À LÍNGUA GALEGA

Sociolingüística, morfosintaxe, ortografia e léxico



MAURÍCIO CASTRO LÔPEZ

MANUAL DE INICIAÇOM À LÍNGUA GALEGA

Sociolingüística, morfossintaxe, ortografia e léxico

MAURíCIO CASTRO LOPES

EDITAM:

AGAL 25 1981-2006
www.agal-gz.org

ARTÁBRIA fundaçom

Travessa de Batalhons nº 7, rés-do-chao, Esteiro - 15403 Ferrol (GALIZA)

Primeira ediçom em papel: Julho de 1998
Primeira ediçom digital: Julho de 2006
ISBN: 84-605-7605-1
Ferrol, GALIZA

Agradecimentos:

Isabel Cao, Alexandre Pérez, Mónica Padim, Paulo Rico, Gonçalo Grandal, Elvira Souto, Bárbara Primo, Antom Cortiças, Martinho Montero, Marisol Castro, Javier Sánchez, Joám Paz e Mª Remédios Rodriguez.

Dedicatória**:**

A esses **8'6 %** de gente nova do Concelho de Ferrol que, segundo o último inquérito sociolingüístico -1993-, continuam a viver em galego.

Um manual imprescindível e desmitificador

Tenho de reconhecê-lo, nunca fum um grande leitor de livros mas... talvez por acaso, duas leituras marcárom e acompanhárom o meu acordar lingüístico. O primeiro acordar aconteceu para me rebelar perante aquilo que achava umha anormalidade -por vezes cheguei a pensar que minha própria- a respeito da língua que eu falava e que «os meus» falavam e que diferia na altura daquela na qual éra(mos) educado(a)s na escola. E nom foi um livro muito volumoso, nem sequer um autor que esteja nos lábios de todo o mundo, o que me fijo reafirmar a luita pola minha normalidade linguística.

A versom galega, publicada por Xerais na sua colecçom Xabarin, de «A Chamada da Selva», de Jack London, lida por mim no ano 1984, marcou essa primeira etapa. Foi, hei de dizê-lo, além do lingüístico. Mesmo anos depois, quando voltava a reler a magnífica história que relata e o facto de ter lido umha «dublagem» literária para galego (embora fosse ILG-RAG, ou qualquer cousa parecida) continuava a me apaixonar – e continua.

O meu segundo acordar lingüístico acontecia no ano 1998. Depois de ter conhecimento dos diversos caminhos para a língua, nom conseguira, todavia, entender bem algumhas chaves básicas (eis que, contodo, o ensino do meu galego por via educativa apenas tinha ficado numha questom reivindicativa, o qual, se calhar, já nem é pouco). Numha das minhas freqüentes visitas à livraria Torga, o gerente dessa magnífica loja sugerira-me a leitura do «Manual de Iniciaçom à Língua Galega», assinado por um tal Maurício Castro.

Sei bem, sei bem, o inculto era eu. Mas conforme fum lendo o manual, fum entrando num universo que até entom me tinham «ocultado» intencionadamente. O manual do Prof. Castro Lopes nom só me fijo perder o medo à alegada complexidade etimológica da proposta ortográfica reintegracionista, também fijo com que reflectisse em profundidade acerca da sociolingüística galega e o seu, o nosso léxico... E comecei a recuperar o perdido, e deixei de corrigir mesmo o meu caro avô materno para me começar a corrigir a mim próprio.

Guardo na gaveta com muito carinho aquela ediçom –hoje esgotada- do «Manual de Iniciaçom à Língua Galega» publicada sob a chancela da Fundaçom Artábria. Tenho nela inúmeros apontamentos, além de umhas páginas muito folheadas.

Anos depois, quando a minha dedicaçom ao Portal Galego da Língua me fijo trabalhar conjuntamente com o Prof. Maurício Castro, surgiu a ideia da reediçom deste magnífico manual. Várias razons fundamentavam a necessidade; resumindo-as: a simplicidade e a facilidade da sua leitura iam de maos dadas com umhafantástica explicaçom e introduçom na correcta escrita e conhecimento da língua galega, abrangendo a sua dimensom lusófona. Além de mais, os inúmeros pedidos para dependurarmos na rede um guia, ou qualquer cousa que ajudasse a iniciar-se na proposta agálica, figérom o resto.

Por isso agora surge esta ediçom digital, revista e corrigida nalguns pontos polo Prof. Castro Lopes e que, fago votos, será antecipo de umha futura ediçom em papel que venha a complementar outros trabalhos voltados para um ensino teórico-prático -e sem fronteiras- da língua, avançando no seu conhecimento e, portanto, aperfeiçoando-a, algo que na Galiza é mais do que necessário nos dias de hoje. Só assim também caminharemos melhor na sua normalizaçom.

Ourense, 23 de Julho de 2006

Vítor Manuel Lourenço Peres. Director do PGL (Portal Galego da Língua)

Breve introduçom à ediçom digital de 2006

Quando se cumprem oito anos da primeira ediçom deste Manual de Iniciaçom à Língua Galega, e a pedido dos companheiros e companheiras do Portal Galego da Língua, apresentamos a primeira ediçom digital da mesma obra, esgotada já na sua versom em papel há uns quantos anos.

Tal e como se afirmava no Prefácio original, a obra supujo no seu dia umha tentativa de favorecer o acesso ao uso, principalmente escrito, da nossa língua na forma reintegrada, numha altura em que existiam poucas vias de contacto directo com o galego escrito consoante os critérios que em 1983 estabeleceu a Associaçom Galega da Língua.

A boa acolhida do Manual, que carecia de grandes aspiraçons para além de servir de ferramenta de auto-aprendizagem da língua à gente nova e com um certo grau de consciência lingüística, ficou patente, no que como autor me di respeito, nos comentários de pessoas que, com o passar dos anos, fum conhecendo nos âmbitos em que existe essa preocupaçom comum polo futuro da língua. Algumhas delas, hoje boas amigas, revelárom-me o papel positivo que para elas tinha tido este livrinho na sua formaçom inicial.

Nada pode supor maior satisfaçom, para quem elaborara umha ferramenta como esta, do que comprovar que, com efeito, os objectivos que moveram à sua criaçom tivérom algumha concreçom, por mais que provavelmente seja precisa umha nova ediçom em papel que actualize alguns aspectos e até reoriente a apresentaçom dos conteúdos tornando-a mais atraente e efectiva.

Por enquanto, nesta primeira ediçom electrónica nom se realizou essa actualizaçom. Unicamente houvo umha pequena revisom para emendar alguns erros, limpar gralhas e melhorar um bocadinho alguns aspectos da expressom. De resto, os acréscimos som mínimos.

Continua pendente umha possível reediçom, revista, melhorada e em papel, que quanto a mim, gostava que pudesse ser novamente assumida pola Fundaçom Artábria, responsável pola ediçom original. Entretanto, fica gratuitamente a dispor de quem visitar o Portal Galego da Língua e outros webs amigos que acharem de interesse disponibilizar este Manual de Iniciaçom à Língua Galega que, além do mais, coincide com a feliz comemoraçom dos 25 primeiros anos da AGAL.

Maurício Castro Lopes. Ferrol, Terra de Trasancos, Julho de 2006.

Prefácio

Seríamos muito pretensiosos se dixéssemos que o livro que tés nas tuas maos tem como objectivo preencher a grave lacuna que supom a ausência de um ensino integral e normalizado da nossa língua. Nom pode a ediçom de um simples manual preencher lacuna semelhante, e será apenas o trabalho sem concessons dos sectores sociais comprometidos com o galego que consiga encarreirar polo caminho da autêntica normalizaçom o ensino lingüístico. Isso, se entre todos e todas conseguirmos dar umha viragem de cento e oitenta graus e situar o idioma no centro das necessidades colectivas da Galiza como naçom por normalizar. Se assim nom for, nem este manual nem mais mil como ele servirám para evitar a vertiginosa queda de funcionalidade e usos que avança em progressom quase geométrica e ameaça com fazer desaparecer o galego-português do mundo real na Galiza, ficando talvez reduzido a língua livresca de transmissom cultural ao estilo do latim ou similar.

Qual é, entom, o fim deste Manual de Iniciaçom à Língua Galega?

Quando nos decidimos a elaborá-lo, moveu-nos o intuito de reunir, de umha parte, alguns dos que julgamos mais interessantes contributos da sociolingüística aplicada ao caso galego. Com efeito, o primeiro passo para tomarmos consciência das necessidades do galego é conhecermos o fundamental da teoria social das línguas. De outra parte, apresentamos, de maneira resumida, os aspectos mais importantes da gramática galego-portuguesa. Tentamos assim evitar à pessoa interessada no aprendizado básico da língua ter que recorrer às grossas gramáticas e aos áridos prontuários.

O Manual está pensado para pessoas que partem já de umha consciência favorável à língua, umha motivaçom que até hoje nom achava no mercado editorial o instrumento para se aproximar do conhecimento do galego de maneira autodidáctica sem ter que se converter em especialista.

Corremos o risco de deixar de fora aspectos de importáncia , e até de incluir outros menos salientáveis. Também podemos, por vezes, cair na superficialidade de umha descriçom nom exaustiva dos diferentes temas. Mas assumimos estes e outros possíveis defeitos pola procura dos fins acima citados. Em todo o caso, ficaremos contentes se a detecçom dessas ou outras eivas mover a novas iniciativas mais ambiciosas e efectivas. Isso suporia um passo mais da comunidade galegófona na via do autoconhecinento e autoconstruçom como comunidade nacional, fim último de todos e todas.

Ferrol, Terra de Trasancos, Abril de 1998.

tema primeiro

A língua da Galiza

As três bandas verticais

Será conveniente, antes de introduzirmo-nos no estudo sociolingüístico e gramatical do galego, situarmo-lo entre o conjunto das línguas neolatinas com que está directamente aparentado e, em concreto, entre as da Península Ibérica, que som conhecidas polo nome de **Iberorromances**.

Do ponto de vista lingüístico, a Península pode ser dividida em três grandes blocos verticais, segundo nos dim os estudos filológicos do âmbito romance:

o **Catalano-Valenciano**, sistema ponte ou de transiçom entre os Galorromances e os Iberorromances;

o **Castelhano-Andaluz**, ou Iberorromance Central; e

o **Galego-Português**, diassistema lingüístico extremo-ocidental entre todos os derivados do latim na Europa.



Para além destes idiomas, há que lembrar que existem ainda hoje outros dous, o asturiano e o aragonês, numha situaçom muito fraca e sem quase reconhecimento legal. E, já fora do âmbito románico, Euskal Herria possui o que se considera idioma vivo mais antigo da Europa, de origem ainda incerta: o euskara.

Quanto à identificaçom genética do galego, cumpre recordar que tanto os lingüistas, como a tradiçom galeguista que parte do século XVIII, som praticamente unánimes ao afirmarem a unidade lingüística galego-portuguesa.

«Pol-o idioma -e un idioma é unha civilización- a Península Ibérica divídese en tres bandas verticás: a banda galego portuguesa, a banda castelán e a banda catalana».

Este breve texto de Vicente Risco resume a ideia, desenvolvida por outras personalidades do nosso nacionalismo histórico: o Padre Feijoo, António de la Iglésia, M. Murguia, Joám Vicente Biqueira, Vilar Ponte, Castelao, Carvalho Calero,...



A língua galego-portuguesa na península

A história medieval das três grandes bandas aludidas por Risco tem características comuns que a seguir resumimos. Com efeito, as três línguas (catalám, castelhano e galego) nascêrom no norte e estendêrom-se para o sul levadas polos repovoadores das terras conquistadas aos mussulmanos, dando lugar às variantes valenciana, andaluza e portuguesa de cada umha.

O **galego**, formado por volta do século IX, começa a sua história escrita no século XIII, acolhendo umha vasta produçom em textos nom literários e umha riquíssima literatura lírica até o XIV, o que o leva a ser língua de uso internacional nesse âmbito de criaçom.

No entanto, a história lingüística das três «*bandas verticás*» diverge como conseqüência do caminho específico de cada umha.

O **catalám** mantém a sua normalidade enquanto o seu território nom cai sob o poder castelhano, e ainda no período de maior domínio espanhol, nom deixará de ter produçom escrita, o que explica a conservaçom das grafias patrimoniais na base da escrita actual. Contodo, nem faltárom entre os séculos XVII e XIX os partidários de adoptar grafias espanholizantes como o <ñ>. Afinal, a escrita histórica serviu de alicerce das *Normes Ortográfiques* de 1913, e da relativa concórdia actual neste importante aspecto.

O **castelhano** converte-se em idioma-estandarte do Reino de Castela na sua política expansionista na península e, posteriormente, em boa parte do mundo, mercê da conquista ultramarina. O centro político acha-se no norte (Valhadolid primeiro e Madrid depois), o que terá o seu reflexo no estándar, construído a partir da corte primitiva e mantido após a deslocaçom a Madrid (isto explica que hoje nom coincida exactamente com nengum

falar geograficamente localizado).

Na banda ocidental, a pouca fortuna histórica da Galiza levou-na a sofrer já desde o século XIV os efeitos da expansom castelhana, confirmada no século XV polos Reis Católicos e a sua *Doma y Castración del Reino de Galicia*. Em termos lingüísticos, isto supujo a reduçom do galego a língua **só oral** e **só popular**, quer dizer, afastada dos usos formais e escritos ao nom contar com umha classe dirigente autóctone que o figesse língua de um Estado galego moderno.

A inexistência, a partir do século XIX, de umha burguesia autóctone que figesse seu o uso do idioma do País empeceu a extensom da consciência lingüística e da necessidade de recuperá-lo. Isto explica o atraso galego a respeito da Catalunha, onde sim surgiu essa classe dirigente autóctone, defensora do catalám, que servindo de referência no comportamento social, favoreceu a autoestima lingüística do povo.



No sul, um pedaço da Galiza Bracarense atingiu a prezada independência, dando ao galego a categoria de língua do novo Estado, cuja capital acabará por estabelecer-se em Lisboa. Este facto determinará o peso do galego lusitano (do Portugal centro-meridional) na criaçom do estándar português.

No entanto, a unidade estrutural do idioma galego-português mantém-se, de forma similar ao castelhano-andaluz e ao catalám-valenciano. Contodo, a importáncia das fronteiras políticas e da sua projecçom ideológica sobre os factos lingüísticos demonstra-se na posta em dúvida da unidade catalano-valenciana e galego-portuguesa, enquanto ninguém questiona que andaluz e castelhano fagamparte de um mesmo e prestigioso idioma, apesar de existir tanta distáncia entre as falas do sul e do norte do território central, como entre as do sul e norte das outras duas bandas verticais.

A territorialidade e o nome

O galego estende-se, segundo vimos, por todo o ocidente peninsular, de Estaca de Vares a Faro, sendo língua oficial do Estado português. Esta circunstáncia explica que seja mundialmente conhecido por esse nome, ainda que seja geneticamente mais rigoroso chamá-lo galego. Combinando ambos os critérios, podemos denominá-lo **galego-português**.

A nossa língua sobrevive nom só dentro dos limites fronteiriços

que encerram o País numha comunidade autónoma -quatro províncias- administrativamente espanhola. Existem ainda comarcas galegas pertencentes às comunidades autónomas das Astúries e Castela e Leom, que conformam o que o nacionalismo galego histórico denomina *A* Galiza Irredenta. Os mais de setenta mil habitantes destas terras, que dérom à história da Galiza vultos da importáncia de Armando Cotarelo Valedor ou o Padre Sarmento, carecem de qualquer protecçom legal como falantes de galego-português (por nom terem, nem tenhem reconhecida a sua condiçom de galegas).



1-Galiza e Portugal.2-Açores.3-Madeira.4-Cabo-Verde.5-Guiné Bissau.6-Brasil.7-S. Tomé-e-Príncipe.8-Angola.9-Moçambique.



Territórios galegos sob administraçom asturiana e castelhano-leonesa (sem qualquer direito lingüístico reconhecido).

Qualquer tentativa séria de planificaçom lingüística deverá contar, logo, com estas comarcas, tam galegas como quaisquer outras da nossa naçom.

Aliás, o galego-português foi levado fora da Europa polo imperialismo português a lugares tam diversos como o Brasil, Angola, ou Timor Leste, convertendo-o num dos mais falados do mundo. Em próximos temas faremos referência à dimensom internacional do galego e as implicaçons que tal facto tem para o idioma e para nós, os falantes.

Ortografia

Alfabeto gráfico e fonético

Passamos a introduzir-nos no aprendizado do padrom galego, começando polos alfabetos gráfico e fonético, quer dizer,

LETRA	NOME	FONEMA	EXEMPLOS	OBSERVAÇONS
cf.=confrontar				
A	á	/a/	*Alhariz, mao*	
B	bê	/b/	*Berço (cf. ouvir)*	Um único fonema corresponde-se com duas grafias (b, v)
C	cê	s - θ	*Céu, toucinho*	Umha grafia corresponde-se com duas possíveis pronúncias, distribuídas territorialmente (sesseante e ceceante).
Ç	cê cedilhado	s - θ	*Justiça, naçom*	
D	dê	/d/	*Doutor*	
E	é	/e/	*Pê*	Umha grafia corresponde-se com dous fonemas, diferenciando palavras.
		ε	*Pé*	
F	efe	/f/	*Fôssil, ferro*	
G	gê/guê	/g/	*Galiza*	Umha grafia (g) corresponde-se com duas pronúncias e um fonema com três grafias (x, j, g).
		ʃ	*Ginástica (cf. janela, enxame)*	
H	agá		*Harmonia*	Umha grafia sem qualquer pronúncia.
I	i	/i/	*Inquérito*	
J	jota	ʃ	*Janela (cf. enxame, ginástica)*	Um único fonema corresponde-se com três grafias.
L	ele	/l/	*Lixo*	
M	eme	/m/	*Mulher*	Umha única grafia corresponde-se com dous fonemas.
		ŋ	*Nom*	
N	ene	/n/	*Nó*	
O	o	/o/	*Pô-la*	Umha única grafia corresponde-se com dous fonemas, diferenciando palavras.
		ɔ	*Pola*	
P	pê	/p/	*Pêssego*	
Q	quê	/k/	*Queijo*	
R	erre	/r/	*Rato*	Umha única grafia corresponde-se com dous fonemas
		ɾ	*Maré*	
S	esse	/s/	*Analisar (cf. necessitar)*	Um único fonema corresponde-se com duas grafias (s, ss).
T	tê	/t/	*Tabela*	
U	u	/u/	*Umbigo*	
V	uvê	/b/	*Ouvir (cf. berço)*	Um único fonema corresponde-se com duas grafias (b, v).
X	xis	ʃ	*Enxame (cf. janela, ginástica)*	Umha grafia (x) corresponde-se com três fonemas e um fonema com três grafias (x, j, g).
		/ks/	*Fixar*	
		/s/	*Extenso*	
Z	zeta	s - θ	*Dizer*	Umha grafia corresponde-se com duas pronúncias, distribuídas territorialmente (sesseante e ceceante).

1

DÍGRAFO	NOME	FONEMA	EXEMPLOS	OBSERVAÇONS
CH	**cê agá**	**tʃ**	***Cheirinho***	
GU	**gê u**	**/g/**	***Gueixa***	
LH	**ele agá**	**ʎ**	***Carvalho***	
MH	**eme agá**	**ŋ**	***Umha***	
NH	**ene agá**	**ɲ**	***Corunha***	
QU	**quê u**	**/k/**	***Queijo***	
		/k/ - /kw/	***Quando***	**Umha grafia corresponde-se com dous fonemas em distribuiçom territorial.**
RR	**erre duplo**	**/r/**	***Ferreiro***	
SS	**esse duplo**	**/s/**	***Necessitar (cf. analisar)***	**Um único fonema corresponde-se com duas grafias (s, ss).**

a base sobre a qual assentam os dous planos em que se manifesta a nossa língua: o escrito e o oral.

Para além das letras e dígrafos das tabelas de acima, a escrita do galego inclui algumhas outras grafias de origem estrangeira, de uso muito reduzido: o **K (capa)**, o **W (uvê duplo)** e o **Y (ípsilo).** Vejamos alguns exemplos do uso de cada umha.

Kg.(abreviatura de quilo) — *W (Oeste, volfrámio, vátio)*
W.C. (water-closet) — *Kremlin*
Poker — *Darwin*
Euskal Herria — *Water-polo*
Whisky — *Penalty*

Contodo, a maior parte dos nomes tomados doutros idiomas som adaptados graficamente ao nosso:

Nova Iorque — *Capa*
Pequim — *Folclore*
Sanduíche — *Iogurte*
Ioga — *Jugoslávia*
Quénia — *Curdistám*
Quiosque — *Cansas*
Guipúscoa — *Jóquei*
Ianque

Grafias de uso sistemático

A escrita patrimonial galega, partindo de umha substancial confluência com as outras línguas romances, conta no entanto

com alguns traços que lhe dam entidade dentro desse grande âmbito lingüístico. Entre eles, acham-se umha série de letras e dígrafos de fácil aprendizado, por nom estar o seu uso sujeito a distribuiçons irregulares ou excepçons.

NH (ene agá)

Em latim nom existia o fonema palatal que hoje representamos com o dígrafo ***nh***. Em espanhol, este som deriva maioritariamente do encontro de dous enes latinos, polo que se optou por representá-lo de modo abreviado, colocando um ene pequeno sobre outro ene. O resultado foi o ***eñe*** (**ñ**). Em galego, no entanto, o ene duplo latino simplificou-se dando um ***ene***:

Lat. CANNAM, Esp. caña, Gal. cana.

O som palatal nasal deriva no nosso idioma maioritariamente do encontro de um ***ene*** e um ***i*** latinos: *SENIOREM > senhor*. Como essa seqüência **<*ni*>** já existia em galego para representar outros sons, optou-se no século XIII pola grafia ***nh***, tomada do provençal.

Como vimos na tabela da página 13, este dígrafo corresponde-se sempre com o fonema /ɲ/, caracterizando o galego face a outros idiomas como o francês, que optou polo dígrafo ***gn***, o catalám, que emprega o ***ny*** com o mesmo valor, ou o espanhol, que usa a letra ***ñ***, o seu autêntico símbolo.



Poemário de E. Guerra da Cal, editado por Galáxia em 1963 com ortografia reintegrada

Amanhecer	*Vizinho*
Minho	*Espanha*

LH (ele agá)

A origem da grafia **ele agá** é parelha à do **ene agá**: trata-se de umha inovaçom gráfica que serviu para representar um fonema inexistente em latim. O espanhol adoptou o uso do *ele duplo* ***<LL>***, por ser essa a seqüência gráfica donde nasceu o novo fonema habilitado, mas o *ele duplo* latino simplificou-se em galego, dando como resultado um *ele simples*.

Lat. CASTELLUM, Esp. Castillo, Gal. Castelo.

Na nossa língua, esse fonema procede maioritariamente do

grupo **<*li*>** e, de novo, por ter já umha outra correspondência fónica esta seqüência, se impujo o uso do dígrafo ***ele agá***, que se corresponde sempre, portanto, com o fonema palatal lateral sonoro /ʎ/. Esta correspondência tradicional vê-se ameaçada nom apenas pola imposiçom das grafias espanholizantes, mas também pola sua substituiçom em favor do alveolar fricativo sonoro /ɟ/, a partir da generalizaçom desde o espanhol do fenómeno conhecido com o nome de *yeismo*.

Palha *Folha* *Filha* *Velho*

CH (cê agá)

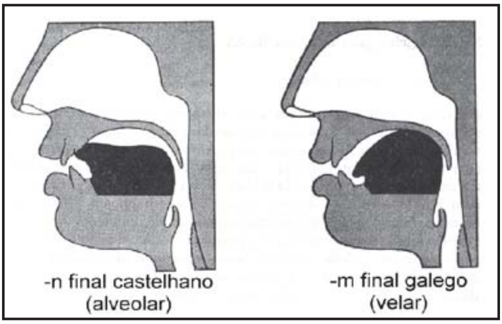
Paralelamente aos anteriores, este dígrafo representa um novo fonema romance. Era habitual recorrer à letra agá para a criaçom de novos signos escritos, ao ser esta umha letra vazia (sem correspondente fónico), permitindo facilmente o seu uso referencial sem qualquer confusom. O **cê agá** representa o som africado surdo **/tʃ/** e, como o resto dos dígrafos, nom ocupa um lugar próprio nos dicionários, senom que vai incluído na primeira letra que o compom, neste caso no cê.

Chover *Encher* *Chamar* *Fecho*

GU (gê u)

Usa-se ante ***<e>***, ***<i>***, com o valor fónico ***/g/***.

Guedelha *Guiço* *Guerrilha* *Guia*



-M (eme em posiçom final de palavra)

O som nasal em final de palavra pronuncia-se de modo diferente em galego e em espanhol. Neste idioma é normalmente **alveolar**, enquanto no nosso é **velar**. Podemos pôr como exemplo a pronúncia que um espanhol daria à frase *Fala* ***com este***, que grafada em galego corresponderia com *Fala* ***coneste*.** Em

espanhol, a ponta da língua toca os alvéolos; em galego leva-se a base da língua ao véu do paladar, na parte traseira da boca.

Portanto, essa nasalidade consonántica de final de palavra é representada em galego por um ***eme***, e nom polo ***ene*** espanhol que, como vimos, tem um valor diferente.

Fim	*Além*	*Comêrom*	*Bom*

MH (eme agá)

Corresponde-se sempre com o fonema nasal velar sonoro /ŋ/, e só se usa em:

Umha(s)	*Algumha(s)*	*Nengumha(s)*

QU (quê u)

Representa o fonema ***/k/*** e vai sempre ante **<*e*>**, **<*i*>**:

Quem	*Quintal*	*Querer*	*Queixinhas*

Também se usa diante de **<*a*>** em determinadas palavras, representando a dupla correspondência fónica ***/k/*** ou ***/kw/***, ambas existentes em galego e consideradas correctas no léxico patrimonial, sendo preferível a segunda para a pronúncia de cultismos e semicultismos.

Quadrado	*Qual*	*Qualidade*	*Quantidade*
Qualificar	*Qualquer*	*Quando*	*Liquar*
Quanto	*Quarenta*	*Quaresma*	*Quartel*
Quarto	*Quartzo*	*Quase*	*Quatro*
Aquário	*Equaçom*	*Equánime*	*Esquadra*
Esquálido	*Adequado*	*Antiquar*	

Por último, o **quê u** pode anteceder as letras **<*e*>**, **<*i*>**, **<*o*>**, correspondendo-se com a pronúncia ***/kw/***:

Quociente	*Quórum*	*Quota*	*Quotizar*
Aqüeduto	*Eqüestre*	*Seqüela*	*Freqüente*
Eloqüência	*Seqüência*	*Seqüestro*	*Eloqüência*
Ventríloquo	*Delinqüência*	*Conseqüência*	*Antiqüíssimo*

RR (erre duplo)

Corresponde-se sempre com o fonema ***/r/***, e usa-se só em posiçom intervocálica.

Bezerro	*Espirrar*	*Farrapo*	*Cigarro*

Com as nossas palavras

Topónimos e gentílicos

Galegos e lusófonos

Alhariz: alaricanos e alaricanas.

Arousa: arousáns e arousás.

Arçua: arçuáns e arçuás.

Bezerreá: bezerreenses.

Bergantinhos: bergantinháns e bergantinhás.

Betanços: betanceiros e betanceiras.

Berço: bercianos e bercianas.

Bolo: boleses e bolesas.

Braga: bracarenses.

Burela: burelenses.

Caldas de Reis: caldenses.

Camarinhas: camarinháns e camarinhás.



Cambados: cambadeses e cambadesas.

Cangas: cangueses e canguesas.

Carvalhinho: carvalhineses e carvalhinesas.

Carvalho: carvalheses e carvalhesas.

Carnota: carnotáns e carnotás.

Castro Caldelas: caldelaos e caldelás.

Cedeira: cedeirenses.

Cela-Nova: cela-noveses e cela-novesas.

Chantada: chantadinos e chantadinas.

Coimbra: coimbraos e coimbrás.

Compostela: compostelanos e compostelanas.

Courel: courelanos e courelanas.

Deça: deçáns e deçás.

Estrada: estradenses.

Fene: feneses e fenesas.

Ferrol: ferrolanos e ferrolanas.

Fisterra: fisterráns e fisterrás.

Fonsagrada: fonsagradinos e fonsagradinas.

Foz: fozenses.

Guarda: guardeses e guardesas.

Guimarães: vimaranenses.

Jalhas: jalheiros e jalheiras.

Lalim: lalinenses.

Límia: limiaos e limiás.

Lisboa: lisboetas.

Lugo: lucenses.

Malpica: malpicáns e malpicás.

Marim: marinenses.

Melide: melidenses.

Moanha: moanheses e moanhesas.

Mondonhedo: mindonienses.

Monforte: monfortinos e monfortinas.

Mugardos: mugardeses e mugardesas.

Muros: muradáns e muradás.

Mugia: mugiáns e mugiás.

Noia: noieses e noiesas.

Ogrobe: ogrobenses.

Ordes: ordenenses.

Ortigueira: ortigueireses e ortigueiresas.

Ourense: ourensanos e ourensanas.

Póvoa de Trives: triveses e trivesas.

Ponte-Areias: ponte-areáns e ponte-areás.

Ponte-Caldelas: caldeláns e caldelás.

Pontedeume: eumeses e eumesas.

Ponte-Vedra: ponte-vedreses e ponte-vedresas.

Porrinho: porrinheses e porrinhesas.

Porto: portuenses.

Rianjo: rianjeiros e rianjeiras.

Ribadávia: ribadavienses.

Ribadeu: ribadenses.

Ribeira: ribeiráns e ribeirás.

Rio de Janeiro: Fluminenses ou cariocas.

Salnês: salnesáns e salnesás.

Sárria: sarriáns e sarriás.

Terra Chá: chairegos e chairegas.

Tui: tudenses.

Ulha: ulháns e ulhás.

Valdeorras: valdeorreses e valdeorresas.

Valedouro: valedoureses e valedouresas.

Verim: verineses e verinesas.

Viana do Bolo: vianeses e vianesas.

Vigo: vigueses e viguesas.

Vila-Garcia: vila-garcianos e vila-garcianas.



Vilalva: vilalveses e vilalvesas.

Viveiro: viveirenses.

Zebreiro: zebreiregos e zebreiregas.

Estrangeiros

África: Africanos e africanas.

Angola: Angolanos e angolanas.

Argélia: Argelinos e argelinas.

Chade: Chadianos e chadianas.

Etiópia: Etíopes.

Guiné-Bissau: Guineenses.

Madagáscar: Malgaxes.

Marrocos: Marroquinos e marroquinas.

Moçambique: Moçambicanos e moçambicanas.

Sara: Sarauis.

Tunísia: Tunisinos e tunisinas.

América: Americanos e americanas.

Brasil: Brasileiros e brasileiras.

Canadá: Canadianos e canadianas.

Colômbia: Colombianos e colombianas.

Equador: Equatorianos e equatorianas.

Nicarágua: Nicaraguanos e nicaraguanas.

Peru: Peruanos e peruanas.

Porto-Rico: Porto-riquenhos e Porto-riquenhas.

Venezuela: Venezuelanos e venezuelanas.

Ásia: asiáticos e asiáticas.

Afeganistám: Afegaos e afegás.

Azerbaijám: Azerbaijanos e azerbaijanas.

Camboja: Cambojanos e cambojanas.

China: Chineses e chinesas.

Coreia: Coreanos e coreanas.

Índia: Indianos e indianas.

Irám: Iranianos e iranianas.

Iraque: Iraquianos e iraquianas.

Palestina: Palestinianos e palestinianas.

Vietname: Vietnamitas.

Europa: Europeus e europeias.

Alemanha: Alemáns e alemás.

Boémia: Boémios e boémias.

Bósnia: Bosnianos e bosnianas.

Bretanha: Bretons e bretoas.

Catalunha: Cataláns e catalás.

Córsega: Corsos e corsas.

Dinamarca: Dinamarqueses e dinamarquesas.

Espanha: espanhóis e espanholas.

Flandres: Flamengos e flamengas.

França: Franceses e francesas.

Jugoslávia: Jugoslavos e jugoslavas.

Noruega: Noruegueses e norueguesas.

Roménia: Romenos e romenas.

Rússia: Russos e russas.

Sardenha: Sardos e sardas.

Suíça: Suíços e suíças.

Oceánia: Oceánicos e oceánicas.

Havai (Ilhas): Havaianos e havaianas.

Nova Guiné: Neoguineenses.

Nova Zelándia: Neozelandeses e neozelandesas.

Timor: Timorenses ou mauberes.

Bibliografia recomendada do tema primeiro

R. Carvalho Calero. Da fala e da escrita. Galiza Editora.

Martinho Montero Santalha. Método prático da língua galego-portuguesa. Galiza ed.

VV.AA. Prontuário ortográfico moderno. Ed. Asa.

VV.AA. Estudo crítico das normas ILG-RAG. Agal.

História da língua em banda desenhada. Ass. Reintegracionista Meendinho.

História da Galiza em banda desenhada. Ass. da Língua Artábria.

Tema segundo

Sociolingüística

Conceitos fundamentais

Umha comunidade emprega normalmente um único código lingüístico que, para além da sua funçom comunicativa, serve de elemento caracterizador e autoidentificativo dessa comunidade, motivo polo qual o idioma que cumpre este papel costuma ser denominado ***Língua Nacional***. O uso social de mais línguas num mesmo contexto devém umha duplicidade antieconómica, bem como umha agressom a um dos mais claros ingredientes do que chamamos património cultural dos povos.

A presença dessa segunda língua, certificada hoje em dia em tantos países do mundo, é umha das mais claras manifestaçons da existência de um processo de assimilaçom cultural de umha comunidade por outra. A tensom entre a imposiçom da língua alheia e a resistência da língua nacional produz o que chamamos ***Conflito Lingüístico***. O estudo da situaçom social das línguas pode, portanto, servir-nos para evidenciar o grau de desigualdade e dependência entre umhas comunidades nacionais e outras.

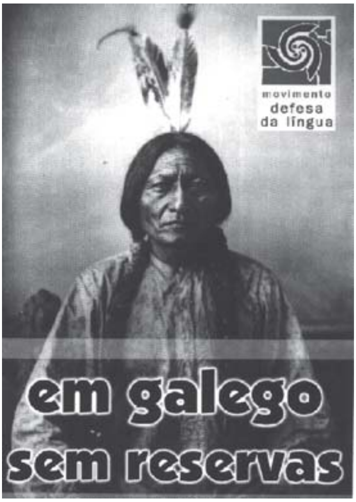


Neste tipo de situaçons, o Estado colonizador conta com o poder e utiliza-o para impor a sua política lingüística e cultural, que geralmente se inscreve num mais amplo projecto político que parte da negaçom de qualquer direito colectivo do colectivo humano agredido a existir como comunidade diferenciada. Dependendo do

momento histórico, o Estado poderá proibir, silenciar ou reprimir as aspiraçons de existência da língua dominada (como aconteceu com o galego e a Galiza no franquismo). Ou poderá optar por efectivar a sua política com os mesmos fins estratégicos, mas pseudodemocraticamente. É o contexto actual no nosso país, caracterizado polo reconhecimento formal de que o galego existe, plasmado no seu estatuto de cooficialidade. O que antes era umha política de negaçom nua e crua dos direitos lingüísticos colectivos, hoje torna-se promoçom e cuidado das *"outras línguas oficiais",* com o olhar posto num suposto ***Bilingüismo Harmónico***, convivência em pé de igualdade de ambas as línguas, a própria e a alheia.

Já vimos alguns conceitos básicos da sociolingüística como o de conflito lingüístico. Vejamos outros que nos ajudem a perceber melhor este tipo de contextos.

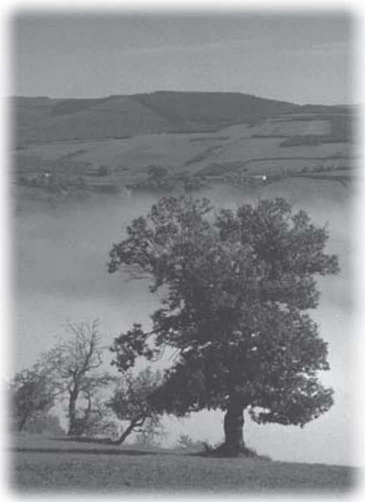
O BILINGÜISMO



O ***Bilingüismo*** é um conceito adscrito ao plano individual, consistente no conhecimento de duas línguas por parte de um mesmo falante. Como tal, nom só um fenómeno realizável, mas também recomendável e enriquecedor. Deve-se, pois, defender o conhecimento de quantos mais idiomas melhor entre as pessoas, ao lado do respeito da territorialidade lingüística ou ***Ecolingüismo***, quer dizer, do respeito ao direito de cada povo a se desenvolver culturalmente sem ingerências alheias, com o seu idioma como único veículo de comunicaçom social interna. Este é o motivo de que, no terreno da normalizaçom de um idioma minorizado, as leis devam partir de que as línguas som sobretodo instrumentos de uso social, promovendo-as em funçom desta natureza intrínseca que as caracteriza.

No entanto, o conceito de ***bilingüismo*** tem sido apropriado polos defensores da assimilaçom pseudodemocrática, e posto ao serviço da sua política lingüística. Assim, fomentou-se a confusom entre o plano individual e o colectivo, e nasceu o ***bilingüismo harmónico*** como suposto fim último da sua política que, paradoxalmente, unicamente se ocupa da dimensom individual no reconhecimento legal do idioma submetido, chegando a fazer de

aquelas pessoas que optam polo galego autênticos *objectores de consciência*, como atinadamente definira Carvalho Calero. Com efeito, o galego é hoje objecto de ***direito individual***, enquanto o espanhol mantém entre nós o estatus de ***necessidade colectiva***. Esta diferenciaçom leva o rumo da política lingüística endereçada ao monolingüismo social em espanhol, mas considera "razoavelmente" os direitos individuais dos galegofalantes.



Por isso é que a definimos acima como pseudodemocrática, o qual nom lhe resta umha pisca de efectividade, palpável à vista dos seus resultados, confirmados nos inquéritos realizados polas próprias instituiçons oficiais em forma de queda espectacular da percentagem de galegofalantes nas geraçons mais novas, ao lado, isso sim, de um maior conhecimento teórico do idioma.

Nom esqueçamos, aliás, que os mesmos que consideram os galegos afortunados por contarmos com dous idiomas de uso social, atacam com veemência a imposiçom do inglês na comunidade lingüística de Porto Rico, hispanofalante. É o mesmo paradoxo que caracteriza o Estado francês quando defende o carácter francófono do povo quebequês face ao colonizador canadiano enquanto nem reconhece formalmente a existência de idiomas como o bretom, o basco, o ocitano ou o catalám, entre outros, dentro das suas fronteiras. Além disso, se tam positivo fosse o bilingüismo social, porque nom haveria de ser implantado no conjunto do Estado espanhol, deixando assim de discriminar os que unicamente tenhem o espanhol como língua de uso social?

Com efeito, a coexistência social de duas línguas resulta, como mínimo, antieconómica, já que a procura de igualdade obrigaria ao uso de ambas em documentos, anúncios, discursos, exames e quaisquer outras manifestaçons públicas das instituiçons. Semelhante utopia nom se cumpre, como era de esperar, e no seu lugar véu-se dando umha complementariedade na repartiçom de usos entre galego e espanhol conhecida polo nome de ***Diglossia***. Todavia, o processo de substituiçom é dinámico e o avanço do espanhol pode fazer com que a repartiçom de usos (diglossia) seja

superada pola invasom funcional do espanhol, como veremos no próximo tema.

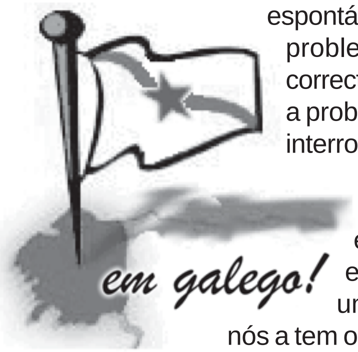
Ortografia

Os pontos de interrogaçom e exclamaçom

Em galego, como em todas as línguas do nosso âmbito excepto o espanhol, empregam-se estes signos auxiliares unicamente no fim de frase, como apoio expressivo para indicarmos que é umha pergunta **(?)** ou umha expressom de admiraçom **(!)**.

Quem vai buscar o pam? *Vai tu!*

É preciso aqui lembrar a necessidade de entoarmos correctamente as interrogaçons. Na fala espontánea, todos e todas o fazemos sem problemas; mesmo quem julgar falar correcto espanhol, pronunciará com toda a probabilidade à galega as expressons interrogativas, sendo este um dos traços que dam um carácter inconfundível à nossa fala. Com efeito, a ouvidos de um estrangeiro, o falar galego tem umha música especial, como para nós a tem o deles, devido a riscos prosódicos como este. Estamo-nos a referir à curva tonal, que nas frases interrogativas tem um trajecto ascendente ao princípio e descendente no fim em galego, enquanto a correspondente espanhola termina em sentido marcadamente ascendente.



Como dizíamos, na fala espontánea é umha característica muito viva, mas na prática da leitura, a tendência geral é a de pronunciarmos as interrogaçons à espanhola, o qual dá mostras da influência real da escola como orientadora de pautas lingüísticas.

A respeito das interrogaçons em galego, lembramos ainda que a construçom tradicional da resposta afirmativa é mediante a repetiçom do verbo principal da pergunta:

Foche comprar o computador?

Fum

Por influência do espanhol, está-se impondo a resposta afirmativa por meio do advérbio *sim*, que, ainda que exista na nossa

língua, é de uso menos freqüente.

Outros sinais gráficos e de pontuaçom som:

O **ponto** (**ponto simples** e **ponto parágrafo**); a **vírgula (,)**; o **ponto e vírgula (;)**; as **reticências (...)**; os **dous pontos (:)**; o **travessom (—)**; os **parênteses ( )** ; as **aspas (");** os **colchetes** (**[ ]**) e a **diérese (ü)** (sobre ***u*** nas seqüências güi /gwi/, qüe /Kwe/.

Acentuaçom

A principal diferença entre galego e espanhol neste aspecto fai com que a nossa língua assuma o que é umha característica da maioria das línguas do nosso âmbito, ao mesmo tempo que plasma na escrita a maior riqueza fonológica do sistema vocálico galego.

Estamos a referir-nos aos três tipos de acentos com que contamos, que permitem diferenciarmos graficamente as vogais de abertura média fechada e média aberta:



-Agudo (´). Vai sobre ***a, i, u***, e sobre as vogais médias abertas (***e, o***), sempre em sílaba tónica.

-**Grave (`).** Vai sobre ***à, às*** *r*epresentando a contracçom da preposiçom ***a*** **+** o artigo feminino singular ***a*** ou plural ***as****.* Também se usa na contracçom da preposiçom ***a*** com as formas do demonstrativo ***aquele*** (*Deu-no àquele*).

-**Circunflexo (^).** Vai sobre as vogais médias fechadas ***e, o***, em sílaba tónica.

Palavras agudas

1.Assinalam-se com acento agudo quando terminam em ***a, e, o*** *(aberto),* ***sós****, em* ***ditongo*** *e / ou* seguidos de ***s.***

Maré(s), maçá(s), só(s), céu, faróis, chapéu, lá, ...

2. Tenhem acento circunflexo as que finalizam em ***e, o*** fechados, seguidos ou nom de ***s.***

Lê, você(s), três, português, bisavô(s), ...

3. As terminaçons ***-ám, -áns, -ém, -éns,*** das polissílabas levam acento agudo.

Alemám, alguém, armazém, parabéns, vaivéns, ...

Nom se acentuam, portanto, as monossílabas acabadas em ***-m, -ns.***

Dam, bem, cem, lem, bens...

Palavras graves

1. Conseqüência das normas anteriores, nom se acentuam graficamente as graves que terminam em ***-am, -ans, -em, -ens, -e(s), -a(s), -o(s).***

Origem, jogam, bebe(s), ganha(s), maço(s), ...

2. Acentuam-se graficamente as finalizadas em ***-i, -u*** e em **ditongo oral**, seguidos ou nom de ***-s***, bem como as terminadas em ***-l, -n, -r, -x.***



Dentro deste grupo heterogéneo, levam acento circunflexo as que tenhem como vogal tónica um ***e*** ou um ***o fechados***:

Têxtil, ...

E levam acento agudo se a vogal tónica é ***i***, ***u*** sós ou acompanhados de qualquer letra, ***a***, ou ***e, o abertos*** ou seguidos de ***-m, -s.***

Cútis, íris, lápis, álbuns, ágeis, amável, dócil, imóvel, túnel, cadáver, fósseis,...

Palavras esdrúxulas

1. Acentuam-se todas.

Com acento circunflexo ***e, o fechados****.*

Êxodo, pêssego, serôdio, côvado, estômago, ...

Com acento agudo ***i, u*** sós ou acompanhados de qualquer letra.

Ídolo, ímpeto, último, úmero, ...

Com acento agudo ***a*** , bem como ***e, o abertos*** ou seguidos de ***m, n*** a iniciar sílaba.

Ébano, pórtico, efémero, género, cómodo, económico, ...

Neste preceito incluem-se as palavras terminadas em **ditongo crescente** (grupo de duas vogais numha mesma sílaba, sendo a primeira **fechada -*i, u*-** e a segunda **aberta -*a, e, o*-**).

*Espéc**ie**, calvíc**ie**, Antón**io**, ág**ua**, assíd**uo**, ...*

Outras regras

1. Assinalam-se com acento o ***i*** e o ***u*** tónicos, seguidos de ***s*** ou nom, que nom formarem ditongo com a vogal anterior (quer dizer, que pertencem a sílabas distintas).

*Mi**ú**do, ego**ís**mo, p**eú**ga, b**aú**, **aí**, r**aí**zes, s**aú**de, p**aí**s, ...*

Exceptuam-se aquelas palavras em que o ***i*** ou ***u*** for precedido de **ditongo** (*b**aiu**ca*), ou que, precedidos de **vogal**, figerem parte de um ditongo ***iu, ui*** (*constit**uiu***). Também nom levam se forem seguidos de ***nh*** (*mo**inh**o*), ou de qualquer consoante distinta de ***s*** (ju**iz**).

2. O ***u*** tónico precedido de ***g*** ou ***q*** e seguido de ***e*** ou ***i***, leva acento agudo.

*Averi**gúe**, obli**qúe**, ...*

3. Quando tónicos, acentuam-se sempre os ditongos ***ei, eu, oi,*** sendo ***e, o*, abertos.**

*An**éi**s, pap**éi**s, chap**éu**, ilh**éu**, carac**ói**s, far**ói**s, espanh**ói**s, est**ói**co, her**ói**, **jói**a, paran**ói**co, ...*

4. Nom levam acento as terminaçons ***-eia*** e ***-eico*.**

*Assemb**leia**, id**eia**, epop**eico**, ...*

Acentuaçom diacrítica

É a que serve para distinguirmos palavras que se escrevem igual, mas com diferente pronúncia, quer pola oposiçom tonicidade-atonicidade (***para-pára***), quer pola abertura da vogal tónica (***pôla-póla***). A seguir, mostramos umha lista com as mais importantes.

Pola (contracçom)	*pôla* (galinha)	*póla* (ramo)
Polo (contracçom)	*pôlo* (pito)	*pólo* (do íman)
Por (preposiçom)	*pôr* (verbo)	
Porque (relativo)	*porquê* (substantivo)	
Que (conjunçom)	*quê* (interrogativo directo)	
Para (preposiçom)	*pára* (verbo)	
Da (contracçom)	*dá* (verbo)	
Nos (pron. átono)	*nós* (pronome tónico)	
Vos (pron. átono)	*vós* (pron. tónico)	
Pé (extremidade)	*pê* (nome da letra)	



Sé (sede ecles.)	*sê* (verbo)
Tés (verbo)	*tês* (plural do nome da letra)
Vés (verbo vir)	*vês* (verbo ver)

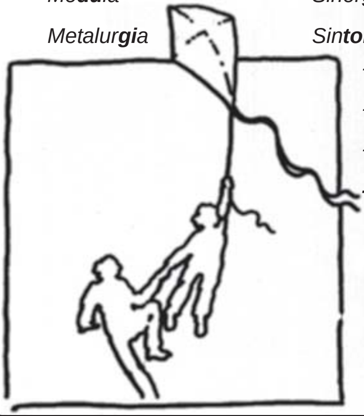
Com as nossas palavras

2

A acentuaçom de alguns cultismos

A alfabetizaçom em espanhol fornece-nos umhas normas gramaticais que devem ser revisadas se quigermos dotar o galego da plenitude de umha língua com recursos próprios. No caso

*Ab**si**de*
***Ac**ne*
*Acra**cia***
*Acro**ba**ta*
*Alope**cia***
*Alqui**mi**a*
*A**mál**gama*
*Analge**si**a*
*Ane**do**ta*
*Ane**mi**a*
*Aneste**si**a*
*A**nó**dino*
*Anore**xi**a*
*A**rí**ete*
*Arrit**mi**a*
*Asfi**xi**a*
*Atro**fi**a*
*Au**ré**ola*
*Burocra**ci**a*
*Cefalal**gi**a*
*Cle**ó**patra*
*Con**cla**ve*
*Cri**sán**temo*
*Democra**ci**a*
*Demo**cra**ta*
*Diglo**ssi**a*
*Dio**ce**se*
*Diploma**ci**a*
***Dís**par*
*E**li**te*
*Embo**li**a*
*Epide**mi**a*
*Epilep**si**a*
*Eti**ó**pia*
*Eufo**ri**a*
*Filan**tro**po*
*Fo**bi**a*
*Gla**dí**olo*
*Geode**si**a*
*Hemorra**gi**a*
*Histe**ri**a*
*Idiossincra**si**a*
***í**man*
*Imbe**cil***
*Leuce**mi**a*
*Li**mi**te*
*Litur**gi**a*
*Mada**gás**car*
*Maquina**ri**a*
*Me**dí**ocre*
*Me**du**la*
*Metalur**gi**a*
***Mí**ope*
*Monoga**mi**a*
***Ní**vel*
*Oce**á**nia*
*Oce**a**no*
*Omo**pla**ta*
*Ortodo**xi**a*
*Ortope**di**a*
*Oxi**gé**nio*
***Pán**tano*
*Para**si**ta*
*Perife**ri**a*
***Pé**riplo*
*Po**lí**cia*
*Poli**glo**to*
*Pro**jéc**til*
*Pro**tó**tipo*
*Re**gi**me*
***Rép**til*
*Ru**bri**ca*
*Siner**gi**a*
*Sin**to**ma*
*Taquicar**di**a*
*Teocra**ci**a*
*Tera**pi**a*
***Tér**mite*



dos cultismos (palavras entradas «recentemente» no idioma procedentes maioritariamente do latim e o grego), cada língua os acomoda fonética, morfológica e ortograficamente de maneira particular. Na lista de acima vemos a acentuaçom correspondente a alguns deles, escolhidos por nom coincidirem com o seu aprendizado a partir do espanhol (destaca-se em negrito a sílaba tónica).

Os dias da semana

A denominaçom dos dias da semana no nosso idioma afirma, de umha parte, a identidade lingüística galego-portuguesa e, de outra parte, define a língua da Galiza e Portugal face ao conjunto das derivadas do latim. Na realidade, na Galiza (e em Portugal) convivêrom historicamente dous sistemas: um de origem **pagá** (*domingo, luns, martes, mércores, joves, venres* e *sábado*) e outro **cristao**. Neste, toma-se como referência o sábado, tradicionalmente o último dia da semana, e começa esta polo domingo. Este primeiro dia é dedicado ao Senhor (*dies dominicus*). A continuaçom, mantendo a referência do sábado, continuavam-se contando as jornadas por ***ferias**: secunda feria, tertia feria,* ... até a *sexta*. Esta nomenclatura foi promovida pola Igreja a partir do século IV até fazer-se a de mais uso. Mas, se os dous sistemas tivérom presença na Galiza, porque defendemos o emprego do sistema cristao, hoje em desuso na fala espontánea?

Há duas perspectivas necessárias à hora de analisarmos a questom. Primeiramente, a realidade actual, e a seguir o que nos di a documentaçom histórica.

Na actualidade, o sistema maioritariamente vivo na fala popular espontánea é o espanhol, polos motivos já conhecidos, e que afectam especialmente a fórmulas fixadas no idioma, como as saudaçons («*buenos días*», ...), os nomes de lugar («*Orense*», «*Galicia*», ...) ou os dias da semana. A influência do modelo espanhol chega ao ponto de deslocarmos o início da semana para a segunda-feira, em lugar do domingo.

Só de maneira residual é que se registam as denominaçons galegas, quer cristás, quer pagás.

No entanto, as normas impostas desde a Junta apostam claramente polas segundas, embora reconheçam formalmente a legitimidade das do tipo ***feira***.

Porque fam essa escolha?

Dos estudos realizados até hoje, tira-se a conclusom de que as formas cristás eram maioritárias na língua quando esta ainda nom caíra no domínio castelhano-espanhol. De facto, ainda hoje, se bem o uso espontáneo das mesmas é escasso -nom mais do que os *mércores, joves*, ...-, o conhecimento passivo subsiste no

mundo rural mesmo nas pessoas de mediana idade, e ainda aparecem em cantigas como esta:

Meu marido vai na lenha,

No luns sale, martes chega,

***Quarta** corta; **quinta** a enverga,*

*Na **sexta** sai, e sábado chega,*

Aí vem meu maridinho co'a lenha.



Sendo, pois, ambos os sistemas galegos, mas tradicionalmente maioritário o das *feiras* e actualmente um e outro em vias de desapariçom na fala espontánea, o critério que leva a propor o pagao nom é outro que o derivado de tomar o espanhol como referente -consciente ou inconscientemente-. Talvez mesmo pensando no mais «*fácil*» (= parecido com o dominante) do seu aprendizado.

Face a essa proposta, o reintegracionismo formula a sua desde dentro do sistema, olhando para as soluçons adoptadas polo galego de Portugal e o Brasil, e deixando fora do juízo o espanhol e a suposta «*dificuldade*» de apostar polo «*diferente*». Podemos, a este respeito, lembrar o exemplo catalám, que recuperou no padrom nos últimos anos a maneira tradicional de dizer as horas, quando estavam totalmente perdidas na fala espontánea por influxo do espanhol.

Sem dúvida, se hoje se tenhem em conta aspectos como a «*facilidade*» ou «*proximidade*» aludidas à hora de escolher formas lingüísticas, é pola falta de meios e vontade por parte dos responsáveis, para efectuarem a planificaçom lingüística de que a Galiza precisa. Isso fai com que esses argumentos «*pedagógicos*» aconselhem às autoridades achegar até a hibridaçom o galego e o espanhol. Acontece com a ortografia, a morfologia, os neologismos, ... e com os dias da semana.

Portanto, vemos os nomes dos dias da semana que recomendamos como mais adequados para o uso padrom em

galego:

Domingo, segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira e sábado.

Morfossintaxe

O uso do artigo diante dos dias da semana

Empregamos o artigo diante do nome de um dia da semana quando tem **carácter generalizador** em singular ou plural:

__A__ segunda-feira é o dia mais odiado da semana.

__Os__ domingos som para folgar.

Para referirmo-nos a um **dia concreto**, passado ou por vir, costuma colocar-se a preposiçom ***em*** diante do artigo:

Queres vir comigo a Espanha __no__ domingo, dia vinte de Janeiro?

Se fazemos referência a um **futuro ou passado imediatos**, funcionando o nome do dia da semana como adjunto adverbial, dispensa-se o uso do artigo:

Sexta-feira fum vê-la sair.

Domingo hei de ir ao cinema.

Quando queremos exprimir um costume reiterado sempre no mesmo dia da semana, colocamos a preposiçom ***a*** mais o artigo:

__Aos__ domingos saíam cedo para correr pola praia.

Bibliografia recomendada do tema segundo

J. Mª Sánchez Carrión. Un futuro para nuestro pasado.

M. Portas. Língua e sociedade na Galiza. Bahia ed.

R. Carvalho Calero. Umha voz na Galiza. Sotelo Blanco.

VV.AA. Nova gramática para a aprendizaxe da língua. Via Láctea.

VV.AA. Estudo crítico das normas ILG-RAG. Agal.

J. A. Souto Cabo. «Do Luns à sexta-feira. Contribuiçom ao estudo dos dias da semana na história e na actualidade», Actas do IV Congresso Internac. da Língua galego-portuguesa na Galiza. Agal.

Sociolingüística

Funçons sociais das línguas

Nas seguintes linhas, vamos ver os critérios que nos permitem definir umha língua como normal ou como desnormalizada. Para isso, revemos os âmbitos funcionais em que todo idioma deve mover-se para poder ser considerado normal, contrastando o grau de presença do nosso em cada um deles.

A **Funçom de Identidade** fai referência à articulaçom do pensamento no indivíduo. É, nas situaçons de minorizaçom, o derradeiro reduto que resta ao utente de um idioma, quando a situaçom externa nom deixa já lugar ao seu uso, circunstáncia extrema vivida, por exemplo, pola derradeira falante da língua dalmática, desaparecida em finais do século XIX.

A **Funçom Familiar** é a desenvolvida pola língua no seio da família: este é o âmbito que mantivo vivo o galego durante séculos, como sólido alicerce de umha cultura nacional oprimida, resistindo-se a desaparecer. Os dados dos inquéritos sociolingüísticos publicados dim-nos que estes alicerces estám a ser liquidados pola acçom corrosiva da escolarizaçom espanholizante ou a penetraçom nos lares galaicos da transculturizaçom por via televisiva ...



A **Funçom Laboral** abrange as relaçons no mundo do trabalho, onde hoje mantém vigência o esquema diglóssico tantas vezes descrito na maioria dos falantes, enquanto cresce a percentagem de falantes monolíngües em espanhol. De facto, continua em demasiadas empresas privadas a proibiçom de usar o galego no contacto com o público se nom é como resposta a quem também o utiliza. Aliás, nom faltam exemplos de problemas mesmo no atendimento ao público em instituiçons

públicas. Nom existe qualquer planificaçom a este respeito por parte dos responsáveis políticos, que pudesse incentivar o uso do galego nas empresas ou instituiçons.

Na **Funçom Local** (de contacto entre as pessoas no contorno social imediato e quotidiano), a autoidentificaçom em língua espanhola aumenta, o qual é interpretado por alguns comentadores jornalísticos como resultado de umha livre eleiçom, «*a pesar de la imposición del gallego*». Tal explicaçom suporia qualquer superioridade inata do espanhol, que atrai para o seu domínio falantes de galego fartos de serem obrigados a falar sempre umha só língua. Na verdade, a explicaçom é bem mais material e menos dependente de decisons ou gostos pessoais. Ninguém abandona o uso da sua língua se nom for através de um processo de assimilaçom colectiva.



Ascendendo na hierarquia funcional, chegamos à **Funçom Institucional**, quer dizer, de comunicaçom entre os diferentes estamentos da comunidade lingüística. Neste âmbito é que se acha o santuário do bilingüismo harmónico, máscara ocultadora de umha perfeitamente calculada diversificaçom de usos entre galego e espanhol. O galego é segunda língua dos mundos administrativo, judicial, político,..., é a letra em itálico dos documentos públicos, formalmente hibridada com o espanhol e funcionalmente congelada nuns usos redundantes a respeito deste, dando a impressom de ser um «penduricalho» ornamental, subordinado à realmente efectiva língua do Estado.

A **Funçom Cultural** é a que possibilita o acesso às ciências e à arte na língua em questom. É, na Galiza oficial, o âmbito das «duas matérias» no ensino secundário, dos grandiosos e solenes «dias das Letras Galegas», dos chamados de atençom contra os minoritários sectores lusistas, do «cántame un pasodoble galego». Casos como o acontecido num colégio de Ribeira, onde a Conselharia impujo ao professorado a inclusom de livros de texto em espanhol, confirmam para que é que o governo autonómico legisla: para se dotar de armas legais e frear as possibilidades de avanço do galego ali onde os Conselhos Escolares pretenderem dar-lhe protagonismo.

Enfim, dentro da já secular pugna entre espanhol e galego por ocupar as diversas funçons nacionais, todo indica que o espanhol

está a ganhar a partida, com sério perigo de marginalizaçom definitiva da nossa própria ***Língua Própria*.**

Com efeito, o campo de batalha entre espanhol e galego vai-se aproximando cada vez mais das ***funçons-reduto***: a **Familiar** e a **de Identidade**, tradicionalmente a salvo da espanholizaçom. Som os últimos âmbitos em que o galego mantivo um espaço de uso na sociedade, o que lhe permite conservar umha certa vitalidade, embora esta seja precária. Umha vez perdidos estes espaços funcionais, o número de falantes de um idioma e outro inverte-se em termos absolutos -como os inquéritos começam a evidenciar. Neste contexto, o Director Geral de Política Lingüística chegou a afirmar que a queda do número de galegofalantes nom é preocupante, pois aumenta o conhecimento teórico do galego. Na verdade, de pouco serve que todos saibamos muito galego se socialmente se reduz até desaparecer o lugar reservado para o seu uso. Poderíamos deste modo chegar à situaçom que se dá com idiomas como o latim, cujo conhecimento é tam prestigiado como inútil na comunicaçom quotidiana, ao ser apenas língua de transmissom cultural.

Nos últimos anos, verifica-se umha progressom funcional da língua invasora que pom mesmo em questom a vigência do esquema diglóssico que nos últimos trinta anos serviu para explicar o caso galego, pois que na gente nova o espanhol ocupa todas as funçons de uso social, e o galego é apenas objecto de conhecimento académico e uso ocasional.



Convém, para além do mais, ter em conta que aos defensores da «primazia constitucional» do espanhol só lhes resta contar com o argumento de sermos minoria os utentes de galego para atingirem a coarctada definitiva e encetarem assim a derradeira fase do processo de assimilaçom. De facto, este é um dos argumentos dos defensores dos privilégios do espanhol em Euskal Herria («o espanhol é a língua da maioria e o euskara é falado por uns poucos, que querem impô-lo ao resto», dim).

Nesse processo, tem umha grande responsabilidade o Governo autonómico e a sua Direcçom Geral de Política Lingüística, por serem quem planificam em funçom de uns objectivos cada vez mais clarificados polos resultados dos seus próprios inquéritos.

Mas nom esqueçamos que, ao lado da **acçom institucional**,



nas situaçons de conflito lingüístico tem umha importáncia vital a **acçom colectiva nom institucional**, e é esse o espaço que temos de ocupar para formar, informar e sensibilizar cada vez mais a populaçom galega e pressionar até mudar a política institucional em matéria lingüística.

Dentro da recuperaçom do idioma tem também grande importáncia a **acçom individual** em favor do galego. É fundamental, por exemplo, o comportamento monolíngüe das pessoas conscientizadas, nas relaçons pessoais, com a administraçom, ... Como exemplo, enfim, para tantas outras que, tendo o galego como língua própria, se manifestam diglossicamente nas suas relaçons sociais, como conseqüência do modelo de comportamento promovido a partir do poder.

Ortografia

Uso de gê (g) (+ e, i), jota (j) e xis (x).

O uso etimológico destas letras parece corresponder com o mais elementar senso comum, considerando que também estám incluídas nos alfabetos das restantes línguas do ámbito romance (e nem só), excepto o asturiano, que ao parecer inspirou a sua exclusom no uso contemporáneo indiscriminado do **xis** em galego. Poucos motivos apoiam o rechaço destas grafias históricas, como nom seja a procura do diferencialismo gratuito nom apenas a respeito do espanhol ou do português, mas também do francês, italiano, catalám, romeno, inglês, alemám, ... Ou a tam recorrida «facilidade» de usar sempre o **xis.** Nom é que nós tenhamos qualquer cousa contra facilitar o aprendizado das línguas, mas propomos aguardar a um acordo entre as diferentes comunidades lingüísticas nesse sentido, em vez de tentarmos ser a suposta «vanguarda» na superaçom dos sistemas ortográficos históricos.

Nom há que esquecer que o **jota** e o **gê** estám presentes em toda a história escrita do galego, incluídos os séculos

passado e actual, sendo a sua substituiçom sistemática polo **xis** umha tendência moderna que parte da tentativa de evitar a leitura à espanhola dessas letras. Hoje todos e todas sabemos como devemos ler ***Pujol, Joventut*** ou ***Generalitat*.** Nom som horas de que aprendamos a ler ***juventude, Janeiro*** ou ***geografia*** conforme a fonética do nosso próprio idioma?

1.- Diante de *e, i,* o uso de *G* é o habitual :

Religiom, abranger, figem, quigem, pugem, fugir, vertigem, relógio, ...

Temos com ***J :***

-Em inicial de palavra:

Jeira, jejum, jeito, Jerusalém, Jesus

-Em interior de palavra:

-As acabadas em ***-jeito, -jeiçom, -jeitar, -jecto, -jecçom, -jectar:***

Rejeitar, sujeito, injectar, projecto, ...

-Quatro acabadas em ***-aje(m):***

Laje, pajem, traje, ultraje.

-E outras três:

Ajôujere, hoje, majestade.

-A seqüência ***X + e, i,*** é pouco freqüente :

Bexiga, mexilhom, xeringa, coxim, lixívia, perexil, xílgaro, México, ...

E todo o tema de Pretérito de **dizer**:

Dixem, dixeche, dixera, ...

2.- Diante de *a, o, u,* a utilizaçom de *J* é o mais habitual:

Gorja, jardim, jogo, jóia, laranja, juiz, jornal, Joám, janela, anjo, tijolo, jugo, Junho, arranjar, ...

3.- O uso de *X* é maioritário nos seguintes casos :

-Seqüência ***ditongo + x*** :

Baixo, caixa, queixo (da cara), seixo, teixo, trouxem, peixe, feixe, ...

Excepçons: *beijo, cereija, carqueija, feijom, ameija, queijo (do leite).*

-Palavras começadas por ***enx-*** :

Enxame, enxebre, enxergar, enxofre, enxoval, enxugar, ..

Excepto: *Engenheiro, engenho , enjoo, enjoar.*

-Temos também ***X***, alternando com ***C*** ou com ***S***, em palavras como:

Axejar/acejar, cóxegas/cócegas, xenreira/cenreira, Xarda/sarda, páxaro/pássaro, pêxego/pêssego, xabom/sabom, xordo/surdo, xurdir/surdir.

-Outras palavras com ***X***:

Graxa, taxa, lixo, lagartixa, coxo, coxa, roxo, bruxa, buxo, cuxo (bezerro), debuxo, luxo, puxar, xastre, (re)mexer, Bruxelas, luxúria, oxalá, xadrez, xarope, xurelo, Alexandre/a, ...

-Usa-se ***X,*** com valor fonético de ***/s/*** (1) ou ***/ks/*** (2)**,** em casos como:

(1): Exame, exagerar, próximo, esdrúxula, exigir, êxito, oxigénio, sexto, execuçom, exemplo, exército, exercício, sintaxe...; (2): reflexo, circunflexo, léxico, sexo, complexo, perplexo, anexo, fixar, fluxo, paradoxo, saxom, sufixo ...

- Ao contrário, temos ***S*** em lugar de ***X*** em:

Escavar, escusa, esplanada, espoliar, espremer, esquisito, estender (mas extenso, extensom, ...), estrangeiro, estranhar, isençom, justapor, misto, misturar, ...

Morfossintaxe

Sufixos e terminaçons

Pola sua grande produtividade na língua, e pola necessidade de serem recuperados, detemo-nos umhas linhas para justificar e explicar o uso de um grupo de sufixos e terminaçons próprias do galego.

-ÇOM, -SOM, -XOM, -TOM

Os sufixos latinos **-tionem, -sionem, -xionem** evoluírom para o galego dando os resultados **-tom, -çom, -som, -xom**. Assim o comprovamos na consulta dos escritos históricos, que progressivamente vam incluindo mais os correspondentes castelhanos quanto maior e mais efectiva é a presença da administraçom alheia e a sua língua. Contodo, a vitalidade destas terminaçons devia ser relativamente impor-

tante no século passado, pois está certificada em recolhas etnográficas como as de Saco y Arce, e na obra de autores como Francisco Mirás (*Confesón, atensón, posesón, ...*), Rosalia (*devosón, embarcasón, emigrazón, canzón, recordazón, traizón, tentazón,..*) ou Pondal (*prisón, redenzón, nazón, gerazón*). Recordemos, como exemplo, a última estrofe do nosso Hino Nacional, na sua versom original:



Se bem hoje nom se registam na fala espontánea senom restos destes sufixos tam nossos, é necessária a sua recuperaçom, igual que tenhem sido recuperadas outras formas parcial ou totalmente perdidas pola influência deturpadora do espanhol (***galego, Deus, povo, ...***)

Quanto ao seu uso, este é sistemático, com a única excepçom da palavra *oca**siom***, com manutençom do ***-i-.***

Cumpre ter em conta que os substantivos derivados dos verbos acabados em ***-uir***, terminam em ***-uiçom****:*

Atribuir: Atribuiçom	*Diminuir: Diminuiçom*
Constituir: Constituiçom	*Instituir: Instituiçom*
Destruir: Destruiçom	*Prostituir: Prostituiçom*

Mas: *Abluir: Abluçom; Construir: Construçom; Evoluir: Evoluçom.*

Lembramos que o núcleo destes sufixos monossílabos é sempre um ***/o/***, **fechado** e nunca aberto.

-ARIA

Este sufixo sofreu um processo similar aos anteriores. Primeiro através das palavras cultas e depois alcançando as patrimoniais, o sufixo castelhano ***-eria*** foi encurralando a forma autóctone até a sua quase total desapariçom. Recuperando a terminaçom genuína, diremos -e grafaremos-:

Romaria	*Carpintaria*	*Barbearia*	*Relojoaria*
Cervejaria	*Enfermaria*	*Engenharia*	*Bixutaria*
Padaria	*Peixaria*	*Lotaria*	*Livraria*

Leitaria	*Carniçaria*	*Tontaria*	*Gadaria*
Joalharia	*Enfermaria*	*Tesouraria*	*Ourivesaria,...*

-VEL / -VEIS

Forma marginalizada em favor da espanhola ***-ble(s),*** devemos apostar pola sua completa restauraçom na fala e na escrita. O seu uso nom apresenta qualquer problema, pois é sistemático:

Amável / amáveis	*Amigável / amigáveis*	*Considerável / consideráveis*
Legível / legíveis	*Horrível /horríveis*	*Saudável / saudáveis, ...*

-IMENTO

Este é o sufixo próprio de alguns substantivos derivados de verbos da segunda e terceira conjugaçons:

Abastecimento	*Aborrecimento*	*Acontecimento*
Aparecimento	*Comprimento*	*Cumprimento*
Conhecimento	*Arrependimento*	*Desenvolvimento*
Falecimento	*Preenchimento*	*Sofrimento*
Entretenimento	*Arrefecimento*	*Descobrimento, ...*

Evitaremos, portanto, o uso das formas com -***e***-: **movemento,* etc.

Com as nossas palavras

Apelidos

O carácter introdutório deste manual nom nos permite aprofundar em questons filológicas. Mas o próprio teor divulgativo obriga-nos a referir aspectos essenciais na recuperaçom da língua. Um deles é o dos apelidos, património secular de todo o povo, que de geraçom para geraçom transmite, através deles, a essência mesma da língua e a realidade que referencia. Em tom humorístico, mas com muita razom, alguém escreveu que conhecia pessoas apelidadas *Salgueiro, Carvalho, Ameneiros, Castinheiras e Espinheira*, mas ninguém com o apelido *Eucalipto*. Trata-se de um bom exemplo de como os apelidos reflectem a riqueza patrimonial dos povos, a sua identidade, tam agredida em ocasions nos nossos dias. Só assim se explica que na nossa Galiza os nomes de família apareçam desfigurados na sua morfologia, ortografia e fonética.

Como estas páginas nom dam para mais, limitamo-nos a chamar a atençom para a necessidade de recuperá-los e oferecemos a seguir umha breve, mas representativa, mostra da pseudoespanholizaçom a que os apelidos galegos fôrom submetidos, ao ver-se a nossa língua afastada da administraçom e os seus escreventes.

Na maioria dos casos, a deturpaçom afectou apenas à documentaçom escrita no princípio, donde se estendeu para os usos orais. Contodo, ainda hoje temos constáncia de famílias conhecidas na aldeia com o nome autêntico (os ***Martins***) enquanto o bilhete de identidade recolhe a forma assimilada ***Martínez***, por citar um exemplo real.

MORFOLOGIA

Forma deturpada	**Forma galega**
Martínez	*Martins*
Núñez	*Nunes*
Villarino	*Vilarinho*
Otero	*Outeiro*
Soto	*Souto*

ORTOGRAFIA

Forma deturpada	**Forma galega**
Cortizas	*Cortiças*
Dapena	*Da Pena*
Teijeiro	*Teixeiro*
Carballo	*Carvalho*
Seijas	*Seixas*
Espiñeira	*Espinheira*
Piñeiro	*Pinheiro*
Graña	*Granha*
Gayoso	*Galhoso*
Dobalo	*Do Valo*
Cobas	*Covas*



FONÉTICA

Forma deturpada	**Forma galega**
Janeiro (som velar)	*Janeiro* (som palatal)
Gestal	*Gestal*
Orjales	*Orjales/Orjais*
Tojeiro	*Tojeiro*

Finalizamos, pois, esta pequena reflexom com um apelo à

restauraçom das formas patrimoniais em toda a documentaçom escrita de cada um e cada umha de nós, como mais um âmbito em que recuperarmos a língua.

Bibliografia recomendada do tema terceiro

J. Mª Sánchez Carrión. Un futuro para nuestro pasado.

M. Portas. Língua e sociedade na Galiza. Bahia ed.

Martinho Montero Santalha. Método prático de língua galego-portuguesa. Galiza ed.

VV.AA. Estudo crítico das normas ILG-RAG. Agal.

J. M. Monterroso Devesa. «Nomes de família galegos: um intento de regeneraçom, classificaçom e divulgaçom», Actas do II Congresso Internacional da Língua galego-portuguesa na Galiza. Agal.

tema quarto

Sociolingüística

Os tipos sociolingüísticos

Em estreita relaçom com as funçons sociais da língua, acham-se os grupos sociolingüísticos, que incluem os tipos de falantes presentes na sociedade relativamente ao uso e conhecimento das duas línguas em conflito. A maior ou menor implantaçom de uns ou outros determina o desenvolvimento das funçons sociais revistas no tema anterior.

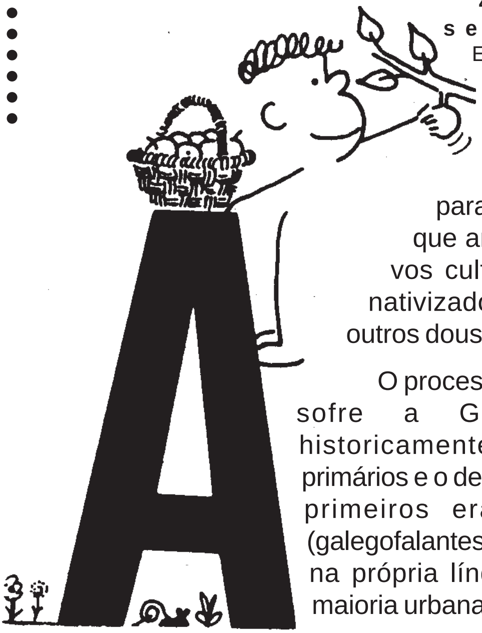
Ainda que existam diferentes propostas classificatórias, pensamos que a seguinte pode ilustrar suficientemente o caso galego:

1- Nativos cultivados. Galegofalantes primários que se formárom intelectualmente também em galego.

2- Adultos nativizados. Tendo o espanhol como língua primária e de formaçom intelectual, aprendêrom e assumírom o uso do galego secundariamente.

3- Nativos primários. Galegofalantes iniciais que nom se formárom intelectualmente no próprio idioma.

4- Adultos secundários. Espanholfalantes completos nom reintegrados no uso do galego.



O processo óptimo para normalizar o galego é o que amplia o número de nativos cultivados e o de adultos nativizados, em detrimento dos outros dous grupos.

O processo desnormalizador que sofre a Galiza potencializou historicamente o grupo de nativos primários e o de adultos secundários. Os primeiros eram a maioria rural (galegofalantes sem formaçom explícita na própria língua) e os segundos a maioria urbana formada em espanhol e

falantes primários dessa língua.

Actualmente, o grupo maioritário é o de espanholfalantes primários completados culturalmente em espanhol (grupo 4º) e que adquirem o galego como segunda língua de transmissom cultural, sem que se acompanhe o seu relativo conhecimento de umha necessidade social da mesma que leve a usá-la. Ao mesmo tempo, diminui o grupo de nativos primários, que historicamente mantivo o galego com vida natural. Num futuro nom muito longe, pode reduzir-se a língua com vida «cultural», mas sem uso social significativo.



Resumindo: no caso galego, caminhamos no sentido contrário ao da normalizaçom, mas o processo é conduzido com a suficiente inteligência para que muitos galegos e galegas julguem o contrário, polo aparente acesso do idioma do país a novos âmbitos de uso social, como o ensino, e pola permissividade no que a usos sociais di respeito.

Portanto, se quigermos recuperar o idioma, temos que inverter o processo: primeiro, compactar o grupo de galegofalantes completos (grupos 1 e 2) e a seguir incidir socialmente para atrair os grupos nom completados em galego para aumentar o número e incidência dos primeiros. Quer dizer, os nativos primários devem completar-se culturalmente em galego e os adultos secundários devem adquirir o uso do galego como ferramenta comunicativa para todas as ocasions.

O ideal seria que um governo galego guiasse o processo, sustentado na colaboraçom social. No entanto, o governo galego actual e o Estado espanhol estám à frente do processo de eliminaçom do galego, polo que devem ser os galegos e galegas comprometidos com a língua quem o guiem. Um labor, julgamos, em que devemos reconhecer que até hoje estamos a fracassar os diversos sectores implicados.

Com efeito, a principal crítica que deve fazer-se à sociedade galega é o pouco compromisso que demonstra com a língua. Nom mereceria acaso a existência de umha autêntica organizaçom popular de massas que trabalhasse em todos os âmbitos pola normalizaçom?

Terminamos com umha reflexom sobre o futuro que nos pode aguardar como povo. Sendo a língua o nosso principal património colectivo, convém termos em conta que, se a deixarmos morrer, nom mereceremos continuar existindo como povo diferenciado; de facto, com o galego, o mais provável é que também morra a Galiza.

Morfossintaxe

O género dos nomes (substantivos e adjectivos)

Atendendo à categoria gramatical do género, os nomes podem ser divididos em dous grupos principais:

1.- Nomes sem flexom de género.

2.- Nomes com flexom de género.

2.1.- A oposiçom de género mediante o acréscimo de morfemas flexivos.

2.2.- A oposiçom de género por derivaçom e composiçom.

2.3.- A oposiçom de género mediante bases léxicas diferentes.

1.- Nomes sem flexom de género

-Os nomes de árvores e arbustos frutíferos mantenhem o género da fruta de que derivam.

A ameixeira < a ameixa — Mas: *O castinheiro < a castanha*

A maceira < a maçá — *A figueira < o figo*

A cerdeira < a cereija

A aveleira < a avelá

O limoeiro < o limom

O pessegueiro < o pêssego

-Som femininos:

- Os nomes acabados em ***-agem***:

A garagem — *A vantagem*

A linguagem — *A viagem*

Personagem pode ser masculina, se as personagens aludidas forem todas elas masculinas.

- Outros nomes de género feminino:

A águia	*A pétala*	*A árvore*	*A ponte*
A água	*A policlínica*	*A cor*	*A síndrome*
A rádio(-difussom)	*A arma*	*A dor*	*A precinta*
A sebe	*A cútis*	*A sida*	*A arte*
A criança	*A testemunha*	*A margem*	*A sina (destino)*
A equipa	*A análise*	*A ordem*	*A insónia*
A lagosta	*A omoplata*	*A foz*	*A cólica*
A torrente	*A fraude*	*A origem*	*A conduta*



-Som masculinos:

- Os nomes acabados em ***-aje(m)***:

O paje(m)	*O traje*	*O ultraje*

Mas: *A laje(m)*.

- Os nomes das letras e dígrafos:

O bê	*O a*	*O xis*	*O agá*
O uvê	*O quê*	*O ene agá*	*O ele agá*

- A maior parte das árvores e frutos nom frutíferos:

O azevinho	*O pinheiro*	*O sabugueiro*
O carvalho	*O amieiro*	*O vidoeiro*
O freixo	*O sobreiro*	*O teixo*

Mas: *A azinheira*.

- Os acabados em ***-ume**:*

O costume	*O legume*	*O pesadume*
O cume	*O gume*	*O queixume*

- Os seguintes acabados em ***-e**:*

O cárcere	*O dote*	*O massacre*
O couce	*O leite*	*O sangue*
O úbere / ubre	*O cuspe*	

- Alguns terminados em ***-a**,* como:

O alerta	*O nada*	*O cinema*
O diadema	*O samba*	*O (quilo) grama*
O estratagema	*O fantasma*	...

- Outros:

O cal	*O sal*	*O labor*	*O mel*	*O paradoxo*
O sinal	*O mar*	*O fel*	*O til*	*O diapositivo*
O fim	*O postal*	*O calor*	*O nariz*	*O neurónio*
O rádio (aparelho*)*		*O riso*	*O pesadelo*	...

4

2. Nomes com flexom de género

2.1. Oposiçom de género mediante morfemas flexivos.

- Os nomes masculinos acabados em ***-o**, **-e*** átonos, apresentam um feminino acabado em ***-a**:*

Aluno-aluna	*Ovo-ova*	*Múltiplo-múltipla*
Meninho-meninha	*Mestre-mestra*	*Formoso-formosa*

- Os masculinos acabados em ***-eu**,* formam o feminino em ***-eia**:*

Europeu-europeia	*Jacobeu-jacobeia*

Mas: *Ilhéu-ilhoa* (habitante de umha ilha), *Judeu-judia, Reu-ré, Sandeu-sandia* (parvo-a).

Eis umha lista de outros nomes terminados em *-eu* de uso comum:

apogeu	*ateu*	*chapeu*	*coliseu*
europeu	*fariseu*	*hebreu*	*liceu*
mausoleu	*museu*	*pigmeu*	*plebeu*
trofeu	*jacobeu*	*jubileu*	*ceu*

veu	*Amadeu*	*Bartolomeu*	*Doroteu*
Eliseu	*Galileu*	*Macabeu*	*Mateus*
Montevideu	*Pireneus*	*Prometeu*	*Ribadeu*
Romeu	*Veigadeu*		

-Os nomes masculinos acabados em vogal tónica ou consoante (excepto os terminados em ***-ao/-ám)***, apresentam no feminino um ***-a*** final acrescentado ao final do masculino:

avô - avoa (e *avó*) *solteirom - solteirona*

cabeçom - cabeçona ...

espanhol - espanhola

O adjectivo ***só*** é forma invariável: *Ele / ela está só.*

O diminutivo pode ser utilizado para evitar ambigüidades: *sozinho - sozinha*.

Nos nomes acabados em **-om**, cumprem esta regra os despectivos ou aumentativos. Os que nom forem destes grupos, apresentam um feminino sem o **-m** final do masculino:

Leom - leoa	*Patrom - patroa*
Bom - boa	*Bretom - bretoa/bretá*
Ladrom - ladroa/ladra	*Queixom-queixoa*

-Os masculinos acabados em ***-ám/-ao*** (quando ambas terminaçons som admissíveis), junto dos que só admitem ***-ám***, perdem estas terminaçons e acrescentam ***-a*** no feminino:

Aldeao/aldeám - aldeá	*Alemám - alemá*
Anao/anám - aná	*Capitám - capitá*
Anciao/anciám - anciá	*Catalám - catalá*
Artesao/artesám - artesá	*Folgazám - folgazá*
Cidadao/cidadám - cidadá	*Guardiám - guardiá*
Cirurgiao/cirurgiám - cirurgiá	*Nugalhám - nugalhá*
Cristao/cristám - cristá	
Irmao/irmám - irmá	
Pagao/pagám - pagá	



Sao/sam - sá (mas *insano-insana*)

Vao/vam - vá

E, de maneira semelhante: *Mau - má.*

Nom seguem esta regra, mas a anterior, o nome comum *sultám* e os próprios de pessoa acabados em ***-ám***.

Sultám - sultana	*Joám - Joana*
Fabiám - Fabiana	*Juliám - Juliana*

-Os masculinos terminados em ***-ao átono***, substituem-no por um ***-a átono*** no feminino:

Órfao - orfa	*Zángao -zanga*

4

2.2. A oposiçom de género por derivaçom e composiçom.

Para além dos casos vistos, há umha série de nomes que oponhem masculino e feminino mediante derivaçom e composiçom:

Abade - abadessa	*Imperador -imperatriz*
Conde - condessa	*Cantador - cantadeira*
Actor - actriz	*Vendedor - vendedeira*
Galo - galinha	*Herói - heroína*

2.3.- A oposiçom genérica mediante bases léxicas diferentes.

Boi - vaca	*Grou - grua*
Cam - cadela	*Homem - mulher*
Carneiro - ovelha	*Rapaz -rapariga*
Cavalo - égua	*Rei - rainha*
Frade - freira	*Genro - nora*

Além da funçom de distinguidor sexual que o género realiza em boa parte dos exemplos mencionados, há substantivos em que os morfemas de género marcam oposiçons semánticas diversas:

Individual - colectivo.

Fruto - fruta	*Ovo - ova*
Lenho - lenha	*Ramo - rama*

Tamanho

*Agro (*pequeno*) - agra (*grande*)*	*Leiro (*peq.*) - leira (*gr.*)*
*Cancelo (*peq.*) - cancela (*gr.*)*	*Machado (*gr.*) - machada (*peq.*)*
*Carvalho (*peq.*) - carvalha (*gr.*)*	*Janelo (*peq.*) - janela (*gr.*)*

Forma ou forma e tamanho

Barco - barca	*Cesto - cesta*
Canastro - canastra	*Foucinho - foucinha*

Significado aproximativo ou diverso

Bolso (peto*)* - *bolsa (*saco*)*

Rodeiro (rodas+eixo do carro tradicional) - *rodeira* (sulco que deixam as rodas no terreno).

Tijolo (peça de barro cozido usado na construçom) - *tijola* (frigideira).

Vinho (bebida) - *Vinha* (conjunto de videiras).

Poço (cavidade profunda donde se tira água) - *poça* (cova pouco profunda cheia de água, "*chapuceira*").

Testemunho (declaraçom) - *Testemunha* (pessoa que apresenta o *testemunho*)

Com as nossas palavras

Falsos amigos

Conhecemos com este nome aqueles vocábulos que tenhem a mesma forma em duas línguas, mas com significado diferente em cada umha delas. No nosso caso, interessa vermos aquelas que som comuns na sua forma e nom no significado a galego e espanhol, para podermos evitar a substituiçom de léxico autóctone polo alheio.

A seguir, apresentamos umha listagem com alguns casos de uso freqüente:

Galego - espanhol	**Espanhol -** galego
aborrecer *- aburrir*	***aborrecer*** *- detestar*
alargar *- ampliar, ensanchar*	***alargar*** *- alongar*
apagar *- borrar*	***apagar*** *- apagar, desligar*
apartado *- apartado (postal)*	***apartado*** *- alínea, epígrafe*
aportar *- llegar a puerto*	***aportar*** *- achegar, contribuir*
apurar *- perfeccionar*	***apurar*** *- apressar*
asa *- ala*	***asa*** *- pega, cabo*
assinatura *- firma*	***asignatura*** *- matéria, cadeira*
atascar *- abarrotar*	***atascar*** *- entupir*
aula *- clase*	***aula*** *- sala onde se ministram aulas*

azar-*mala suerte* | ***azar***-*casualidade, acaso (por acaso)*

balom - *globo* | ***balón***-*bola*

balcom - *mostrador* | ***balcón*** - *varanda*

barata - *cucaracha* | ***barata*** - *barata*

beata - *colilla* | ***beata*** - *beata*

bilhete - *entrada* (para um espectáculo) | ***billete*** - *nota*

bilheteira - *taquilla* | ***billetera*** - *porta-notas*

boato - *rumor* | ***boato*** - *ostentaçom*

bocadinho - *poquito* | ***bocadillo*** - *sande*



bocado - *pedazo; momento* | ***bocado*** - *dentada*

bodega - *porquería; prostíbulo* | ***bodega*** - *adega*

borracha - *goma de borrar* | ***borracha*** - *bébeda*

borrar - *emborronar* | ***borrar*** - *apagar*

brincar - *jugar; bromear* | ***brincar*** - *saltar*

brinco - *pendiente* | ***brinco*** - *salto*

cacho - *racimo* | ***cacho*** - *pedaço*

cadeira - *silla* | ***cadera*** - *anca*

calçons - *pantalones cortos* | ***calzones*** - *ceroulas*

camada - *capa, estrato; generación* | ***camada*** - *ninhada*

cambiar - *cambiar (*só divisas*)* | ***cambiar*** - *trocar, mudar*

cámbio - *cambio (*só divisas*)* | ***cambio*** - *troca, mudança*

cana - *caña* | ***cana*** - *cá, cabelo branco*

chusma - *conjunto de marineros* | ***chusma*** - *gentalha*

cobra - *víbora* (de todo o tipo) | ***cobra*** - cobra (só a *Naja Tripudians*)

coche - *carruaje* (antigo) | ***coche*** - *carro*

colar - *pegar* | ***colar*** - *coar*

combinar-*citarse con alguien* | ***combinar*** - *combinar*

conforme *- según* — ***conforme*** *- conformado, resignado*

contaminar *- contagiar* — ***contaminar*** *- poluir*

contestar *- negar; oponerse* — ***contestar*** *- responder*

copo *- vaso* — ***copo*** *- floco* (de neve)

cumprimentar *- saludar* — ***cumplimentar*** *- tratar alguém com cortesia; preencher*

desenvolver*-desarrollar* — ***desenvolver*** *- desembrulhar*

embaraçar *- enredar, enrollar* — ***embarazar*** *- tornar grávida*

escova *- cepillo* — ***escoba*** *- vassoira*

escritório *- oficina* — ***escritorio*** *- secretária*

espantoso *- maravilloso, extraordinario* — ***espantoso*** *- horrível*

estafa *- cansancio* — ***estafa*** *- burla; roubo*

estufa *- invernadero* — ***estufa*** *- fogom*

exprimir *- expresar* — ***exprimir*** *- espremer*

farol *- faro* — ***farol*** *- candeeiro*

fechar *- cerrar* — ***fechar*** *- pôr data*

férias *- vacaciones* — ***feria*** *- feira*

gestom *- gerência* — ***gestión*** *- diligência; negociaçom*

largo *- ancho* — ***largo*** *- longo*

legenda *- letrero; subtítulo (*nos filmes*)* — ***leyenda*** *- lenda*

ligar *- prender (*um aparelho*); unir, ...* — ***ligar*** *- engatar*

maço *- mazo; cajetilla de tabaco* — ***mazo****-martelo de pau*

mantimento *- manutención* — ***mantenimiento*** *- manutençom*

namorado *- novio* — ***enamorado*** *- apaixonado*

nota *- billete* — ***nota*** *- nota, qualificaçom*

oficina *- taller* — ***oficina*** *- escritório, gabinete*

pipa *- tonel* — ***pipa*** *- cachimbo*

polvo *- pulpo* — ***polvo*** *- pó*

prenda *- regalo* — ***prenda*** *- penhor, peça do vestuário*

procurar *- buscar* — ***procurar*** *- tentar*

pronto *- listo (*terminado*)* — ***pronto*** *- rápido, aginha*

propina *- matrícula; cuota* — ***propina*** *- gorjeta*

rato *- ratón* — ***rato*** *- momento*

romance *- novela* — ***romance*** *- aventura amorosa*

salada *- ensalada* — ***salada*** *(*adj.*) - salgada*

sobremesa *- postre* — ***sobremesa*** *- tempo depois da refeiçom*

sucesso *- éxito* ***suceso*** *- acontecimento*

talher *- cubierto: cuchara, tenedor y cuchillo* ***taller****-oficina*

tirar *- quitar, sacar* ***tirar*** *- atirar; deitar; puxar*

todavia *- sin embargo, no obstante* ***todavia*** *- ainda*

toro *- tronco* ***toro*** *- touro*

trompa*-trompeta* ***trompa*** *- tromba*

vaso *- maceta* ***vaso*** *- copo*

vassoira *- escoba* ***basura*** *- lixo*

venda *- venta* ***venda*** *- ligadura*

vila *- pueblo (*lugar*)* ***villa*** *- certa classe povoaçom; nunca «povo», que apenas se refere à gente e nom ao lugar*

Bibliografia recomendada do tema quarto

4

J. Mª Sánchez Carrión. Un futuro para nuestro pasado.

M. Portas. Língua e sociedade na Galiza. Bahia ed.

VV.AA. Nova gramática para a aprendizaxe da língua. Via Láctea.

VV.AA. Estudo crítico das normas ILG-RAG. Agal.

VV.AA. Nova gramática do português contemporáneo. Ed. Sá da Costa.

Lista de falsos amigos e homónimos com significados diferentes galego-castelhano e castelhano-galego. Assembleia Reintegracionista Bonaval.

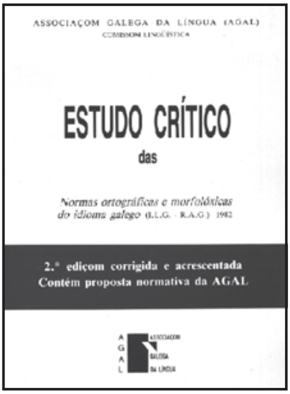
tema quinto

Sociolingüística

O desacordo na escolha de um padrom para o galego

Existem diferentes sintomas que certificam a existência de um conflito lingüístico numha sociedade e, portanto, da posiçom inferior da língua nacional a respeito da alheia. Já vimos alguns nos capítulos precedentes, e agora vamos ver um outro nom menos comum em contextos como o galego.

A necessidade de elaborar umha variedade estándar da língua minorizada cria amiúde tensons na comunidade, ao existirem diferentes visons de por onde é que deve caminhar esta. Noruega, Flandres, Alsácia, Córsega, ou Moldávia, por só citar alguns casos, vivêrom ou ainda vivem conflitos mais ou menos semelhantes ao que hoje existe entre nós. E em todos estes casos, como no nosso, a presença da administraçom alheia e a defesa dos seus interesses tivo e tem grande importáncia na criaçom e manutençom do conflito, que se nom se resolve actua como mais um pejamento para o avanço da língua minorizada.



Descendo a analisar o caso galego, pode-se estabelecer um paralelo entre o que acontece no que se costuma chamar ***Normalizaçom do estatus*** e o que denominanos ***Normalizaçom do Corpus****,* dous aspectos inseparáveis na ***Normalizaçom lingüística***. No primeiro dos planos, há umha disputa entre os defensores de um suposto ***bilingüismo harmónico*** e quem defende o ***monolingüismo social*** em galego. No segundo plano, o mesmo poder político que promociona o *bilingüismo harmónico* defende a independência do galego face ao português, exercendo assim de *separatistas lingüísticos*. Na verdade, e de acordo com a tabela comparativa da página seguinte, vemos como o *separatismo* nom afasta o galego apenas do português, mas também do resto de línguas románicas,

	LATIM	GALEG PORT.	CATALÁ	FRANCÈS	INGLÊS	ESPAN	GALEG ILG-RA
G	**GERMANIA BIOLOGIA**	Germánia Biologia	Germània Biologia	Germanie Biologie	Germany Biology	Germania Biología	*Xermania Bioloxía*
J	**IUDEUS IESUS**	Judeu Jesus	Jueu Jesus	Juif Jésus	Jew Jesus	Judeo Jesús	*Xudeu Xesús*
SS	**MISSA MASSA**	Missa Massa	Missa Massa	Messe Masse	Mass Mass	Misa Masa	*Misa Masa*
Ç	**FORTIA CUMINITIAR**	Força Começar	Força Començar	Force Commencer	Force -	Fuerza Comenzar	*Forza Comezar*
Q	**SEQUENTIA QUAESTIO**	Seqüência Questom	Seqüència qüestió	Séquence Question	Sequence Question	Secuencia Cuestión	*Secuencia Cuestión*

mantendo-o no entanto bem próximo do espanhol, no aspecto gráfico, em signos característicos deste como o simbólico ***ñ***. Do lado oposto, a tradiçom galeguista apostou sempre numha substancial reintegraçom do galego no seu âmbito genética e historicamente natural, julgando que é do espanhol que deve manter a independência e que, de virar as costas ao mundo lusófono, o galego teria muito a perder e muito pouco a ganhar, para além do inútil trabalho de reinvençom de umha língua em permanente perigo de crioulizaçom (processo polo que a mistura de duas línguas dá lugar a umha terceira).

Dentro da primeira visom do assunto, encontramos as ***Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego (ILG-RAG),*** impostas por decreto do governo de **A.P.** (direita espanhola) no ano 1982 e desde aquela apoiadas pola **Junta da Galiza**.

Partilhando no plano filosófico a teoria reintegracionista, existem três propostas de estandardizaçom que mantenhem diferenças entre si, basicamente no aspecto gráfico (nom no léxico e poucas no morfológico): As ***Normas da AS-PG***, ou ***mínimos reintegracionistas***, que mantenhem as grafias espanholas. Hoje estám em progressivo desuso ao serem abandonadas pola própria entidade promotora em favor das ILG-RAG; as ***Normas da A.Ga.L***,ou ***máximos reintegracionistas***, que recuperam a ortografia patrimonial galega, actualizando-a e buscando a confluência com as outras variantes do galego no mundo, se bem mantendo as particularidades galegas; e as ***Normas do Acordo*** assinado polos países lusófonos para unificar quase totalmente os padrons de todos eles. Neste manual apostamos no padrom galego da **A.Ga.L.**

Quanto aos princípios que alicerçam a proposta reintegracionista, estes podem ser resumidos em dous fundamentais:

- Fidelidade à tradiçom escrita do galego. Nom há que esquecer que a língua da Galiza tem umha história escrita de oitocentos anos de antigüidade e seria, portanto, falseá-la ter em conta unicamente os últimos cento e cinqüenta anos, marcados na sua maior parte polo desconhecimento da própria história e pola inexistência de um ensino galego, o qual fai explicável, mas nom assumível para o futuro, o emprego do único código escrito que durante estes anos estivo ao alcance de galegos e galegas: o do espanhol.

- Correspondência suficiente com as falas do galego. O padrom culto galego deve identificar-se com a língua falada, mas excluindo tanto espanholismo como hoje inça o nosso idioma, recuperando formas substituídas pola pressom do espanhol no nível léxico (*povo, Galiza, Deus, ...*), e escolhendo de entre as formas dialectais aquelas que nos achegam às outras variantes cultas (português e brasileiro), e nom as que nos afastam delas, embora existam (como em geral acontece) nas falas populares portuguesa e brasileira. Também nos neologismos (palavras novas) devemos olhar para as soluçons dadas polo português e nom inventar ou copiar do espanhol, como amiúde fam as normas da Junta (*beirarrúa, ordenador, ...*). A recuperaçom deve afectar também à morfologia (*preço, presença, traiçom,..*) e à ortografia (*nh* e nom *ñ*, *-m* final e nom *-n*, uso de *x, j, g,* ...).

Nom devemos interpretar que a discrepáncia neste tema seja causa da situaçom que sofre o galego, como alguns perversamente querem fazer-nos pensar, já que na verdade é umha manifestaçom da falta de normalidade do galego, conseqüência do maltrato recebido secularmente. Nom confundamos, portanto, causas e conseqüências, e incluamos a ***normalizaçom do corpus*** entre os objectivos a conquistar, junto dos avanços na consecuçom de novos âmbitos de uso social.

Igual que outras naçons dérom reconduzido o processo de estandardizaçom para o caminho da reintegraçom (o caso da Flandres é bem recente), também o galego pode e deve recuperar a sua forma legítima. É umha necessidade que entre todas e todos faremos realidade.

Como síntese das noçons sociolingüísticas revistas neste capítulo e nos anteriores, formulamos os que consideramos objectivos básicos para a recuperaçom do galego:

Reintegracionismo Lingüístico, entendido como critério fundamental na ***normalizaçom do corpus***, e pensando nom apenas no passado da língua, mas também no seu futuro.

Monolingüismo Social, ou recuperaçom de todos os âmbitos de uso social para o galego, fazendo dele umha necessidade colectiva e consagrando-o como o grande símbolo na nossa autoidentificaçom como povo. Este é o fim que deve procurar umha autêntica política normalizadora do seu estátus.

Ortografia

Uso do agá (h).

1.-Em posiçom inicial, o seu emprego costuma obedecer a critérios etimológicos. Por esse motivo, levam ***agá***:

Harmonia, harpa, haste, hendecassílabo, Helena, Heloísa, Henrique, ...

e nom levam:

Achar, erva, inchar, irmao, oco, ovo, osso, ombro, orfo/ órfao, úmero, ...

2.- Nom se utiliza nunca em interior de palavra:

Aderir, álcool, aí, baía, coibir, proibir, reabilitar,...

Mas sim depois de traço:

Pré-história, sobre-humano, anti-helénico,...



Uso do Quê (q).

1.-Vai sempre seguido de ***u : qu***. Numha pronúncia cuidada, pronunciam-se ambas, embora haja casos em que se admite a omissom do ***u*** (*quatro* : /'Katro/ ou /'Kwatro/).

2.- Levam esta seqüência todas as palavras começadas por ***qua-, que-, qui-, quo-*** (excepto *cuidar* e os derivados de *cu*: *cuada, cuecas, cueiro*).

Quadrado, quadro, qual, qualidade, qualificar, qualquer, quando, quartel, quase, quociente, quota, quotizar, questom (/Kes'tom/), ...

3.- As palavras começadas por ***aqu(a)-, aqüe-, equa-, eque-, equi-, equo-, esqua-, seqü-:***

Aquático, aqüeduto, equaçom, equador, esquadra,

seqüela, seqüestro, ...

4.- As acabadas em ***-quo*** (excepto *conspícuo, inócuo e vácuo*), as acabadas em ***-qüência, -qüente***, e as relacionadas com *loqui* (falar em latim):

Eloqüência, ventríloquo, longínquo, conseqüência, delinqüente, ...

E também: *adequado, antiquado, cinqüenta, ...*

Usos de bê (b) - uvê (v)

Ao contrário do que acontece com outras letras, nom é preciso justificarmos a conservaçom da duplicidade sem rendimento fonológico que supom o uso de ***b*** e ***v***, devida à fidelidade com a história da língua. Mais umha prova de até quê ponto a presença do espanhol interfere o caminho de estandardizaçom do galego.

O uso destas letras é pouco sistematizável, polo que damos as poucas regras que se podem aplicar e algumhas palavras de uso freqüente que podem criar confusom, ao nom coincidirem com o espanhol:

1.- Utiliza-se ***b***:

Em posiçom inicial em :

Bainha, baixela, baleiro, basco, baunilha, beta, bexiga, borboleta, Biscaia.

Em posiçom interior:

Os derivados de ***-móvel*** (salvo *automóvel* e *imóvel*):

Mobilidade, mobilizar, automobilismo, ...

Outras como: *abóbada, rebentar, chibo, balor (*fungos*), bilha (*torneira*), ...*

2.- Utiliza-se ***v*** :

No morfema ***-va*** do imperfeito da 1ª Conjugaçom:

Cantava, pensávades, levava, ...

Na terminaçom ***-vel***:

Amável, possível, provável, ...

Em quatro verbos acabados em ***-ver,*** e os seus derivados: Dever, escrever, haver, sorver.

Nalgumhas palavras com o grupo ***-vr-:***

Lavrar (mas *labrego*), *livre, livro, palavra, azivro, escalavrar.*

Outras :

Cevar, gravar, provar, raivar, travar, alva, Vilalva, alvanel, alvoroto, alvará, árvore, erva, carvom, carvalho, escarvar,

estorvar, orvalho, torvelinho, turvo, avô, azeviche, azevinho, cavalo, ceivar, cevada, cotovelo, côvado, dívida/dêveda, dúvida, escaravelho, escova, fava, fivela, garavanço, goiva, governo, gravata, javali, névoa, nuvem, pevide, polvo, povo, rodavalho, ruivo, saraiva, tavao, tovo, trave, trevom, Cristovo, Havana, varanda, varrer, vassoira, verça, vermelho, verniz, virolho, vulto, ...

Morfossintaxe

O número dos nomes (substantivos e adjectivos)

De acordo com a formaçom do número, os nomes dividem-se em:

1.- Nomes sem flexom de número.

1.1.- Com um único número.

1.2.- Com umha única forma para os dous números.

2.- Nomes com flexom de número.

2.1.- Nas palavras simples.

2.2.- Nas palavras compostas.

1.- Nomes sem flexom de número.



1.1.- Com um único número.

Janeiro	*Norte*
Belas-artes	*fé*
Olheiras	*calças*
socialismo	*prata*
cóxegas	*algemas*
trevas	*cás (cabelos brancos)*
fezes	*óculos*

1.2.- Com umha única forma para os dous números.

O/os lápis	*O/os tórax*
O/os tira-nódoas	*Simples*

2.- Nomes com flexom de número.

2.1.- Nas palavras simples.

-Nomes acabados no singular ***em vogal*** ou ***-m***. Acrescentam ***-s*** no plural.

Controlo-controlos	*rei-reis*	*cam-cans*
Hindu-hindus	*lei-leis*	*jovem-jovens*
Javali-javalis	*pau-paus*	*camiom-camions*
Si-sis	*bom-bons*	*regime-regimes*
Vale-vales	*mole-moles*	...

-Os nomes acabados em ***-ám, -om*** (excepto *bom*), admitem também a terminaçom ***-ais, -ois,*** respectivamente, próprios do Leste do país. É também admissível a forma ***-ães, -ões***, que, sendo comum com Português e Brasileiro, permite entre nós qualquer das pronúncias galegas: ***-ans, -ons; -ais, -ois; -ãis, -õis***; ...

*Alem**ães**, Cami**ões**, ...*

-Nomes acabados em ***-r, -s, -z*** no singular, acrescentam ***-es*** no plural:

Deus-deuses	*cruz-cruzes*
País-países	*rapaz-rapazes*

-Os nomes acabados em ***-al, -el, -ol, -ul*** (***tónicos ou átonos***), perdem o ***-l*** e acrescentam ***-is*** no plural.

Animal-animais	*móvel-móveis*	*túnel-túneis*
Total-totais	*papel-papéis*	*anzol-anzóis*

Mas: *Cônsul-cônsules.*

Incluem-se os monossílabos: *qual, tal, sal, sol (quais, tais,...).*

-Os nomes agudos terminados no singular em ***-il***, mudam o ***-l*** por um ***-s***.

Funil-funis	*vil-vis*
fusil-fusis	*civil-civis*

-Os nomes graves acabados em ***-il*** no singular, substituem este final polo sufixo ***-eis***.

Débil-débeis	*fóssil-fósseis*
Fácil-fáceis	*móbil-móbeis*
Réptil-répteis	*míssil-mísseis*

Projéctil-projécteis ...

2.2.- Nas palavras compostas.

Em geral, cumprem as regras anteriores, mas com algumhas particularidades.

-Quando os dous elementos vam unidos por traço ***(vide página 75),*** admitem plural ambos elementos, sempre que estes forem: ***substantivo+substantivo, substantivo +adjectivo ou numeral+substantivo.***

Couve-flor / couves-flores — *guarda-florestal / guardas-florestais*

Peixe-sapo / peixes-sapos — *salgueiro-chorom / salgueiros-chorons*

Quarta-feira / quartas-feiras — *terça-feira / terças-feiras*



-No resto de casos, só o segundo elemento admite o morfema de plural.

Recém-nascido / recém-nascidos

Sete-mesinho / sete-mesinhos

Baixo-relevo / baixo-relevos

Aguardente / aguardentes

-Se a palavra composta é formada por três elementos, sendo o central a preposiçom de -com ou sem artigo-, o plural marca-se só no primeiro elemento:

Alfinete de segurança / alfinetes de segurança

Estrela do mar / estrelas do mar

Com as nossas palavras

Expressons próprias: a fraseologia galega

Umha parte importante do nosso património lingüístico é constituído polas expressons idiomáticas, polo que tenhem de espelho do contexto sociocultural próprio. Assim, na medida em que a visom galega do mundo se vai vendo mediatizada pola espanhola, isto tem o seu correlato em interferências puramente lingüísticas, e também no que de contextual tem a

língua. É habitual ouvir a galegofalantes reproduzirem decalques de frases feitas alheias ao génio da língua, julgando estarem a falar em correcto galego. Alguns exemplos som os ***bueno!, vale!, venha!*** **(**esp. ***¡venga!*****)**, empregues como retrousos ou bordons na despedida de umha conversa. Se bem revestidos de formas galegas, estes modismos identificam os espanhóis noutros países de fala hispana, como os sudamericanos ou mesmo em Portugal. Está-se assim falando inconscientemente espanhol, e deixando de usar expressons galegas como ***bem, (es)tá bem, bom,...***, no mesmo contexto antes aludido.

Repassamos a seguir algumhas frases feitas e expressons idiomáticas galegas que convém irmos recuperando. Sem vontade exaustiva, esta reflexom pretende apenas animar-nos a polir mais um aspecto da nossa prática lingüística, para o qual recomendamos reparar na fala dos galegofalantes nativos e nos escritos galego-portugueses que lermos.

Matar dous coelhos de umha cajadada (fazer dous trabalhos com o esforço de um)

*Sair o pau à racha (*parecer-se aos pais*)*

Em casa do ferreiro, espeto de pau

Na terra dos cegos, quem tem um olho é rei

Todo o burro come palha, a questom é saber dar-lha

Trastes velhos e parentes, poucos e ausentes

Quem mais alto subir, de mais alto vai cair

Na terra onde fores viver, fai como vires fazer

Nom há carne sem osso, nem fruta sem caroço

Quem se mete por atalhos nom se livra de trabalhos

A boda e a baptizado, nom vaias sem ser convidado

Quanto maior é a nau, maior é a tormenta

Quando a esmola é grande, o santo desconfia

A cavalo dado nom se olha o dente

*A ferro e fogo (*com toda a força)

Tam difícil como procurar agulha em palheiro

*Nom fazer lama num lugar (*nom ter paragem, ser inquieto)

*Andar à rédea solta (*fazendo o que se quer)

*Nom foi polos teus lindos olhos (*houvo motivos de peso)

*Quando as galinhas tiverem dentes (*nunca*)*

*Cheirar algo a chamusco (*ser suspeito*)*

*Remar contra a maré (*ter que vencer dificuldades)

*Ser um pau de virar tripas (*estar muito magro*)*

*Misturar alhos com bugalhos (*associar cousas sem relaçom*)*

Estar forte como um buxo

*Verdade nua e crua (*sem esconder nada*)*

*Dar umha no cravo e outra na ferradura (*ter acertos e erros*)*

Vir ao rego (entrar em razom)

*Chover no molhado (*nom ser a primeira vez que aconte-ce*)*

*Dói-lhe e prói-lhe (*quer algo e nom o quer ao mesmo tempo, está indeciso)

Bibliografia recomendada do tema quinto

VV.AA. Nova gramática para a aprendizaxe da língua. Via Láctea.

VV.AA. Estudo crítico das normas ILG-RAG. Agal.

VV.AA. Nova gramática do português contemporáneo. Ed. Sá da Costa.

VV.AA. Prontuário ortográfico moderno. Asa ed.

VV.AA. Así falan os galegos. Fraseoloxía da língua galega. Galinova.

tema sexto

Sociolingüística

A prática lingüística: fala e escrita

A existência de um idioma numha sociedade normalizada manifesta-se, como estamos vendo, por duas vias complementares: a ***oral*** e a ***escrita***. Ambas as duas som actualmente imprescindíveis e a ausência de manifestaçons nalgumha delas indica umha carência funcional importante e desnormalizadora para essa língua.

O galego mantivo-se sumido na oralidade forçada durante séculos, o qual se converteria, na hora de tentar dar passos na sua normalizaçom, num obstáculo de que ainda nom se deu livrado, e que hoje se manifesta em forma de ***conflito normativo***, ao que já nos temos referido.

É importante diferenciarmos perfeitamente ambas as manifestaçons, a oral e a escrita, nom confundindo conceitos pertencentes a um plano ou a outro.

Os elementos sonoros da linguagem conformam um sistema que se manifesta na sua própria oralidade. Esta é prévia à tentativa de levá-la ao papel a meio de umha série de signos gráficos convencionais que conformam a língua escrita. Estes signos convencionais nom guardam em si qualquer relaçom com o elemento sonoro que representam, daí que nom existam sistemas gráficos realmente identificados com os sistemas fónicos correspondentes. Dito por outras palavras: **umha letra nom se corresponde naturalmente com o som que materializa no papel** (por vezes som duas letras as que representam umha unidade fónica: <***ch***> em ***fecho***), **senom só na medida em que a comunidade lingüística decide dar-lhe esse valor, como poderia ter-lhe dado outro qualquer**.



De facto, umha mesma letra pode representar sons bem diferentes em cada idioma que a usar: O <***j***> de ***Joám, John, Juan***, ... Igual que um mesmo som pode estar representado por letras diversas num mesmo idioma (o fonema bilabial sonoro, como <***b***>, <***v***> em galego, ou o fonema velar surdo, como <***j***>, <***g***> em espanhol), ou em dous idiomas (o fonema palatal surdo do ***j****ornal* galego e da ***sh****adow* inglesa).



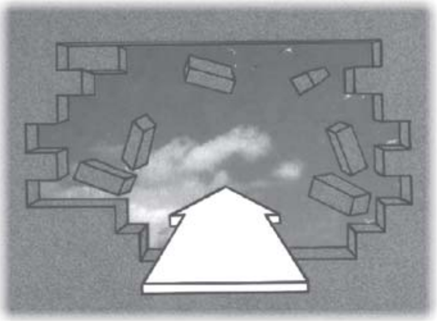
Visto assim, poderíamos pensar que é indiferente como grafemos a nossa língua e mesmo poderíamos optar por reduzir ao máximo o número de grafemas, como se fijo ao fixar a norma escrita do euskara. No entanto, a própria existência do conflito normativo permite enxergar que a importáncia da ortografia tem qualquer outra dimensom que lhe confere um grande protagonismo no processo normalizador. Com efeito, a ortografia vem sendo a roupagem que fai visível um idioma, imprimindo-lhe carácter e situando-o no mundo das línguas escritas. É por isso que nom resulta indiferente optarmos por situar o nosso idioma no ámbito ortográfico do espanhol do que irmaná-lo com português e brasileiro, devido às implicaçons simbólicas -e práticas- de umha e outra possibilidades. Se a adopçom da escrita espanholizante pode facilitar o aprendizado -razom pedagógica amiúde aduzida polos seus defensores-, nom deixa de supor umha clara satelizaçom do galego ao ser tomado o espanhol como modelo prévio de referência. Do lado oposto, a escolha reintegracionista implica a recuperaçom da escrita histórica galega, como património do nosso povo a que nom devemos renunciar, e como referente que nos situa à vista do mundo no ámbito do tronco lingüístico que o nosso país criou, mil anos atrás, e que hoje se estende polos cinco continentes, com todo o que esta realidade oferece ao futuro do galego.



A necessidade de um padrom fonético para o galego

O uso do alfabeto histórico-etimológico galego, partilhado com portugueses, brasileiros e restantes povos aos quais foi imposto o galego-português, nom implica, é claro, recusarmos a nossa particular pronúncia. É o mesmo que se passa no Espanhol, com a mesma escrita em Espanha que na Argentina ou Cuba, mas com correspondências fonéticas diferenciadas entre si, ou no espanhol de Castela e o da Andaluzia que, postos a levarem as dissemelhanças ao papel, admitiriam códigos escritos bem diferentes. Seguramente, se os galegos mantivéssemos com portugueses e brasileiros os mesmos relacionamentos fluentes que mantenhem castelhanos e andaluzes ou, em geral, espanhóis e hispanoamericanos entre si, as argumentaçons «separatistas» esvairiam-se em favor da inevitável irmandade entre povos que partilham um ingrediente cultural tam importante como é o idioma. Talvez por isso o poder se tenha preocupado com nos manter de costas viradas, fomentando entre os galegos, no mínimo, a indiferença, quando nom o desprezo, polos irmaos do Sul.

Do mesmo modo que brasileiros e portugueses tenhem diferentes padrons fonéticos para um código escrito substancialmente comum, também nós devemos contar com umha pronúncia padrom própria dentro do mundo de fala galego-portuguesa.



Actualmente, podemos supor -sendo muito bem pensados- que nom existe qualquer proposta que os responsáveis de **Política Lingüística** podam tratar de socializar desde as escolas ou os meios de comunicaçom (rádio e televisom), e que poda servir de referente estándar ou culto para todos os galegos e galegas.

Porém, de acordo com a realidade radiofónica e televisiva, todo fai pensar que existe umha peneira de locutores em funçom da fonética e sotaque dos candidatos, de forma que som seleccionados só aqueles que nom soarem «*muito galegos*», algo que mesmo tem sido denunciado por lingüistas participantes nalgumha prova de selecçom. Com efeito, semelha que se procure um sotaque «*neutro*» e «*bem soante*», tomando como neutralidade eufónica a



Em Da fala e da escrita (1983), Carvalho Calero argumenta as razons do reintegracionismo

dicçom espanhola estándar.

A situaçom do plano fonético e entonacional começa a ser grave porque, apesar de ser a última camada, a mais interiorizada e difícil de apagar na identidade lingüística de um povo, todo fai pensar que algo disto está a acontecer nos falantes mais novos do nosso idioma, que começam a assimilar a identidade fónica espanhola, insistentemente insuflada através, de novo, de um ensino cada vez mais efectivo, e uns meios de comunicaçom a cuja presença e influência abafante é difícil abstrair-se, também no que aos hábitos lingüísticos respeita.

A que responde, se nom, a crescente indistinçom no timbre das vogais de grau médio, que leva a empobrecer o nosso sistema vocálico, ou a confluência da pronúncia palatal dos grafemas ***x, j, g,*** com a alveolar do ***s***? Existem outros casos sintomáticos do que dizemos, como a substituiçom da curva tonal galega pola espanhola, ou mesmo a renúncia a um traço tam caracterizador do nosso idioma como o sesseio, nas zonas em que este é sistemático.

Nom haverá, neste caso, quem culpe o conflito normativo da situaçom, já que as discrepáncias nom afectam, praticamente, ao que deve ser ortofonia padrom, e, ainda existindo um acordo substancial, nom existe umha política conducente a estender o seu uso como referente social unificador num aspecto tam importante para a conservaçom da autenticidade do galego. Esta falta de promoçom da correcta dicçom em favor de um híbrido entre «*galego normativo*» e «*pronúncia neutra*» = espanhola, semelha confirmar qual é a vontade dos responsáveis por umha política lingüística que, a pouco que analisarmos, comprovamos que sim existe, embora nom tenha os fins que di defender.

Ortografia

Uso de cê (c), zeta (z), cedilha (ç)

Antes de entrarmos nas regras de uso destas grafias, nom queremos deixar de fazer umha consideraçom prévia relativa ao cê-cedilhado. Esta letra é umha variante contextual do cê. Por isso devemos pronunciar igual o ***cê*** de ***toucinho*** que o

cê-cedilhado de ***naçom*** (ou ambos ceceantes ou, de preferência, ambos sesseantes).

Vejamos a sua ortografia:

1.- O *cê-cedilhado* nunca vai ante ***e, i.***

2.- Depois de ***l, r, n***, o mais habitual é o uso de ***Ç***:

Março, diferença, Arçua, França, Gonçalo, Betanços, almorço, berço, alçar...

Excepto: *Anzol, cinza.*

3.- Em ***posiçom intervocálica*** é mais comum o uso de ***Ç***:

Cobiça, moço, afeiçoado, doaçom, açúcar, ...

4.- A terminaçom ***-eza*** é maioritariamente com ***Z:***

Beleza, nobreza, pobreza, firmeza, ...

5.- As palavras que tenhem ***c + e, i***, levam ***Ç + a, o, u,*** nas derivadas, e vice-versa:



*Agrade**ce**r: agrade**ço**, agrade**ça**, ...*

*Do**ce**: do**ç**ura.*

*Ra**ça**: ra**c**ismo.*

Para lembrarmos esta norma, só temos que razoar que o ***cê-cedilhado*** nom é mais do que umha variante do ***cê*** quando este antecede ***a, o, u***.

6.- Tenhem ***ze***:

Os seguintes verbos acabados em **-zer**: *fazer, jazer, prazer, cozer* e *dizer.*

Os seguintes numerais: *onze, doze, treze, catorze, quinze, zero.*

Outras: *Bezerro, armazém, bronze, azeite, ...*

7.- Tenhem ***zi***:

Os verbos em **-zir**: *aduzir, luzir, conduzir, deduzir, ...*

A terminaçom **-zinho/a**: *cozinha, vizinho, canzinho, ...*

Excepto: *toucinho*

Outras: *Azinheira, vazio, rodízio, ...*

8.- Os plurais de umha palavra acabada em ***Z***, mantenhem-no:

Cruz: cruzes; luz: luzes; raiz: raízes, ...

Isto mesmo acontece às vezes com palavras derivadas de palavras com ***Z***: *cruzeiro, cinzeiro,...* Mas nem sempre: *capacidade, pacifismo, contraproducente, conducente,...*

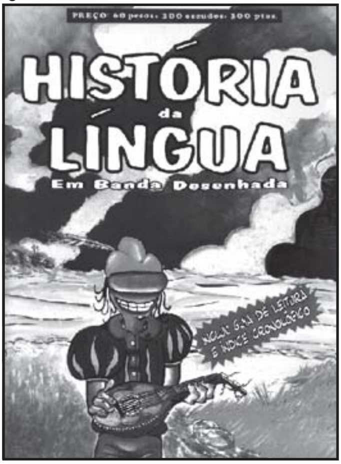
Morfossintaxe

Outros sufixos e terminaçons

Vimos em páginas anteriores os principais sufixos de uso sistemático. Acrescentamos agora outros que provocam dúvidas polo seu carácter por vezes irregular ou pouco sistematizável.

-cio/-zio, -cia/-zia / -ço/-zo, -ça/-za

Som muito mais freqüentes as primeiras formas de cada par, **quando precedidas de vogal ou vogal mais ene** (*-ácia, -ácio,...; -áncia, -áncio,...*), **ou vogal mais erre** (*-árcia, -árcio,...*).



Vamos ver os casos mais freqüentes sem ***-i-***:

-ço/-zo; ça/-za

-aça: *graça, desgraça,...*

-aço: *andaço, cansaço, espaço (espaçoso, espaçar, mas espacial), paço.*

-eza: *avareza, Veneza* (mas *veneciano/a).*

-eço/-ezo: *preço, apreço, despreço (desprezar, desprezível), menosprezo (menosprezar), prezar* (mas *apre-ciar, apreciável, depreciar).*

-iça/-iza: *cobiça (cobiçar,*

cobiçoso), justiça, Galiza.

-iço/-izo: *noviço/a, serviço (serviçal), juízo, prejuízo.*

-uço: *ruço* (=pardecento).

-ança: *França, perseverança, finança (financeiro).*

-anço: *ranço, rançoso.*

-ença: *avença* (=acordo), *convalescença, crença (descrença), diferença (indiferença,* mas *diferenciar, diferencial, diferenciaçom), doença, Florença, licença* (mas *licenciado, licenciar, licenciatura), mantença, nascença, pertença, presença (presencial), querença, sentença (sentenciar, sentencioso), tença* (pensom).

-**ada**: este é o sufixo habitual para comunicarmos o significado de «*golpe dado com*»: *navalhada* (com umha navalha), *punhada* (com o punho), *cabeçada* (com a cabeça), ..

Com as nossas palavras

Palavras de escrita duvidosa (I)

Oferecemos a seguir listas de palavras em que pode resultar duvidosa a sua correcta escrita pola presença ou ausência de umha determinada vogal. Em caso de dúvida sobre o significado, recomendamos recorrer a algum dos dicionários referenciados na bibliografia do final.

6

Levam a:

acareaçom	*apózema*	*acender*	*Alacante*
alcatrám	*anao*	*anojar*	*assassinar*
avaliar	*bacharelato*	*escasseza*	*lanterna*
fumarada	*laganha*	*latrina*	*omoplata*
rancor	*rescaldo*	*avaria*	*casario*
trança	*Sardenha*		

Nom levam a:

coligar	*xadrez*	*compassar*	*chicória*
mapoula	*metralhar*	*sobresser*	*doutrinar*
hectare	*seguradora*	*(des)complexado*	

Levam e:

metrópole	*arrabalde*	*epiderme*	*sintaxe*
arcebispo	*basear*	*alude*	*árvore*
cárcere	*bater*	*anteface*	*requerer*
berbequim	*assembleia*	*abater*	*cegonha*

cemitério	*combater*	*conceber*	*converter*
interromper	*irromper*	*incorrer*	*ocorrer*
dizer	*escrever*	*receber*	*perceber*
disfarce	*diocese*	*debater*	*demitir-se*
deputado	*deputaçom*	*desculpar*	*desgostar*
desenhar	*efeminado*	*engrenagem*	*estaleiro*
escuridade	*efémero*	*fiorde*	*tenazes*
nem	*sem*	*sabedoria*	*reger*
aresta	*render*	*pagode*	*mestre*
hóspede	*interesse*	*lide*	*mármore*
talude	*sobresser*	*testemunho*	*testemunha*
verniz	*vide*	*telefone*	*debuxar*
geleia	*regedor*	*vertigem*	*milagre*
lear	*restra*	*fêmea*	*clipe*
legenda (rótulo)	*cadeado*	*bracelete*	*remeter* (enviar)
tesoura	*défice*	*clone*	

Nom levam e:

telefonar	*sinistro*	*sabotar*	*apedrar*
formatar	*sermonar*	*arriscar*	*acredor*
crer	*gasoduto*	*gasosa*	*Filipe*
ler	*namorar*	*pertencer*	*sismo*
Firmino	*lenda* (história)	*forcejar*	

Levam i:

azeviche	*ambigüidade*	*antigüidade*	*crista*
brusquidade	*calcário*	*cerimónia*	*corrigir*
cránio	*feminino*	*frigir*	*hipocrisia*
humidade	*inimigo*	*labirinto*	*língua*
minguar	*pavilhom*	*possuir*	*rendível*
rendibilidade	*rir*	*sinal*	*tossir*
vacina	*vingar*	*inimizade*	*lixívia*
vestiário	*Firmino*	*vestiário*	*Filipe*
oxigénio	*pandeireteira*		

Nom levam i:

grafar	*vendima*	*andaço*	*preço*
limpar	*manobrar*	*menopausa*	*juízo*
pertença	*presença*	*ermo*	*cujo*
vidro	*justiça*	*gelo*	*espaço*

financeiro	*congro*	*agravo* (ofensa)	
volumoso	*graça*		

Levam o:

bordel	*tribo*	*bordo*	*tifo*	
conservadorismo	*caloroso/calorento*	*valoroso*	*cacto*	
cartolina	*cortar*	*dormir*	*polir*	
esquimó	*fastoso*	*governativo*	*ímpeto*	
incorrer	*interromper*	*irromper*	*magestoso*	
monstro	*mercadoria*	*ocorrer*	*pagadoria*	
polegar	*recorrer*	*referendo*	*rigoroso*	
soro	*soldo*	*ultimato*	*currículo*	
espírito	*todo/a*	*resumo*	*rotina*	
rotineiro	*sortido*			

Nom levam o:

bispo	*tom*	*canguru*	*lagostim*

Levam u:

encurtar	*curto*	*curral*	*custar*
machucar	*processual*	*regulamento*	*suborno*
suportar	*suportal*	*sufocar*	*fundo*
urtiga	*estufar*	*calhau*	*degrau*
grau	*tinturaria*	*suster*	*canguru*
cúmplice	*bacalhau*	*cacau*	
mau	*pau*	*Bilbau*	
Ladislau	*Nicolau*	*premuniçom*	

Nom levam u:

cidade	*fastoso*	*magestoso*	*conservadorismo*
governativo	*rotina*	*rotineiro*	

6

Bibliografia recomendada do tema sexto

E. Souto Presedo. Sociodidáctica lingüística. Laiovento.

Martinho Montero Santalha. «A pronúncia padrom galega: tentativa de formulaçom», Actas do I Congresso Internacional da Língua galego-portuguesa na Galiza. Agal.

VV.AA. Nova gramática para a aprendizaxe da língua. Via Láctea.

VV.AA. Estudo crítico das normas ILG-RAG. Agal.

VV.AA. Nova gramática do português contemporáneo. Ed. Sá da Costa.

Dicionário da língua portuguesa. Porto Ed.

I. Alonso Estravis. Dicionário da língua. Sotelo Blanco.

tema sétimo

Ortografia

O uso do traço



O traço de uniom ou *hífen* é um signo auxiliar da escrita, empregado em galego para ligar o pronome átono enclítico (posposto) à forma verbal que acompanha **-vide página 118-.**A proposta de utilizar o traço nestes contextos e nom na suposta "segunda forma do artigo" opçom recomendada na normativa I.L.G.-R.A.G.- parte da procura de coincidência com português e brasileiro, e justifica-se internamente polo facto de verbo e pronome enclítico manterem umha íntima relaçom funcional, deste modo visível na escrita. Esta vinculaçom nom se dá entre o artigo e o verbo -o artigo mantém-na com o nome-, motivo, entre outros, polo qual nom deve transmitir-se na escrita a ideia de conjunto nesse caso (*verbo + 2ª forma do artigo*).

Como curiosidade, recordemos que o catalám usa também o traço de uniom entre verbo e pronome enclítico, tomado precisamente do nosso idioma por Pompeu Fabra quando, no primeiro quartel do presente século, elaborou a base da escrita actual catalá.

Falava-lhe *quigem-te*

Como-o *veremo-lo*

Também serve para ligar pronomes átonos entre si.

Nom no-las deu

Dérom-lhe-las

E, por último, liga os pronomes átonos com o advérbio de lugar apresentativo ***eis***.

Eis-me *ei-la*

Eis-nos *ei-los*

Para além deste uso, de umha grande produtividade ao ser muito habitual em galego a posiçom enclítica do pronome átono, também se usa nalgumhas palavras compostas.

Convém nom confundirmos o pronome átono ligado ao verbo com o Sufixo Número Pessoal como parte constitutiva do próprio verbo:

Tu cantache	**Tu canta-che*
Nós amamo-nos	**Nós ama-mo-nos*

Nomeadamente na conjugaçom do infinitivo pessoal:

Colhermos	**Colher-mos*

Morfossintaxe

Usos de te-che / o-lhe

Um dos erros que mais freqüentemente delatam um neofalante parte da confusom nos usos entre os pronomes átonos de segunda e terceira pessoa, ao existir um com funçom de objecto directo e outro de objecto indirecto para cada umha destas pessoas. Já que este manual aspira a ajudar ao necessário reencontro com o idioma do país dos infelizmente cada vez mais galegos e galegas que tenhem sido afastados do mesmo, será bom revermos este importante aspecto.

Quem nom contar com a intuiçom do falante espontáneo para distinguir o uso de uns e outros pronomes, poderá seguir umhas regras sintácticas e, sobretodo, reparar na fala das por fortuna ainda muitas pessoas que mantenhem esse conhecimento prático.

O uso destes pronomes é complementar, cumprindo ***te*** e ***o*** a funçom de O.D. de segunda e terceira pessoas respectivamente. Recordemos que, no caso de ***o***, existem as variantes ***-lo**, **-no**,* a primeira usada quando o verbo que o antecede termina em ***-r*** (*colhê**-la**, fazê**-lo***) e a segunda após ***-m*** ou **ditongo** finais (*colheu**-no**, fam**-no***) **(Vide página 118).** Quanto a ***che*** e ***lhe*,** a sua funçom é a de O.I.

Com isto queremos dizer que a primeira parelha de pronomes substitui sempre um nome que funcionava como O.D. na frase, enquanto a segunda, por seu turno, substitui um nome em funçom de O.I.

*1.- Conheço **Joám** desde há anos.*

*2.- Conheço-**te** desde há anos.*

*3.- Conheço-**o** desde há anos.*

Na frase 1 vemos claramente que ***Joám*** cumpre a funçom de O.D., complementando um verbo transitivo que sem ele nom teria o significado completo. Se o substituirmos polo pronome correspondente, portanto, este deve ser ***te*** na segunda pessoa e ***o*** (***a*** no feminino) na terceira (frases 2 e 3).

Seriam incorrectas -e como tais soam ao ouvido de um galegofalante habitual-, frases como:

**Conheço-che desde há anos.*

**Conheço-lhe desde há anos.*

Ao contrário, ***che*** e ***lhe*** substituem sempre nomes que funcionavam como O.I.

1.- Deu o dinheiro ao Joám.

2.- Deu-che o dinheiro.

3.- Deu-lhe o dinheiro.

Na frase 1, o O. I. (quem recebe o benefício ou dano da acçom descrita polo verbo e o O.D.) é **o Joám**, que pode, entom, ser substituído polo pronome de segunda pessoa ***che*** ou o de terceira pessoa ***lhe***, mas nunca polos correspondentes pronomes de O.D.

**Deu-te dinheiro.*

**Deu-no dinheiro.*

Como ajuda suplementar, pode-se transformar a frase em passiva, e se o sujeito da frase resultante for ***tu*** ou ***ele/ela***, a forma a empregar será ***te*** ou ***o/a;*** se nom, deverá optar-se por ***che*** ou ***lhe***.

Conheço-te desde há anos - Tu és conhecido por mim desde há anos.

*Deu-che dinheiro -*Tu és dado dinheiro por ela/ele.*

7

Tem em conta que, em caso de frases com verbos reflexos, os pronomes sempre cumprem a funçom de O.D.

Irás-te daqui ?

**Irás-che daqui?*

De outra parte, existem verbos que admitem as duas possibilidades (uso do pronome de O.D. e de O.I.), implicando cada uso umha construçom sintáctica diferente:

Aconselhou-te - Tu foche aconselhado por ele/ela.

Aconselhou-che (algo) - Algo foi aconselhado por ele/ela a ti.



Às vezes, um

uso ou outro implicam diferentes significados:

*Pegou-**che** (umha pancada) Umha pancada foi pegada **a ti**.*

*Pegou-**te** **Tu** foche pegado (*colado*).*

Em relaçom com o pronome reflexivo, devemos ter em conta que a presença na frase de um O.D. expresso impede o seu uso em qualquer das pessoas:

***Lava** as maos / *Lava-**te** as maos*

***Jogar** mil pesos / *Jogar-**se** mil pesos*

É preciso, por último, recordar que algumhas zonas da Galiza coincidem com o que é norma geral em Portugal e no Brasil, contando apenas com o pronome de segunda pessoa ***te*** para ambas as funçons. Contudo, é um traço característico da maior parte da Galiza a manutençom da distinçom aludida, motivo polo que se inclui na norma padrom, sendo admissível também o uso exclusivo de ***te*****.**

Ainda referido aos usos do objecto directo galego, nom queremos deixar de fazer umha precisom final: for este de pessoa ou nom, na nossa língua nom vai unido ao verbo de que depende pola preposiçom ***a***:

Conheço Joám desde há anos.

Conheço a casa desde há anos.

Evitaremos, entom, construçons deste tipo com O. D. introduzido pola preposiçom ***a***:

**Conheço a Joám desde há anos.*

Com as nossas palavras

Palavras de escrita duvidosa (e II)

Oferecemos agora grupos de palavras cuja dúvida ortográfica se situa na presença ou ausência de determinada consoante.

Levam bê:

subtil	*submeter*	*insubmissom*	

Levam cê:

acaçapar-se	*caçapo*	*cirúrgico*	*ciste*
tecer	*manancial*	*coarctada*	

Levam dê:

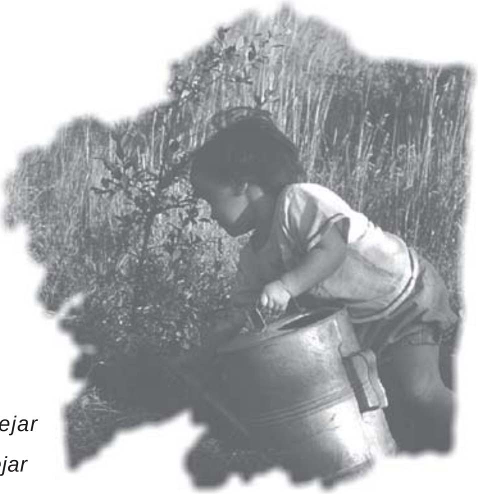
almirantado	*califado*	*quadri-(mestre, logia...)*		
lealdade	*fadiga*	*liberdade*	*lámpada*	
margarida	*puberdade*	*priorado*	*renda*	
venda	*faculdade*	*advogado*	*dificuldade*	
admoestar	*arrepender-se*			

Nom levam dê:

cela	*cru*	*grau*	*onde*
nu/nua	*suar*	*aquisiçom*	

Levam gê:

fumegar
gargalhada
manteiga
mastigar
podengo
revogar
vigararia
cônjuge



Levam jota:

solfejo	*babejar*		
gotejar	*pelejar*		
cônjuge	*injecçom*	*pejorativo*	*projecto*
trajecto	*jazer*	*conjuntura*	*jugular*
desejar	*jejum*	*boquejar*	

7

Nom levam eme:

derrubar	*coluna*	*solene*	aluno/a

Levam pê:

escapulir-se	*pneumático*	*pneumonia*	*repto*	*mentecapto/a*

Nom levam pê:

adscriçom	*circunscriçom*	*descriçom*	*ditongo*
inscriçom	*setentrional*	*sétimo*	

Levam quê:

arquivo	*arquipélago*	*quilo*	*quiosque*

Nom levam tê:

cafeal

Levam ele:

apelido	*atropelo*	*julgar*	*castelo*
torvelinho	*crioulo*	*estalar*	*vila*

laranja	*atoladeiro*

Nom levam ele:

águia	*perigo*	*pia*	*ameia*
anguia	*cabido*	*caveira*	*coar*
doer	*moer*	*natureza*	*pá*
sair	*saúde*	*só*	*véu*
gémeo	*ameia*	*amido*	*doce*
mau/má	*voar*	*baú*	

Levam erre:

prazer	*praga*	*praça*	*prata*	*brasom*
cumprir	*nobre*	*recruta*	*frouxo*	*fragráncia*
emprego	*prato*	*prazo*	*pregária*	*sabre*
próprio	*obrigaçom*	*brandir*	*fraco*	*prostrar*
árvore	*cárcere*	*igreja*	*branco*	*Frederico*
brando	*cravar*	*singradura*	*mastro*	
preito	*crocodilo*	*praia*	*canastra*	
soprar	*cirurgia*	*orquestra*	*escravo*	

Nom levam erre:

erro	*madrasta*	*padrasto*	*sangue*
arrastar	*rosto*	*registo*	

Levam ene:

abandonar	*oficina*	*apaixonar*	
gasolina	*consonáncia*	*detonador*	
esfregona	*condenar*	*sirena (acústica)*	
tronar	*anil*	*antano*	
cana	*cano*	*rapina*	
confraria	*confrade*	*comungar*	
esquina	*lunar (adjectivo)*	*zona*	
aspirina	*melena*		
ordenar	*medicina*		
personalidade	*personagem*		
serenar	*generalizar*		
danar	*enganar*		
ensinar	*pestana*		
sinal	*generativo*	*limonada*	*antano*
conjuntura	*entretenimento*	*conveniente*	*prevenir*



*Ángelo Casal, promotor através das Irmandades da Fala das **Escolas Irmandinhas**, que nos anos vinte ministrárom aulas infantis em galego. Morreu assassinado polos militares espanhóis em 1936.*

Nom levam eme/ene:

rá	*razoar*	*regime*	*soar*
vaidade	*volume*	*volumoso*	*órgao*
alvará	*ameia*	*ameaça*	*admoestar*
apisoar	*areia*	*aveia*	*centeio*
cansaço	*cadeia*	*cadeado*	*cardeal*
cear	*estreia*	*esvaecer*	*exame*
frear	*galardoar*	*certame*	*resumo*
geral (adjectivo)	*colmeia*	*começar*	*comigo*
cominar	*coroar*	*crime*	*ditame*
geraçom	*doar*	*doaçom*	*emendar*
enseada	*entoar*	*moeda*	*perdoar*
pessoa	*hipérbato*	*lá*	*regerador*
lagosta	*lagostim*	*limoeiro*	*teor* (índole)
lua	*manhá*	*maçá*	*veia*
pregoar	*gerar*	*gerador*	*padaria* (padeiro/a...)
mantimento	*entreter*	*imediato*	

gado (gadaria, gadeiro/a...)

Levam efe (e nom agá):

almofada	*folgazám*	*refém*	*fastio*
bafo	*mofo*	*fume*	*farinha*
furacám	*fígado*	*fio*	*formoso*
furto	*ferida*	*fungo*	*afogar*
fava	*faia*	*formiga*	*fidalgo*
tafona	*tafur*	*falcom*	

Levam esse:

biscoito	*soco*	*estranho*	*esquerda*
lápis	*analisar*	*paralisar*	*sapato*
espólio	*escavar*	*jasmim*	*torresmo*
mesquita	*mesquinho*	*escusa*	*espremer*
estender (mas *extenso*)		*estrangeiro*	*esterno* (osso do peito)
Estremadura	*vesgo*	*polisom*	*sentinela*
Córsega	*Sardenha*		

Nom levam esse:

diminuir *subtrair*

Levam ele agá:

coelho	*parelha*	*antolho*	*Julho* (mês)
olho	*baralho*	*amasilho*	*celha*

pelelho	*lentilha (*legume*)*	*burbulha*	*concelho*
telha	*estropalho*	*caravilha*	*rastolho*

Bibliografia recomendada do tema sétimo

VV.AA. Nova gramática para a aprendizaxe da língua. Via Láctea.

VV.AA. Estudo crítico das normas ILG-RAG. Agal.

VV.AA. Nova gramática do português contemporáneo. Ed. Sá da Costa.

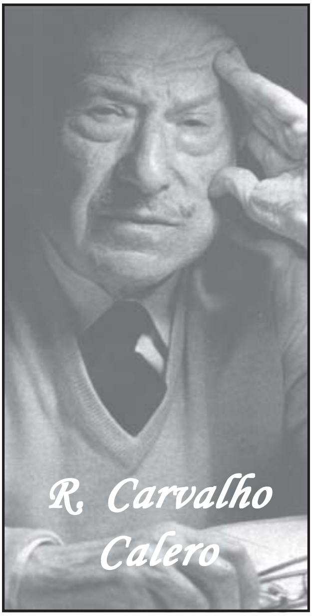
Dicionário da língua portuguesa. Porto Ed.

I. Alonso Estravis. Dicionário da língua. Sotelo Blanco.

Ortografia

Uso de esse simples (s) e esse duplo (-ss-)

A presença em galego do *esse duplo*, tal como a do *cê-cedilhado*, responde a umha história em que chegárom a existir quatro fonemas sibilantes diferentes, cada um com a sua grafia (***c-ç, z, s, ss***). Sem entrarmos na explicaçom do processo de evoluçom até os actuais sistemas simplificados galegos e portugueses, recomendamos sem dúvida a recuperaçom das grafias originárias, apesar de que, tanto na Galiza como em portugal, nom respondam à realidade fonológica actual, mais que num pequeno espaço geográfico do sul galego e do norte português. Igual que ninguém propom a supressom de *bês* e *uvês*, ou *cês* e *zetas*, também o *esse duplo* deve ser mantido. O mesmo fam outras línguas como o italiano, em que a distinçom fonológica nom existe (sul do país) ou nom é sistemática (metade norte). Para além do mais, nom esqueçamos que na comarca de Bande e em Ermisende, bem como em zonas de Trás-os-Montes, mantém plena vigência o complexo sistema arcaico galego-português de sibilantes.



Vejamos os principais casos em que devemos usar umha e outra grafias:

1- Em posiçom inicial de palavra, sempre vai **s-.**

Sábado, sumo,...

2.- Depois de consoante, sempre vai **-s-.**

Absolver, ganso, ...

3.- Usa-se **-SS-:**

Nos demonstrativos, possessivos e pretéritos do Conjuntivo:

Esse, isso, vossa, nossos,

levasse, fosses, trouxéssemos, ...

Em todos os superlativos em ***-íssimo/a**:*

Grandíssima, boníssimos, malíssimo, ...

Em certas terminaçons, com os seus derivados:

- ***pressom**: repressom, opressom, opressor, ...*
- ***missom**: admissom, admissível, ...*
- ***sessom**: possessom, obsesso, ...*
- ...

Palavras começadas por ***pass-, foss-, ess-,*** e derivados:

Passar, passagem, passivo, fóssil, essência, ...

As palavras começadas por ***s-*,** ao ficar unido a um prefixo acabado em vogal, passam a levar ***-ss-*:**

Assaltar, assegurar, assimilar, associar, antessala, dissentir, prosseguir, ressuscitar, fotossíntese, sanguessuga, homossexual, ...

Outras normas do galego-português

A língua galega, ou galego-portuguesa, é falada por mais de 200 milhons de pessoas nos cinco continentes, levada polo imperialismo português de maneira semelhante ao espanhol. Nom é, com certeza, motivo de orgulho sabermos que a nossa língua cumpriu noutros lugares o mesmo papel glotofágico («papa-línguas») que nós denunciamos que cumpre o espanhol na Galiza. Sendo críticos com esse papel, nom podemos deixar de reconhecer que a potência demográfica, cultural e económica que hoje representa o mundo lusófono, beneficia a revitalizaçom do galego desde que ponhamos qualquer cousa da nossa parte.

Umha língua tam extensa, falada e escrita em tantos países, vê dificultada a sua unificaçom formal por motivos evidentes. Assim acontece com o inglês, com importantes diferenças entre o estado-unidense, o de Inglaterra e o australiano; ou com o francês, diverso segundo estivermos no Quebeque, em França, ou no cantom francófono da Suíça. O mesmo acontece com o espanhol: apresenta notáveis diferenças entre os distintos países de fala hispana, nom raro levadas à escrita padrom de cada um deles.

Quanto ao galego-português, o Brasil e Portugal (por citar os casos mais conhecidos), tenhem normas diferenciadas. Também





na Galiza, como estamos vendo nestas páginas, existe umha norma específica, dentro da geral identidade entre todas elas. Esta norma responde à personalidade galega do português falado na nossa terra e, sem pretendermos entrar na discussom de se convém ou nom a unificaçom total de padrons galego-portugueses, achamos que a especificidade contribui para fortalecer a nossa consciência nacional e autoestima lingüística. Outra utilidade indirecta da norma galega é a de fazermos ver em Portugal que nom é que queiramos sem mais fazer nossa a «sua» língua, senom que a da Galiza e a de Portugal som variantes do mesmo idioma. Contodo, estes argumentos som sem dúvida discutíveis e nom faltará quem poda apresentar outros igualmente válidos no sentido da unificaçom total com a norma portuguesa.

Durante o século XX, tem havido distintas tentativas de unificaçom das variantes dos distintos países de fala galego-portuguesa. O último acordo foi atingido em 1992, com participaçom galega. Porém, como nas ocasions anteriores, este acordo nom foi respeitado e hoje continuam tendo vigência as normas particulares de cada Estado.

Umha vez vistos os aspectos fundamentais do padrom galego, resumimos sumariamente as particularidades do português e o brasileiro, a respeito do galego.

Ortografia

-Uso do acento circunflexo sobre o ***a***. Em galego, usamos acento circunflexo sobre ***e*** e ***o*** tónicos fechados, para os diferenciar dos respectivos abertos. Em português e brasileiro, existem aliás ***a*** tónico fechado e aberto. O primeiro, localizado em contexto nasal, marca-se, quando corresponde, com um acento circunflexo.

Câmara, âmbito, lactância.

Galego: *Cámara, ámbito, lactáncia*.

-Uso de til (~). Usa-se sobre o ***a*** e o ***o*** para indicar a sua condiçom de vogais nasais:

Coração, sermões, clã.

Galego: *Coraçom, sermons, clam.*

Morfologia

-Por + o, a = pelo, pela.

Galego: *polo, pola.*

-Artigo indefinido feminino: *uma(s)* (bilabial).

Galego: *umha(s)* (velar).

-1ª pessoa dos pretéritos fortes da 2ª e 3ª conjugaçom em **-i**: *Vi, comi.*

Galego: *vim, comim.*

-Futuro e condicional com pronome mesoclítico: *fá-lo-ei, beijar-te-ia. (uso muito formal)*

Galego: *farei-no, beijaria-te.*

-Diversas formas dos verbos irregulares: *faço, teve, disse, perco, posso, meço,...*

Galego: *fago, tivo, dixo, perdo, podo, mido,...*

Léxico

Português e brasileiro som em geral ponto de referência inescusável na restauraçom do vocabulário galego, tam deturpado por influência espanhola. Todavia, o galego conserva em ocasions léxico que em Portugal ou no Brasil foi substituído por estrangeirismos desnecessários. Nesses casos, como noutros, o galego tem muito a dizer e pode achegar a sua riqueza ao mundo lusófono. Referimo-nos, por exemplo, a formas como *penha, repolho, pequeno almoço, jantar* (à noite),...; tomados polo português do espanhol, francês, ou outros idiomas, quando o galego conserva as patrimoniais *pena, repolo, almorço, cear*,..

Um último apontamento: ao lermos textos portugueses e brasileiros, nom é preciso imitar a sua fonética, já que a fonética galega, como parte do património lingüístico galego-português, é perfeitamente legítima.

Morfossintaxe

Colocaçom do pronome átono

É preciso incluir umha visom deste importante capítulo da sintaxe, que fai o nosso idioma original no conjunto dos romances, e que amiúde pom de manifesto o carácter neofalante de aqueles e aquelas que nom o dominam e tendem a situar o pronome átono sempre diante ou sempre detrás do verbo, influídos quer pola sintaxe espanhola, quer pola vontade diferencialista.

Antes de mais, é conveniente lembrarmos qual é a ordem habitual de elementos na frase galega: **Sujeito+Verbo+Complemento(s)** (por exemplo, *Eu jogo na*

rua).

Nas frases simples como a do exemplo, o pronome átono irá normalmente situado a continuaçom do verbo.

*Eu **vim-te** na rua*

Já que a enclítica ou posposta é a posiçom normal do pronome a respeito do verbo em galego-português, vejamos os principais casos em que o pronome deve ocupar posiçom proclítica ou anteposta:

1. Frases em que se quer salientar algumha palavra que vai antes do verbo, por motivos expressivos:

*Mau raio **te parta**!*

*Quem **che dera**!*

*Fácil **o tés***

*Pouco **o vim***

*Aí **che vem***



2. Oraçons compostas subordinadas em que o pronome acompanha o verbo subordinado:

*Queres que **te leve**?*

*Viche-o como **te olhou**?*

3. Quando antes do verbo vai:

a) Umha palavra que indica negaçom:

*Nom **me falou***

*Nada **o fará** mudar de opiniom*

b) Um exclamativo ou interrogativo:

*Quem **lho faria**?*

*Pergunta-lhe se **mo compra***

c) Os seguintes identificadores e quantificadores:

*Algo: Algo **me fijo** pensá-lo*

*Alguém: Alguém **te convenceu***

*Ambos: Ambos **o merecem***

*Qualquer: Qualquer **o convence***

*Todo(s): Todos **o sabiam***

d) Os seguintes advérbios:

Talvez, quiçá, seica, disque, mui, muito, tam, nada, demasiado, bastante, avondo, algo, pouco, mais, menos, só, apenas, quase, simplesmente, somente, unicamente, mamente, também, mesmo, até, tal, talmente, mesmo, mesmamente, eis, velaí, velaqui, já, sempre, ainda.

*Talvez **o vaia buscar***

8

Bastante ***mo leva repetido***

Até ***me prometeu*** *um soldo*

Ainda ***o há de estragar***

O pronome átono pleonástico

Como sabes, o pronome tem a funçom de substituir um nome. Tam elementar princípio leva-nos a deter-nos um bocado e sublinhar a necessidade de reduzir o emprego do pronome átono de terceira pessoa quando este resulta redundante, por estar acompanhado na frase do nome que deveria substituir. Veremo-lo mais claro com um exemplo:

> **Dei-**lhe** os parabéns à **Joana** polas boas qualificaçons que obtivo.*

Em escuro destacamos o pronome átono de terceira pessoa e o nome a que fai referência. Ao estar este presente na frase, o uso do pronome ***lhe*** está a mais. A forma correcta seria:

> *Dei os parabéns à Joana polas boas qualificaçons que obtivo*.

ou, se nom aparecesse explícito o nome:

> *Dei-lhe os parabéns polas boas qualificaçons que obtivo.*

Este princípio estava presente na gramática implícita dos falantes espontáneos até nom há muitos anos, segundo confirmam mesmo gravaçons realizadas em estudos dialectológicos, e coincide com a mesma norma gramatical portuguesa. De facto, ainda hoje se conserva em falantes nativos, face à geral introduçom de um uso sintáctico tomado, mais umha vez, do espanhol.

Infinitivo pessoal. Paradigma e usos.

Umha das caracterísiticas próprias do galego-português é a existência do infinitivo como forma verbal, e nom só como forma nominal, ao contrário do que acontece nas restantes línguas romances.

Este é o paradigma do infinitivo pessoal ou conjugado, nas três conjugaçons:

Eu	*amar*	*beber*	*partir*
Tu	*amares*	*beberes*	*partires*
El(a)	*amar*	*beber*	*partir*
Nós	*amarmos*	*bebermos*	*partirmos*
Vós	*amardes*	*beberdes*	*partirdes*
Eles/elas	*amarem*	*beberem*	*partirem*

Quanto aos usos, distinguimos os contextos em que o

emprego das formas conjugadas é obrigatório, os contextos em que nom devem usar-se e aqueles em que o seu uso é optativo.

Os dous critérios básicos que devemos ter em conta som:

- A colocaçom a respeito do verbo principal.

- A coincidência ou nom do sujeito do infinitivo com o verbo principal.

Uso obrigatório do infinitivo pessoal ou conjugado

1.- Quando o infinitivo vai imediatamente depois do verbo principal e tem diferente sujeito.

Assegurou-me serem os autênticos ladrons.

2.- Quando o infinitivo leva sujeito expresso sem este ir imediatamente depois do verbo principal, nem tem o seu mesmo sujeito.

Estranha-me nom seres tu o culpável.

Uso obrigatório do infinitivo nom pessoal

1.- Quando o infinitivo vai referido ao mesmo sujeito que o verbo principal, indo imediatamente depois ou unido com umha preposiçom ou conjunçom:

Havedes de cair de focinhos.

2.- Quando o infinitivo fai parte de umha perífrase impessoal com **haver que + infinitivo**:

Há que pôr-se a trabalhar.

3.- Quando o infinitivo tem valor imperativo:

Nom fumar.

4.- Em provérbios e sentenças:

Querer é poder.

8

No resto de contextos, o uso será optativo, dependendo amiúde de se quigermos incidir na acçom verbal ou em quem a desenvolve:

*Para **viver / viveres** mais anos, deves-te cuidar.*

Sendo umha forma marcada do galego face ao espanhol, o seu uso vê-se afectado pola imposiçom deste, nomeadamente na gente nova. É por isso que todos e todas devemos empregá-lo com correcçom como contributo para a recuperaçom da autenticidade do galego. Ocorre-nos neste momento umha recomendaçom feliz que alguém fijo, referida ao melhor *método combinado* para adquirir um bom galego: visitar a nossa aldeia com freqüência, e ler

jornais portugueses sempre que nos for possível.

Bibliografia recomendada do tema oitavo

E. Souto Presedo. «Achegas para a unificaçom» Revista Agália nº 2. Agal.

Martinho Montero Santalha. Método prático da língua galego-portuguesa. Galiza ed.

R. Carvalho Calero. Da fala e da escrita. Galiza ed.

VV.AA. Nova gramática para a aprendizaxe da língua. Via Láctea.

VV.AA. Estudo crítico das normas ILG-RAG. Agal.

VV.AA. Nova gramática do português contemporáneo. Ed. Sá da Costa.

Apêndices (I)

O verbo

Os valores das formas verbais

O sistema verbal galego conta com menos formas do que o espanhol ou o catalám, o qual nom significa nengum défice expressivo, já que a riqueza das suas construçons perifrásticas, superior à de outras línguas, o complementa à perfeiçom.

Antes de estudarmos os paradigmas do verbo regular, sublinharemos algumhas consideraçons importantes quanto aos usos de alguns tempos que, interferidos ou mesmo eliminados da fala espontáneo dos galegofalantes polo espanhol, devem ser reinseridos no sistema verbal galego.

Pretérito mais que perfeito do indicativo / pretérito perfeito do conjuntivo

Devemos ter em conta a necessidade de diferenciarmos os valores correspondentes ao **pretérito mais que perfeito do indicativo** dos correspondentes ao **pretérito perfeito do conjuntivo**, nom caindo no erro de empregarmos o segundo com o valor do primeiro (por influência do espanhol: *cantara o cantase, cantaras o cantases, ...*). Vejamos os autênticos valores de um e outro:

Pretérito mais que perfeito do indicativo

1.- Indica umha acçom anterior a respeito de um passado.

*Ontem **divertírom-se** muito, mas já **viveram** noutra ocasiom os perigos da aventura.*

2.- No presente, valor de cortesia.

***Quigera** fazer-lhe umha pergunta.*

3.- Atitude neutral teórica perante um facto que se devia ter levado a cabo.

Nom trouxem dinheiro.

Trouxera-lo.

Pretérito do conjuntivo

1.- Forma nom real / hipotética / desiderativa, no passado.

*Dixo-me que lhe **levasse** amêndoas.*

*Parecia que se **conhecessem** há muitos anos.*

*Oxalá nom lhe **dessem** essa notícia.*

2.- Acçom hipotética anterior a um futuro também hipotético.

*Se **apanhasse** um táxi, chegaria em dous minutos.*

Futuro do conjuntivo

Outro tempo sobre o qual chamamos a atençom é o **futuro do conjuntivo**, tam historicamente caracterizador do nosso sistema verbal como progressivamente caído em desuso pola influência do sistema verbal espanhol. Contodo, está presente na literatura culta do *Rexurdimento* e do presente século, e permanece fixada na literatura popular como mostra da sua vigência na fala espontánea até nom há muito (hoje só se regista de maneira residual).

Na alma se me clavou
A raiz do teu querere
*Mentras no mundo **viver***
Outro amor nom hei de tere

*Se **passares** pola Lama,*
Pola beirinha do adro
Reza-lhe umha avemaria
A la Virgen *do Rosário.*

Nom devemos renunciar à sua recuperaçom, polo que a seguir resumimos os seus usos, recomendando vivamente o emprego da mesma num registo cuidado:

1.- Forma nom real, no futuro, anterior a outra acçom real (depende de outro verbo). Exprime umha possibilidade futura, anterior a outra acçom indicada polo verbo principal.

*Se **quigerdes**, **irei** vê-lo.*

***Quero** que **venham** os que **acabarem** tudo.*

*Quando **vinher**, **dá-lho.***

Portanto, seria incorrecto empregarmos esta forma em frases onde a referência do verbo principal é passada.

Se **quigeres, **teria-o** feito sem duvidar.*

Neste caso, deveremos utilizar o **pretérito do conjuntivo**:

*Se **quigesses**, **teria-o feito** sem duvidar.*

2.- Certas construçons em que se repete o verbo, primeiro em presente do conjuntivo e depois em futuro.

***Faga** o que **figer**, apoiaremo-lo.*

***Seja** como **for** o resultado, eu som da Selecçom Galega.*

Na sua forma, coincide com o infinitivo pessoal ou conjugado nos verbos regulares. Nos irregulares, nom se dá esta coincidência:

Cantar	*Fazer - figer*
Cantares	*Fazeres - figeres*
Cantar	*Fazer - figer*
Cantarmos	*Fazermos - figermos*
Cantardes	*Fazerdes - figerdes*
Cantarem	*Fazerem - figerem*

Para ver a conjugaçom dos verbos irregulares neste tempo, vide tabelas de conjugaçons na **página 99.**

Paradigma dos verbos regulares das três conjugaçons

A seguir, oferecemos os paradigmas das três conjugaçons dos verbos regulares do sistema galego:

PRIMEIRA CONJUGAÇOM	SEGUNDA CONJUGAÇOM	TERCEIRA CONJUGAÇOM
Presente do Indicativo		
ando	vivo	parto
andas	vives	partes
anda	vive	parte
andamos	vivemos	partimos
andades ou andais	vivedes ou viveis	partides ou partis
andam	vivem	partem

PRIMEIRA CONJUGAÇOM	SEGUNDA CONJUGAÇOM	TERCEIRA CONJUGAÇOM
Pretérito Perfeito		
andei	vivim	partim
andache	viveche	partiche
andou	viveu	partiu
andamos	vivemos	partimos
andastes	vivestes	partistes
andárom	vivêrom	partírom

PRIMEIRA CONJUGAÇOM	SEGUNDA CONJUGAÇOM	TERCEIRA CONJUGAÇOM
Pretérito Imperfeito do Indicativo		
andava	vivia	partia
andavas	vivias	partias
andava	vivia	partia
andávamos	vivíamos	partíamos
andávades ou andávais	vivíades ou vivíais	partíades ou partíais
andavam	viviam	partiam

PRIMEIRA CONJUGAÇOM	SEGUNDA CONJUGAÇOM	TERCEIRA CONJUGAÇOM
Futuro do Presente		
andarei	viverei	partirei
andarás	viverás	partirás
andará	viverá	partirá
andaremos	viveremos	partiremos
andaredes ou andareis	viveredes ou vivereis	partiredes ou partireis
andarám	viverám	partirám

PRIMEIRA CONJUGAÇOM	SEGUNDA CONJUGAÇOM	TERCEIRA CONJUGAÇOM
Futuro do Pretérito		
andaria	viveria	partiria
andarias	viverias	partirias
andaria	viveria	partiria
andaríamos	viveríamos	partiríamos
andaríades ou andaríais	viveríades ou viveríais	partiríades ou partiríais
andariam	viveriam	partiriam

PRIMEIRA CONJUGAÇOM	SEGUNDA CONJUGAÇOM	TERCEIRA CONJUGAÇOM
Imperativo		
anda / nom andes tu	vive / nom vivas tu	parte / nom partas tu
ande você	viva você	parta você
andemos nós	vivamos nós	partamos nós
andade ou andai / nom andedes ou andeis vós	vivede ou vivei / nom vivades ou vivais vós	partide ou parti / nom partades ou partais vós
andem vocês	vivam vocês	partam vocês

PRIMEIRA CONJUGAÇOM	SEGUNDA CONJUGAÇOM	TERCEIRA CONJUGAÇOM
Presente do Conjuntivo		
ande	viva	parta
andes	vivas	partas
ande	viva	parta
andemos	vivamos	partamos
andedes ou andeis	vivades ou vivais	partades ou partais
andem	vivam	partam

PRIMEIRA CONJUGAÇOM	SEGUNDA CONJUGAÇOM	TERCEIRA CONJUGAÇOM
Pretérito do Conjuntivo		
andasse	vivesse	parta
andasses	vivesses	partas
andasse	vivesse	parta
andassemos	vivêssemos	partamos
andassedes ou andásseis	vivêssedes ou vivêsseis	partades ou partais
andassem	vivessem	partam

I

PRIMEIRA CONJUGAÇOM	SEGUNDA CONJUGAÇOM	TERCEIRA CONJUGAÇOM
Futuro do Conjuntivo		
andar	viver	partir
andares	viveres	partires
andar	viver	partir
andarmos	vivermos	partirmos
andardes	viverdes	partirdes
andarem	viverem	partirem

INFINITIVO			GERÚNDIO	PARTICÍPIO	
andar	viver	partir	andando	andado	PRIMEIRA
andares	viveres	partires	vivendo	vivido	SEGUNDA
andar	viver	partir	partindo	partido	TERCEIRA
andarmos	vivermos	partirmos			
andardes	viverdes	partirdes			
andarem	viverem	partirem			
PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA			

Verbos em -azer, -uzir

Som praticamente regulares, polo que o presente do indicativo será: produzo, produzes,...; o presente o conjuntivo: ***produza, produzas, produza,...***; e o pretérito perfeito : ***produzim, produziche, produziu, produzimos, produzistes, produzírom.***

Unicamente apresentam umha pequena particularidade; trata-se da falta de vogal temática na terceira pessoa do presente do indicativo e na mesma pessoa do imperativo:

Ele/a **produz**

Ele/a **praz**

Apenas leva a vogal quando seguida de pronome vocálico:

Produze*-o*

Praze*-o*

Coincidem nisto com o verbo irregular *querer*: *quer; quere-o.*

Verbos acabados em -iar, -uar, -ear, -oar

Conjugam-se como verbos regulares. Por isso devemos ter

em conta a acentuaçom nas formas de presente do indicativo e do conjuntivo: *anun**cio**, co**pi**as*, **...**

Verbos em -oer, -aer -air -uir

Estes verbos apresentam irregularidades parciais. Incluímos apenas os tempos que apresentam particularidades a respeito dos modelos regulares já vistos:

SEGUNDA CONJUGAÇOM
Presente do indicativo
do(i)o
dóis
dói
doemos
doedes ou doeis
doem

SEGUNDA CONJUGAÇOM
Presente do conjuntivo
do(i)a
doia
doia
do(i)amos
do(i)ades ou do(i)ais
do(i)am

SEGUNDA CONJUGAÇOM
Imperativo
dói-nom dó(i)as
(nom) do(i)a
(nom) do(i)amos
(Nom) do(i)ades ou do(i)ais
(nom) do(i)am

TERCEIRA CONJUGAÇOM
Presente do indicativo
Possuo
Possuis
Possui
Possuímos
Possuídes ou possuís
Possuem

TERCEIRA CONJUGAÇOM
Presente do indicativo
Caio
Cais
Cai
Caímos
Caídes ou caís
Caim

SEGUNDA CONJUGAÇOM
Presente do indicativo
Traio
Trais
Trai
Traemos
Traedes ou traeis
Traem

Verbos com alternáncia i/e e permanência de i

Os verbos do modelo ***pedir*** tenhem ***i*** unicamente na raiz do presente do conjuntivo (e nas do imperativo coincidentes) e na 1ª pessoa do presente do indicativo.

Os do modelo ***frigir*** também o tenhem na 1ª e 2ª pessoas do plural do presente do indicativo.

Os do modelo ***agredir*** tenhem sempre ***i*** na raiz verbal.

Os verbos dos modelos ***pedir*** e ***frigir*** tenhem ***e*** aberto na 2ª e 3ª pessoas do singular e na 3ª do plural do presente do indicati-

TERCEIRA CONJUGAÇOM		
Presente do indicativo		
pido	frijo	agrido
pedes	freges	agrides
pede	frege	agride
pedimos	frigimos	agredimos
pedides ou pedis	frigides ou frigis	agredides ou agredis
pedem	fregem	agridem

vo.

Conjugam-se polo modelo de ***pedir*** quase todos os verbos da terceira com a estrutura vocálica ***e...i***: *aderir, ferir, inserir, despir, medir, seguir, servir, advertir*,... Com a excepçom de *denegrir, prevenir* e os acabados em ***-gredir***, que se conjugam como *agredir*.

Como ***frigir***, nengum outro verbo. Os restantes da terceira som regulares: *atingir, cingir, fingir, tingir, redigir, corrigir, exibir*, etc.

Como ***agredir***, conjugam-se apenas os que dixemos acima: *denegrir, prevenir* e os acabados em ***-gredir***.

Verbos com alternáncia u/o e permanência de u

TERCEIRA CONJUGAÇOM		
Presente do indicativo		
durmo	subo	pulo
dormes	sobes	pules
dorme	sobe	pule
dormimos	subimos	polimos
dormides ou dormis	subides ou subis	polides ou polis
dormem	sobem	pulem

Tenhem ***o*** aberto na 2ª e 3ª pessoas do singular do presente do indicativo e na 3ª do plural. As restantes pessoas mantenhem a vogal própria do infinitivo (*d**o**rmir, s**u**bir, p**o**lir*).

Conjugam-se como ***dormir*** uns poucos verbos da terceira,

caracterizados por terem ***o*** como vogal radical: *cobrir* (e derivados), *engolir e tossir.*

Segundo o modelo de ***subir***, temos: *bulir* (e derivados), *cuspir, fugir, sumir* e os acabados em ***-cudir***.

Polir é praticamente o único verbo que segue o modelo que representa.

Verbos irregulares

Nas próximas páginas, apresentamos-che as formas em que os principais verbos irregulares do sistema verbal galego se manifestam como tais. Faltam alguns tempos, por terem forma regular e coincidirem com os modelos já vistos. Nas formas irregulares, nom estam sujeitos a modelos generalizáveis, polo que devemos aprendê-los individualmente. Como sempre, será mais a prática do que o puro exercício memorístico que nos ajude a aprendê-los correctamente. Por isso deves tomar estas tabelas apenas como guia de consulta.

Se quigeres umha informaçom mais exaustiva sobre eles ou qualquer aspecto do verbo galego, recomendamos-che que consultes a bibliografia específica que incluímos no final deste tema:

Verbo ir

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
vou	fum	fora	
vás	foche	foras	vai / nom vaias
vai	foi	fora	(nom) vaia
imos ou vamos	fomos	fôramos	(nom) vaiamos
ides	fostes	fôrades ou fôrais	ide / nom vaiades
vam	fôrom	foram	(nom) vaiam
CONJUNTIVO			INFINITIVO
Presente	Pretérito	Futuro	
vaia	fosse	for	ir
vaias	fosses	fores	ires
vaia	fosse	for	ir
vaiamos	fôssemos	formos	irmos
vaiades ou vaiais	fôssedes ou fôsseis	fordes	irdes
vaiam	fossem	forem	irem

Verbo vir

INDICATIVO				IMPERATIVO
Presente	Pret. imperfeito	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
venho	vinha	vim	vinhera	
vés	vinhas	vinheche	vinheras	vem / nom venhas
vem	vinha	véu	vinhera	(nom) venha
vimos	vínhamos	vinhemos	vinhéramos	(nom) venhamos
vindes	vinhades ou vínhais	vinhestes	vinhérades ou vinhérais	vinde / nom venhades ou venhais
venhem ou vém	vinham	vinhérom	vinheram	(nom) venham
CONJUNTIVO				**INFINITIVO**
Presente		Pretérito	Futuro	
venha		vinhesse	vinher	vir
venhas		vinhesses	vinheres	vires
venha		vinhesse	vinher	vir
venhamos		vinhéssemos	vinhermos	virmos
venhades ou venhais		vinhéssedes ou vinhésseis	vinherdes	virdes
venham		vinhessem	vinherem	virem

Verbo ver

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
vejo	vim	vira	
vês	viche	viras	vê / nom vejas
vê	viu	vira	(nom) veja
vemos	vimos	víramos	(nom) vejamos
vedes ou veis	vistes	vírades ou vírais	vede / nom vejades ou vejais
vem	vírom	viram	(nom) vejam
CONJUNTIVO			**INFINITIVO**
Presente	Pretérito	Futuro	
veja	visse	vir	ver
vejas	visses	vires	veres
veja	visse	vir	ver
vejamos	víssemos	virmos	vermos
vejades ou vejais	víssedes ou vísseis	virdes	verdes
vejam	vissem	virem	verem

Verbo haver

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
hei	houvem	houvera	
hás	houveche	houveras	há / nom hajas
há	houvo	houvera	(nom) haja
havemos	houvemos	houvéramos	(nom) hajamos
havedes ou haveis	houvestes	houvérades ou houvérais	havede ou havei / nom hajades ou hajais
ham	houvérom	houveram	(nom) hajam
CONJUNTIVO			INFINITIVO
Presente	Pretérito	Futuro	
haja	houvesse	houver	haver
hajas	houvesses	houveres	haveres
haja	houvesse	houver	haver
hajamos	houvéssemos	houvermos	havermos
hajades ou hajais	houvéssedes ou houvésseis	houverdes	haverdes
hajam	houvessem	houverem	haverem

Verbo estar

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
estou	estivem	estivera	
estás	estiveche	estiveras	está / nom estejas
está	estivo	estivera	(nom) esteja
estamos	estivemos	estivéramos	(nom) estejamos
estades ou estais	estivestes	estivérades ou estivérais	estade ou estai / nom estejades ou estejais
estám	estivérom	estiveram	(nom) estejam
CONJUNTIVO			INFINITIVO
Presente	Pretérito	Futuro	
esteja	estivesse	estiver	estar
estejas	estivesses	estiveres	estares
esteja	estivesse	estiver	estar
estejamos	estivéssemos	estivermos	estarmos
estejades ou estejais	estivéssedes ou estivésseis	estiverdes	estardes
estajam	estivessem	estiverem	estarem

Verbo dizer

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
digo	dixem	dixera	
dis ou dizes	dixeche	dixeras	di ou diz / nom digas
di ou diz	dixo	dixera	(nom) diga
dizemos	dixemos	dixéramos	(nom) digamos
dizedes ou dizeis	dixestes	dixérades ou dixérais	dizede ou dizei / nom digades ou digais
dim ou dizem	dixérom	dixeram	digam / nom digam
CONJUNTIVO			**INFINITIVO**
Presente	Pretérito	Futuro	
diga	dixesse	dixer	dizer
digas	dixesses	dixeres	dizeres
diga	dixesse	dixer	dizer
digamos	dixéssemos	dixermos	dizermos
digades ou digais	dixéssedes ou dixésseis	dixerdes	dizerdes
digam	dixessem	dixerem	dizerem

Verbo fazer

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
fago	figem	figera	
fás	figeche	figeras	fai / nom fagas
fai	fijo	figera	(nom) faga
fazemos	figemos	figéramos	(nom) fagamos
fazedes ou fazeis	figestes	figérades ou figérais	fazede ou fazei / nom fagades ou fagais
fam	figérom	figeram	(nom) fagam
CONJUNTIVO			**INFINITIVO**
Presente	Pretérito	Futuro	
faga	figesse	figer	fazer
fagas	figesses	figeres	fazeres
faga	figesse	figer	fazer
fagamos	figéssemos	figermos	fazermos
fagades ou fagais	figéssedes ou figésseis	figerdes	fazerdes
fagam	figessem	figerem	fazerem

Verbo crer

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
creio	crim	crera	
crês	creche	creras	crê/nom creias
crê	creu	crera	creia
cremos	cremos	crêramos	creiamos
credes	crestes	crêrades ou crêrais	crede/nom creiades ou creiais
crem	crêrom	creram	creiam
CONJUNTIVO			INFINITIVO
Presente	Pretérito	Futuro	
creia	cresse	crer	
creias	cresses	creres	
creia	cresse	crer	
creamos	crêssemos	crermos	
creiades ou creiais	crêssedes ou crêsseis	crerdes	
creiam	cressem	crerem	

Verbo dar

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
dou	dei	dera	
dás	deche	deras	dá/nom dês
dá	deu	dera	dê
damos	demos	déramos	demos
dades ou dais	destes	dérades ou dérais	dade ou dai/nom dedes ou deis
dam	dérom	deram	dêm
CONJUNTIVO			
Presente	Pretérito	Futuro	Infinitivo
dê	desse	der	dar
dês	desses	deres	dares
dê	desse	der	dar
demos	déssemos	dermos	darmos
dedes ou deis	déssedes ou désseis	derdes	dardes
dem	dessem	derem	darem

Verbo caber

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
caibo	coubem	coubera	
cabes	coubeche	couberas	cabe / nom caibas
cabe	coubo	coubera	caiba
cabemos	coubemos	coubéramos	caibamos
cabedes ou cabeis	coubestes	coubérades ou coubérais	cabede ou cabei
cabem	coubérom	couberam	caibam
CONJUNTIVO			**INFINITIVO**
Presente	Pretérito	Futuro	
caiba	coubesse	couber	caber
caibas	coubesses	couberes	caberes
caiba	coubesse	couber	caber
caibamos	coubéssemos	coubermos	cabermos
caibades ou caibais	coubéssedes ou coubésseis	couberdes	caberdes
caibam	coubessem	couberem	caberem

Verbo ouvir

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
ouço	ouvim	ouvira	
ouves	ouviche	ouviras	ouve / nom ouças
ouve	ouviu	ouvira	(nom) ouça
ouvimos	ouvimos	ouvíramos	(nom) ouçamos
ouvides ou ouvis	ouvistes	ouvírades ou ouvírais	ouvide ou ouvi / nom ouçades ou ouçais
ouvem	ouvírom	ouviram	(nom) ouçam
CONJUNTIVO			**INFINITIVO**
Presente	Pretérito	Futuro	
ouça	ouvisse	ouvir	
ouças	ouvisses	ouvires	
ouça	ouvisse	ouvir	
ouçamos	ouvíssemos	ouvirmos	
ouçades ou ouçais	ouvíssedes ou ouvísseis	ouvirdes	
ouçam	ouvissem	ouvirem	

Verbo poder

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
podo	pudem	pudera	
podes	pudeche	puderas	(nom) podas
pode	pudo	pudera	(nom) poda
podemos	pudemos	pudéramos	(nom) podamos
podedes ou podeis	pudestes	pudérades ou pudérais	podede ou podei / nom podades ou podais
podem	pudérom	puderam	(nom) podam
CONJUNTIVO			**INFINITIVO**
Presente	Pretérito	Futuro	
poda	pudesse	puder	poder
podas	pudesses	puderes	poderes
poda	pudesse	puder	poder
podamos	pudéssemos	pudermos	podermos
podades ou podais	pudéssedes ou pudésseis	puderdes	poderdes
podam	pudessem	puderem	poderem

Verbo pôr

INDICATIVO				IMPERATIVO
Presente	Pret. imperfeito	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
ponho	punha	pugem	pugera	
pos	punhas	pugeche	pugeras	pom / nom ponhas
pom	punha	pujo	pugera	(nom) ponha
pomos	púnhamos	pugemos	pugéramos	(nom) ponhamos
pondes	púnhades ou púnhais	pugestes	pugérades ou ougérais	ponde ou podei/ nom ponhades ou ponhais
ponhem ou póm	punham	pugérom	pugeram	(nom) ponham
CONJUNTIVO				**INFINITIVO**
Presente		Pretérito	Futuro	
ponha		pugesse	puger	pôr
ponhas		pugesses	pugeres	pores
ponha		pugesse	puger	pôr
ponhamos		pugéssemos	pugermos	pormos
ponhades ou ponhais		pugéssedes ou pugésseis	pugerdes	pordes
ponham		pugessem	pugerem	porem

Verbo querer

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
quero	quigem	quigera	
queres	quigeche	quigeras	quer ou quere / nom queiras
quer	quijo	quigera	(nom) queira
queremos	quigemos	quigéramos	(nom) queiramos
queredes ou quereis	quigestes	quigérades ou quigérais	querede ou querei /nom queirades ou queirais
querem	quigérom	quigeram	(nom) queiram
CONJUNTIVO			**INFINITIVO**
Presente	Pretérito	Futuro	
queira	quigesse	quiger	querer
queiras	quigesses	quigeres	quereres
queira	quigesse	quiger	querer
queiramos	quigéssemos	quigermos	querermos
queirades ou queirais	quigéssedes ou quigésseis	quigerdes	quererdes
queiram	quigessem	quigerem	quererem

Verbo rir

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
rio	rim	rira	
ris	riche	riras	ri / nom rias
ri	riu	rira	(nom) ria
rimos	rimos	ríramos	(nom) riamos
rides	ristes	rírades ou rírais	ride / nom riades ou riais
rim	rírom	riram	(nom) riam
CONJUNTIVO			**INFINITIVO**
Presente	Pretérito	Futuro	
ria	risse	rir	
rias	risses	rires	
ria	risse	rir	
riamos	ríssemos	rirmos	
riades ou riais	ríssedes ou rísseis	rirdes	
riam	rissem	rirem	

Verbo ser

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
som	fum	fora	
és	foche	foras	sê / nom sejas
é	foi	fora	seja / nom seja
somos	fomos	fôramos	sejamos / nom sejamos
sodes ou sois	fostes	fôrades ou fôrais	sede / nom sejades
som	fôrom	foram	(nom) sejam
CONJUNTIVO			**INFINITIVO**
Presente	Pretérito	Futuro	
seja	fosse	for	ser
sejas	fosses	fores	seres
seja	fosse	for	ser
sejamos	fôssemos	formos	sermos
sejades ou sejais	fôssedes ou fôsseis	fordes	serdes
sejam	fossem	forem	serem

Verbo ter

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
tenho	tivem	tivera	
tés	tiveche	tiveras	tem / nom tenhas
tem	tivo	tivera	(nom) tenha
temos	tivemos	tivéramos	(nom) tenhamos
tendes	tivestes	tivérades ou tivérais	tende /nom tenhades ou tenhais
tenhem ou tém	tivérom	tiveram	(nom) tenham
CONJUNTIVO			**INFINITIVO**
Presente	Pretérito	Futuro	
tenha	tivesse	tiver	ter
tenhas	tivesses	tiveres	teres
tenha	tivesse	tiver	ter
tenhamos	tivéssemos	tivermos	termos
tenhades ou tenhais	tivéssedes ou tivésseis	tiverdes	terdes
tenham	tivessem	tiverem	terem

Verbo valer

INDICATIVO			IMPERATIVO
Presente	Pret. perfeito	Pret. mais que perfeito	
valho	valim	valera	
vales	valeche	valeras	vale / nom valhas
vale	valeu	valera	(nom) valha
valemos	valemos	valêramos	(nom) valhamos
valedes ou valeis	valestes	valêrades ou valêrais	valede ou valei /nom valhades ou valhais
valem	valêrom	valeram	(nom) valham
CONJUNTIVO			**INFINITIVO**
Presente	Pretérito	Futuro	
valha	valesse	valer	
valhas	valesses	valeres	
valha	valesse	valer	
valhamos	valêssemos	valermos	
valhades ou valhais	valêssedes ou valêsseis	valerdes	
valham	valessem	valerem	

Perífrases verbais

O sistema verbal galego supom umha reduçom de formas a respeito do latim. Tal simplificaçom, porém, nom supujo um empobrecimento expressivo, graças à habilitaçom de um grande número de perífrases verbais. Estas locuçons, formadas por duas formas verbais interdependentes, equivalem a umha única peça verbal, e completam todo o leque semántico preciso aos falantes da nossa língua.

Embora estejam bem conservadas na fala dos que tenhem o galego como primeira língua adquirida, os neofalantes tendem para reduzir a sua produtividade, suprimindo algumhas e espanholizando outras (o exemplo de **ir + a + infinitivo* é paradigmático).

A continuaçom, vemos a relaçom de perífrases verbais galegas, com um exemplo de cada umha delas:

Botar(-se) a + infinitivo- *O meninho botou-se a chorar.*

Dar em + infinitivo- *Se dá em chover, nom iremos à escola.*

Soltar-se a + infinitivo- *Diante da gente, solta-se a falar como se estivesse sozinho.*

Ir a + infinitivo- *Porque foche toda a viagem a olhar para ele?*

Ir + gerúndio- *Porque foche toda a viagem olhando para ele?*

Vir a + infinitivo- *Vem a ganhar umhas cem mil ao mês.*

Vir + gerúndio- *Vem ganhando umhas cem mil ao mês.*

Vir a + infinitivo- *Afinal, a verdade sempre vem a saber-se.*

Dar + particípio- *Nom o dou convencido de que o quero.*

Levar + particípio- *Muito leva feito por mim.*

Ter + particípio- *Quando mo dixeche, já lho tinha dado.*

Ter + particípio- *Temos ido alô dúzias de vezes.*

Haver (de)/que + infinitivo- *Hei de ir hoje sem falta.*

Ter de/que + infinitivo- *Tenho de ir hoje sem falta.*

Dever + infinitivo- *Deve ir hoje sem falta.*

Dever de + infinitivo- *Deves de estar tolo.*

Estar a/para + infinitivo- *Essa carta está a/para cair.*

Haver (de) + infinitivo- *Amanhá hei de ir à Corunha.*

Ir + infinitivo- *Tua filha vai aprovar em Junho.*

Particípios duplos

A maior parte dos verbos galegos tenhem um único particípio, quer regular (***viver: vivido***), quer irregular (***dizer: dito***). Todos eles podem funcionar com valor verbal ou adjectivo:

*Umha vez que fôrom **ditas**, as palavras leva-as o vento* (funçom verbal).

*As palavras **ditas** nom contradim as suas ordens* (funçom adjectiva).

*Este verao foi **vivido** com grande intensidade* (f. verbal).

*Os anos **vividos** sempre pesam nas costas (*f. adjectiva).

Mas há um grupo de verbos que tenhem duas formas, umha regular e outra irregular.

Quanto ao uso, o regular é o que funciona autenticamente como verbo, enquanto o irregular fai-no mais bem como adjectivo. Eis um exemplo:

*O cam foi **ceivado** pola rapariga.*

*O cam andou **ceivo** toda a manhá.*

Esta é a lista de verbos com particípio duplo mais usados:

VERBO	PART. REGULAR	PART. IRREGUL	VERBO	PART. REGULAR	PART. IRREGUL
abrir	abrido	aberto	**escorrer**	escorrido	escorreito
aceitar	aceitado	aceite	**extremar**	extremado	extremo
acender	acendido	aceso	**findar**	findado	findo
benzer	benzido	bento	**ganhar**	ganhado	ganho
calmar	calmado	calmo	**gastar**	gastado	gasto
cansar	cansado	canso	**matar**	matado	morto
ceivar	ceivado	ceivo	**moer**	moído	mudo
cobrir	cobrido	coberto	**morrer**	morrido	morto
colher	colhido	colheito	**nascer**	nascido	nado
comer	comido	comesto	**pagar**	pagado	pago
defender	defendido	defeso	**romper**	rompido	roto
dissolver	dissolvido	dissolto	**suspeitar**	suspeitado	suspeito
eleger	elegido	eleito	**tingir**	tingido	tinto
empregar	empregado	empregue	**tolher**	tolhido	tolheito
entregar	entregado	entregue	**torcer**	torcido	torto
erguer	erguido	ergueito			

Bibliografia recomendada do apêndice I:

Guia prático dos verbos galegos conjugados. Ed. Agal

Nova gramática para a aprendizaxe da língua. Ed. Via Láctea.

Estudo crítico das normas ILG-RAG. Ed. Agal

Nova gramática do protuguês contemporáneo. Sá da Costa ed.

Dicionário de verbos portugueses. Ed. Larousse.

Apêndices (e II)

Outros paradigmas

Como complemento aos temas já vistos, incluímos a seguir outros paradigmas de diferentes classes de palavras que devemos considerar na procura de um bom galego escrito -e falado-. Trata-se de contracçons, advérbios, demonstrativos, possessivos, numerais e outras listas de grande utilidade para a sua consulta pontual. Por esse motivo as deixamos todas para este apêndice final.

Preposiçons

FORMAS		LOCUÇONS		
ESSENCIAIS	ACIDENTAIS			
a	afora	abaixo de	cerca de	face a
ante	baixo	acarom de	com respeito a	graças a
após	conforme	acerca de	de acordo com	junto a
até	consoante	acima de	de aqui a	junto de
com	excepto	a despeito de	debaixo de	longe de
contra	fora	adiante de	de cima de	mercê a
de	mediante	a fim de	defronte de	para baixo de
desde	menos	além de	dentro de	para cima de
em	salvo	antes de	depois de	para com
entre	segundo	ao lado de	diante de	perto de
para	senom	ao redor de	em baixo de	por baixo de
perante	tirante	ao rés de	em cima de	por causa de
por	visto ...	a par de	em frente de	por cima de
sem		apesar de	em lugar de	por detrás de
sob		a poder de	em meio de	por diante de
sobre		aquém de	em prol de	por entre
trás		(a) rente de	em redor de	por meio de
		arredor de	em riba de	por mor de
		a respeito de	em torno de	por trás de
		à roda de	em troca de	quanto a
		através de	em vez de	
		cara a	em volta de	

Pronomes pessoais

		FORMAS TÓNICAS				FORMAS ÁTONAS	
		Sujeito	Sujeito e termo de preposiçom (livre)	Termo de preposiçom (livre)	Forma com preposiçom (integrada)	Comple directo	Comple indirecto
SINGULA	1.ª pessoa	eu		mim	comigo	me	
	2.ª pessoa	tu	ti você		contigo	te	che
	3.º pessoa	ele, ela		si	consigo	o (-lo, -no) a (-la, -na) se	lhe
PLURAL	1.ª pessoa	nós			connosco	nos	
	2.ª pessoa	vós	vós vocês		convosco	vos	
	3.º pessoa	eles, elas		si	consigo	os (-los, -nos) as (-las, -nas) se	lhes

Pronomes demonstrativos

	VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
	MASCULINO		FEMININO		
PROXIMIDADE MÁXIMA	este	estes	esta	estas	isto
PROXIMIDADE MÉDIA	esse	esses	essa	essas	isso
PROXIMIDADE MÍNIMA	aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

Pronomes indefinidos

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
SINGULAR		PLURAL		
MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	
algum	algumha	alguns	algumhas	alguém ninguém (tudo) outrem algo avondo cada demais mais menos nada
nengum	nengumha	nenguns	nengumhas	
todo	toda	todos	todas	
outro	outra	outros	outras	
certo	certa	certos	certas	
demasiado	demasiada	demasiados	demasiadas	
mesmo	mesma	mesmos	mesmas	
muito	muita	muitos	muitas	
pouco	pouca	poucos	poucas	
próprio	própria	próprios	próprias	
quanto	quanta	quantos	quantas	
tanto	tanta	tantos	tantas	
vário	vária	vários	várias	
-	-	ambos	ambas	
bastante		bastantes		
qualquer		quaisquer		
tal		tais		

Pronomes possessivos

		SINGULAR (Um objecto)		PLURAL (Vários objectos)	
		MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
SINGULAR (Um possuidor)	1ª pessoa	meu	minha	meus	minhas
	2ª pessoa	teu	tua	teus	tuas
	3ª pessoa	seu	sua	seus	suas
PLURAL (Vários possuidores	1ª pessoa	nosso	nossa	nossos	nossas
	2ª pessoa	vosso	vossa	vossos	vossas
	3ª pessoa	seu	sua	seus	suas

Pronomes colectivos

COLECTIVOS
par (-es), parelha (-s)
lustro (-s)
novena (-s)
dezena (-s), década (-s)
dúzia (-s)
vintena (-s)
trintena (-s)
cento (-s), centena (-s), centenar (-s)
milhar (-es), milheiro (-s)

Pronomes relativos

VARIÁVEIS				INVARIÁVE
SINGULAR		PLURAL		
MASCULIN	FEMININO	MASCULIN	FEMININO	que
cujo	cuja	cujos	cujas	
quanto	quanta	quantos	quantas	quem
qual		quais		

Pronomes multiplicativos e partitivos

MULTIPLICATIVOS	PARTITIVOS ou FRACCIONÁRIOS
duplo (-a, -os, -as), dobro, dúplice (-s)	meio (-a, -os, -as), metade (-s)
triplo (-a, -os, -as), tríplice (-s)	terço, terça (parte), terços, terças (partes)
quádruplo (-a, -os, -as)	quarto
quíntuplo (-a, -os, -as)	quinto
séxtuplo (-a, -os, -as)	sexto
séptuplo (-a, -os, -as)	sétimo
óctuplo (-a, -os, -as)	oitavo
nónuplo (-a, -os, -as)	nono
décuplo (-a, -os, -as)	décimo
undécuplo (-a, -os, -as)	undécimo ou onze avos
duodécuplo (-a, -os, -as)	duodécimo ou doze avos
cêntuplo (-a, -os, -as)	centésimo

Pronomes cardinais e ordinais

NÚMEROS	CARDINAIS	ORDINAIS
1	um, umha	primeiro (-a, -os, -as)
2	dous, duas	segundo (-a, -os, -as)
3	três	terceiro (-a, -os, -as)
4	quatro	quarto (-a, -os, -as)
5	cinco	quinto (-a, -os, -as)
6	seis	sexto (-a, -os, -as)
7	sete	sétimo (-a, -os, -as)
8	oito	oitavo (-a, -os, -as)
9	nove	nono (-a, -os, -as)
10	dez	décimo (-a, -os, -as)
11	onze	undécimo ou décimo primeiro (-a, -os, -as)
12	doze	duodécimo ou décimo segundo (-a, -os, -as)
13	treze	décimo terceiro (-a, -os, -as)
14	catorze	décimo quarto (-a, -os, -as)
15	quinze	décimo quinto (-a, -os, -as)
16	dezasseis	décimo sexto (-a, -os, -as)
17	dezassete	décimo sétimo (-a, -os, -as)
18	dezaoito	décimo oitavo (-a, -os, -as)
19	dezanove	décimo nono (-a, -os, -as)
20	vinte	vigésimo (-a, -os, -as)
21	vinte e um (umha)	vigésimo primeiro (-a, -os, -as)
30	trinta	trigésimo (-a, -os, -as)
40	quarenta	quadragésimo (-a, -os, -as)
50	cinqüenta	quinquagésimo (-a, -os, -as)
60	sessenta	sexagésimo (-a, -os, -as)
70	setenta	septuagésimo (-a, -os, -as)
80	oitenta	octogésimo (-a, -os, -as)
90	noventa	nonagésimo (-a, -os, -as)
100	cem, cento	centésimo (-a, -os, -as)
200	douscentos, duascentas	ducentésimo (-a, -os, -as)
300	trescentos, trescentas	trecentésimo (-a, -os, -as)
400	quatrocentos, -as	quadringentésimo (-a, -os, -as)
500	quinhentos, quinhentas	qüingentésimo (-a, -os, -as)
600	seiscentos, seiscentas	sexcentésimo (-a, -os, -as)
700	setecentos, setecentas	septingentésimo (-a, -os, -as)
800	oitocentos, oitocentas	octingentésimo (-a, -os, -as)
900	novecentos, novecentas	nongentésimo (-a, -os, -as)
1000	mil	milésimo (-a, -os, -as)
10000	dez mil	dez milésimo (-a, -os, -as)
100000	cem mil	cem milésimo (-a, -os, -as)
1000000	um milhom	milionésimo (-a, -os, -as)
1.000.000.00	um bilhom	bilionésimo (-a, -os, -as)

Advérbios de afirmaçom

FORMAS	LOCUÇONS
abofé	com certeza
certamente	com efeito
decerto	com segurança
efectivamente	na realidade
indubitavelmente	na verdade
realmente	por certo
sim	sem dúvida

Advérbios de dúvida

FORMAS	LOCUÇONS
acaso	ao melhor
dizque	por acaso
igual	se calhar
porventura	se quadra
possivelmente	
provavelmente	
quiçá	
seica	
talvez	

Advérbios de negaçom

FORMAS	LOCUÇONS
nem	de forma algumha
nom	de forma nengumha
	de jeito algum
	de jeito nengum
	de maneira algumha
	de maneira nengumha
	de modo algum
	de modo nengum
	de nengum jeito
	de nengum modo
	de nengumha forma
	de nengumha maneira

Advérbios de modo

FORMAS	LOCUÇONS
adrede	a jeito
afeito	a olhos vistos
amodo	a sós
arreu	à toa
assim	à vontade
atreu	ao contrário
bem	ao fim
como	ao léu
debalde	aos poucos
depressa	às apalpadelas
devagar	às avessas
deveras	às carreiras
grátis	às claras
mal	às direitas
melhor	às escuras
	às pressas
	com gosto
Som também advérbios de modo quase todos os terminados em -mente e formas coincidentes com as de certos nomes adjectivos na forma invariável ou masculina (alto, forte, melhor, pior, etc.)	com amor
	de bom grado
	de contínuo
	de cor
	de esguelha
	de joelhos
	de má vontade
	de regra
	de socate
	de súbito
	em geral
	em siléncio
	em vao
	gota a gota
	passo a passo
	por acaso ...

Advérbios de inclusom

FORMAS	LOCUÇONS
ademais	além disso
ainda	a mais
até	assim mesmo
mesmamente	assim também
mesmo	
também	
tampouco	

Advérbios de quantidade

FORMAS	LOCUÇONS
algo	a meias
apenas	ao menos
assaz	aos montons
avondo	ao todo
bastante	de muito
bem	de pouco
demais	de todo
demasiado	polo menos ...
mais	
mamente	
meio	
menos	
muito	
pouco	
quanto	
quam	
quase	
sequer	
simplesmente	
só	
somente	
tanto	
tam	
todo	
unicamente	

Advérbios de tempo

FORMAS	LOCUÇONS
aginha	a cotio
agora	a desora
ainda	a meados
amanhá	às vezes
amiúde	à noite
antano	à tarde
anteonte(m)	à tardinha
antes	de contínuo
breve	de cote
cedo	de longe em longe
dantes	de noite
daquela	depois de amanhá
decontado	de quando em quando
depois	de tempos a tempos
entom	de vez em quando
hogano	em breve
hoje	em seguida
já	hoje em dia
jamais	polo de agora
logo	pola de hoje
nunca	pola manhá
onte(m)	por enquanto ...
outrora	
quando	
sempre	
tarde	
trás-anteonte	

Advérbios de lugar

Formas		
abaixo	aquém	onde
acá/cá	aqui	perto
acarom	arredor	**Locuçons**
acima	arriba	à beira
acô	atrás	à direita
acolá	cerca	à distáncia
adiante	debaixo	à esquerda
aí	defronte	ao rés
alá/lá	dentro	a par
além	detrás	à roda
algures	diante	em baixo/em cima/em frente
ali	fora	em torno
alô	longe	em volta
aquém	nengures	por baixo/por cima/por frente, etc

Conjunçons

	COORDENATIVAS
ADITIVAS	e, nem
DISJUNTIVAS	ou
ADVERSATIVAS	mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto
ALTERNATIVAS	ora, quer, seja, nem, ...
CONCLUSIVAS	logo, pois, portanto, por conseguinte, por isto, assim,...
EXPLICATIVAS	que, porque, pois, porquanto,...
	SUBORDINATIVAS
CAUSAIS	porque, pois, porquanto, como, pois que, já que, umha vez que, visto que,...
CONCESSIVAS	embora, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, por mais que, apesar de que, nem que,...
CONDICIONAIS	se, caso, sem que, dado que, desde que, a menos que, a nom ser que, contanto que..
TEMPORAIS	quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, cada vez que, apenas, mal,enquanto, aginha que,...
MODAIS	como, conforme, segundo, consoante,...
COMPARATIVAS	que, do que, bem como, como se,...
CONSECUTIVAS	entom, daquela, portanto, que, de forma que, de maneira que, de modo que, de jeito que,...
INTEGRANTES	que, se.
FINAIS	para que, a fim de que, porque,...

Contracçons obrigatórias

	PRONOME ÁTONO DE COMPLEMENTO DIRECTO			
PRONOME ÁTONO DE C. INDIRECTO	o / -lo	a / -la	os / -los	as / -las
me	mo	ma	mos	mas
che	cho	cha	chos	chas
lhe	lho	lha	lhos	lhas
nos	no-lo	no-la	no-los	no-las
vos	vo-lo	vo-la	vo-los	vo-las
lhes	lho	lha	lhos	lhas

	PRONOME TERCEIRA PESSOA TÓNICO			
PREPOSIÇOM	ele	ela	eles	elas
em	nele	nela	neles	nelas
de	dele	dela	deles	delas

	PRONOME ÁTONO DE COMPLEMENTO DIRECTO			
ADVÉRBIO	-lo	-la	-los	-las
eis	ei-lo	ei-la	ei-los	ei-las

	este(s) esse(s) aquele(s)	esta(s) essa(s) aquela(s)	isto isso aquilo	estoutro(s) este(s) outros(s) essoutro(s) esse(s) outros(s) aqueloutro(s) aquele(s) outro(s)	estoutra(s) esta(s) outras(s) essoutra(s) essa(s) outras(s) aqueloutra(s) aquela(s) outra(s)
em	neste(s)	nesta(s)	nisto	nestoutro(s) este(s) outros(s)	nestoutra(s) esta(s) outras(s)
	nesse(s)	nessa(s)	nisso	nessoutro(s) nesse(s) outros(s)	nessoutra(s) nessa(s) outras(s)
	naquele(s)	naquela(s)	naquilo	naqueloutro(s) naquele(s) outro(s)	naqueloutra(s) naquela(s) outra(s)
de	deste(s)	desta(s)	disto	destoutro(s) deste(s) outros(s)	destoutra(s) desta(s) outras(s)
	desse(s)	dessa(s)	disso	dessoutro(s) desse(s) outros(s)	dessoutra(s) dessa(s) outras(s)
	daquele(s)	daquela(s)	daquilo	daqueloutro(s) daquele(s) outro(s)	daqueloutra(s) daquela(s) outra(s)

Contracçom optativa

	outro(s)	outra(s)
est-	estoutro(s)	estoutra(s)
	este(s) outro(s)	esta(s) outra(s)
ess-	essoutro(s)	essoutra(s)
	esse(s) outro(s)	essa(s) outra(s)
aquel-	aqueloutro(s)	aqueloutra(s)
	aquele(s) outro(s)	aquelas outras

OBRIGATÓRIA / OPTATIVAS	outro	outra	outros	outras	outrem	
em	noutro	noutra	noutros	noutras	noutrem	
de	doutro	doutra	doutros	doutras	doutrem	
	de outro	de outra	de outros	de outras	de outrem	
	algum	algumha	alguns	algumhas	algo	alguém
em	nalgum	nalgumha	nalguns	nalgumhas	nalgo	nalguém
	em algum	em algumha	em alguns	em algumhas	em algo	em alguém
de	dalgum	dalgumha	dalguns	dalgumhas	dalgo	dalguém
	de algum	de algumha	de alguns	de algumhas	de algo	de alguém

Bibliografia recomendada do apêndice II

Estudo crítico das normas ILG-RAG. Ed. Agal

Nova gramática do português contemporáneo. Sá da Costa ed.

Nova gramática para a aprendizaxe da língua. Via Láctea ed.

Índice

Um manual imprescindível e desmitificador....................p.9
Breve Introduçom à ediçom digital de 2006..................p.11
Prefácio..p.13

Tema primeiro

A língua da Galiza..p.15
As três bandas verticais...p.15
A territorialidade e o nome..p.17
Ortografia...p.18
Alfabeto gráfico e fonético..p.18
Grafias de uso sistemático...p.20
Com as nossas palavras...p.24
Topónimos e gentílicos..p.24
Bibliografia..p.26

Tema segundo

Sociolingüística...p.27
Conceitos fundamentais..p.27
Ortografia...p.30
Os pontos de interrogaçom e exclamaçom................p.30
Acentuaçom...p.31
Com as nossas palavras...p.35
Acentuaçom dos cultismos.......................................p.35
Os dias da semana...p.36
Morfossintaxe...p.38
O artigo diante dos dias da semana..........................p.38
Bibliografia..p.38

Tema terceiro

Sociolingüística...p.39
Funçons sociais das línguas....................................p.39
Ortografia...p.42
Uso do gê (+e, i), jota e xis.......................................p.42
Morfossintaxe...p.44
Sufixos e terminaçons..p.44

Com as nossas palavras..**p.46**
Apelidos...p.46
Bibliografia..**p.48**

Tema quarto

Sociolingüística..**p.49**
Os tipos sociolingüísticos..p.49
Morfossintaxe..**p.51**
O género dos nomes (substantivos e adjectivos).........p.51
Com as nossas palavras..**p.56**
Falsos amigos...p.56
Bibliografia..**p.59**

Tema quinto

Sociolingüística..**p.61**
O desacordo na escolha de um padrom para o galego..p.61
Ortografia..**p.64**
Uso do *agá*..p.64
Uso do *quê*..p.64
Uso do *bê-uvê*...p.65
Morfossintaxe..**p.66**
O número nos nomes (substantivos e adjectivos).........p.66
Com as nossas palavras..**p.68**
Expressons próprias: a fraseologia galega................p.68
Bibliografia..**p.70**

Tema sexto

Sociolingüística..**p.71**
A prática lingüística: fala e escrita.............................p.71
A necessidade de um padrom fonético para o galego...p.73
Ortografia..**p.74**
Uso do *cê, zeta e cê-cedilha*.......................................p.74
Morfossintaxe..**p.76**
Outros sufixos e terminaçons...................................p.76
Com as nossas palavras..**p.77**
Palavras de escrita duvidosa (I)...................................p.77
Bibliografia..**p.79**

Tema sétimo

Ortografia..**p.81**

O uso do traço..p.81

Morfossintaxe..**p.82**

Usos de *te - che /o - lhe*..p.82

Com as nossas palavras..**p.84**

Palavras de escrita duvidosa (e II)...............................p.84

Bibliografia...**p.88**

Tema oitavo

Ortografia..**p.89**

Uso de *esse simples* e *esse duplo*............................p.89

Outras normas do galego-português............................p.90

Morfossintaxe..**p.92**

Colocaçom do pronome átono.....................................p.92

O pronome átono pleonástico......................................p.94

Infinitivo pessoal. Paradigma e usos............................p.94

Bibliografia...**p.96**

Apêndices (I)

O verbo..**p.97**

Os valores das formas verbais..................................p.97

Paradigma dos verbos regulares das três conjugaçons........p.99

Verbos em *-azer, -uzir*..p.102

Verbos acabados em *-iar, -uar, -ear, -oar*.....................p.102

Verbos em *-oer, -aer, -uir*..p.103

Verbos com alternáncia *i /e* e permanência de *i*............p.103

Verbos com alternáncia *u/o* e permanência de *u*..........p.104

Verbos irregulares..p.105

Perífrases verbais...p.114

Particípios duplos..p.115

Bibliografia..**p.116**

Apêndices (e II)

Outros paradigmas..**p.117**

Preposiçons...p.117

Pronomes...p.118

Advérbios..p.120
Conjunçons..p.126
Contracçons...p.126
Bibliografia...p.128
Índice...p.129

Quando nos decidimos a elaborá-lo, moveu-nos o intuito de reunir, de umha parte, alguns dos que julgamos mais interessantes contributos da sociolingüística aplicada ao caso galego. De outra parte, apresentamos, de maneira resumida, os aspectos mais importantes da gramática galego-portuguesa. Tentamos assim evitar à pessoa interessada ter que recorrer às grossas gramáticas e aos áridos prontuários.

O Manual está pensado para pessoas que partem já de umha consciência favorável à língua, umha motivaçom que até hoje nom achava no mercado editorial o instrumento que lhe permitisse achegar-se ao conhecimento do galego de maneira autodidáctica sem ter que converter-se num especialista.



ARTÁBRIA fundaçom